

presente marzo 2022



A revista **presente** foi criada no começo de 2021 - proposição de Anna Maria Maiolino e Paulo Miyada -, para ser um espaço de correspondências e trocas entre agentes artísticos, no desejo de pensar enredamentos, movimentações e possibilidades de ação em meio ao olho do furacão. Seu coração é as Artes Visuais no Brasil, mas por muitas vezes enveredou por geografias mais distantes, possibilitando trocas e acessos a outros devires. Para sua terceira edição, foi pensado um formato agregador, mais abrangente e, de certa forma, mais experimental. A partir da provocação de pensar uma carta aberta assentada neste presente para nele criar desvios e fabular outros futuros - uma forma de abrir caminhos para este ano recém estabelecido, o sopro de fúria e esperança tão necessário para encontrar continuidade na catástrofe -, o que reunimos nesta edição são os afetos a esta provocação, elaborados por 34 diferentes colaboradores e coletivos.

Esta edição é também a última deste primeiro ciclo de circulação da revista presente. Avaliar rotas, olhar o percorrido, faz parte deste comprometimento com um tempo de agora e, depois deste um ano de atuação, tomaremos fôlego para entender qual o papel desta publicação no cenário que se anuncia.

Todas as edições da revista foram produzidas de maneira independente e, tanto suas versões em português como as em inglês, seguirão disponíveis para download gratuito pela plataforma da revista, podendo ser impressa, compartilhada e distribuída desde que sem fins lucrativos.

- 03 **Apresentação**
- 06 **Abya Yala, 2021**
Sumé Aguiar e Galciani Neves
- 09 **Andando em círculo, 2021**
Sonia Gomes
- 13 **Correspondência 1**
Anna Maria Maiolino e Paulo Miyada
- 18 **The City that Wages Love [A cidade que declara o amor]**
Ama Josephine Budge
- 29 **Correspondência 2**
Gustavo Caboco e Idjahure Kadiwéu
- 39 **Deep data**
Renata de Bonis
- 40 **Esticando o presente**
Birico Arte
- 44 **Conselho de classe**
Bruno Novaes
- 50 **Correspondência 3**
Ebó de palavras para Neusa Santos Souza
- 56 **Alguém vem comigo?/Você vem comigo?, 2020**
Gaya Rachel
- 58 **A seduzida**
Elen Braga
- 61 **Caminho se conhece andando, 2021**
Gokula Stoffel
- 68 **Bloco de notas, 2021**
Pedro França
- 69 **Caderno de Notas (A partir da obra de Wassily Kandinsky "Quadro com mancha vermelha")**
Ana Martins Marques
- 71 **Correspondência 4 (1/3)**
Daniela Avelar e Patrícia Galelli
- 72 **Presente**
Lívia Aquino

- 81 **0 coletivo é pulso**
Coletivo Dodecafônico
- 85 **Sonho de obsidiana**
Edgar Calel
- 93 **Para os que aqui estão**
Lívia Gonzaga
- 94 **Museu imaginário**
Leandro Muniz
- 98 **Correspondência 4 (2/3)**
Daniela Avelar e Patrícia Galelli
- 99 **Correspondência 5**
Raphaela Melsohn para Lygia Pape
Raphaela Melsohn para Maria Martins
- 102 **Excerto de Meditações - XVII, de John Donne**
Enviado por Stefania Pelusi
- 103 **A Caverna**
Brisa Noronha
- 106 **0 futuro e a promessa da noite**
Julia Cavazzini
- 109 **0 que é?**
Aislan Pankararu
- 112 **Correspondência 6**
Jacopo Crivelli Visconti para Paulo Miyada
- 115 **Política de privacidade**
Bárbara Mastrobuono
- 123 **Correspondência 7**
Renan Marcondes para os Dias
- 128 **Correspondência 4 (3/3)**
Daniela Avelar e Patrícia Galelli
- 129 **Martírio, 2021**
Luísa Brandelli
- 133 **Carta a quem me lê**
Paloma Durante



Por alguns dias andei por estradas de terra. Via que junto das folhas e raízes das árvores existiam esses grandes buracos criados por escavadeiras, essas que são enviadas por construtoras na constante reprodução extrativista que essa terra sofre. Deixei ali um recado, desenhei nessa terra escavada uma outra forma de compreender as dimensões e políticas desse espaço, um símbolo decolonial. Dos desejos que movimentam o meu fazer artístico encaminho minhas energias nos processos de transmutação, ressignificações, retomadas de minha origem, processos que me movimentam num caminho de reconexão à palavras, à dimensões de existência, ao puri que meus parentes e ancestrais cultuam no tempo. Minha cabeça ocupa no mapa o lugar que minha mãe nasceu. Retorno. Inverto. Coabito. Busco corromper o que a ideia de nação faz, o que o Brasil representa e a todos os seus símbolos de alienação e desconexão com a terra que aqui existem.

Um mapa invertido, depois um corpo-mapa

A diferença entre agir e pensar é marcada por muitas disparidades quando olhamos para os povos e suas cosmogonias. Para os povos originários, a vida ocorre em ciclos e processos que compõem seus calendários e, assim, diversas práxis cotidianas, como a caça, a pesca, as colheitas, assim como os rituais, se organizam e desses ciclos e processos são co-dependentes, garantindo uma conexão entre os indivíduos e a terra. Em sua longa história de convivência com a mata, os Aimas (agentes indígenas de manejo ambiental), detentores de uma memória profunda sobre a terra, contam que nunca alterações atrapalharam tão intensamente seus calendários e interferiram de modo tão agressivo nos trabalhos realizados. Há uma série de bioindicadores no meio ambiente observados pelos Aimas, com os quais interagem desde os primórdios. Toda uma complexidade de acontecimentos, como, por exemplo, o nível da água dos rios, canto de sapos, constelações que marcam períodos, tem sofrido reorientações. Perceber, ser e pertencer à terra são parte do precioso legado dos povos originários. Em agosto de 2021, na videoconferência “Conhecimentos Associados à Biodiversidade”, Izaque João, do povo Guarani Kaiowá, Doutorando no Departamento de Antropologia da USP, explicou: “nós temos que refletir muito o ambiente o qual estamos vivendo, (...) sem isso acabamos agredindo as naturezas e agredindo o outro, esse outro que é muito mais difícil de entender, aquele ser que nós não conseguimos enxergar, aquele

ser que está dentro da água, das matas, dentro das pedras e de outras coisas. Aquilo que não conseguimos enxergar, mas existe". Por conhecerem tão profundamente a terra, essas pessoas têm uma percepção precoce das mudanças ambientais. Os Baniwa têm um conhecimento ancestral de como se relacionar com a terra, pois aprenderam com os heróis-míticos Ñapirikoli e Kowai. Mas parte dessas regras de uso do solo foi perdida ou desvalorizada ao longo da colonização. Muitos vivem nas mesmas terras há 10.000 anos, mas, depois da invasão e dos incontáveis efeitos das alterações climáticas, viram *Abya Yala* se transformar. *Abya Yala* é a expressão que, na língua do povo Kuna, significa "Terra madura", "Terra Viva" ou "Terra em florescimento". *Abya Yala* é o nome que vem sendo pronunciado pelos povos originários para designar o continente em contraponto ao nome América. *Abya Yala* não é terra que se conhece, que se cartografa, um território-tesouro excêntrico a se conquistar, tampouco, um terreno minado do adversário. *Abya Yala* é onde Sumé deixou seu recado. Uma terra onde enfiou os dedos dos pés, onde pôs a cabeça para saber da mãe. É um com quem Sumé é corpo. Sumé está onde *Abya Yala* está.

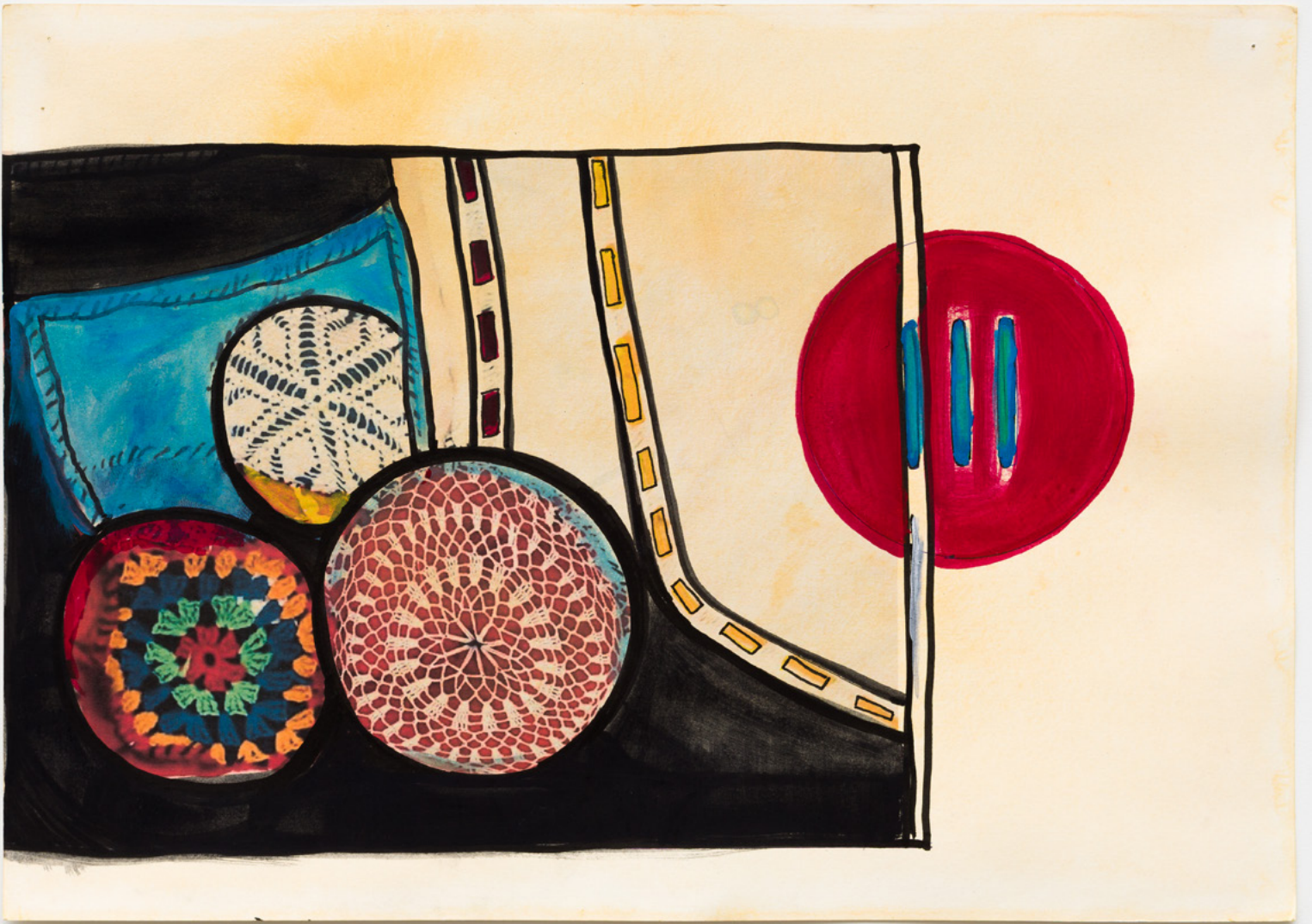
Andando em círculo

Sonia Gomes











Querida Anna,

Você está bem hoje? Estar vivo nestes tempos tem sido muito intenso.

Escrevo porque há algo que não consigo tirar da cabeça e gostaria de compartilhar com você. Nos últimos dias, ouvi duas pessoas que presenciaram uma experiência artística fizeram leituras cuidadosas, identificarem contribuições importantes para a coletividade e para a sensibilidade, mas, no final, disseram: as coisas estão tão ruins no momento que isso não é o suficiente.

É claro que eles têm razão. Os problemas são tão profundos, as urgências tamanhas e as violências descaradas a tal ponto que nada seria o suficiente. Nem mesmo se houvesse, hoje mesmo, digamos, o impeachment de Bolsonaro, poderíamos dizer que isso é o suficiente. E aí começa minha inquietação. Se colocarmos no começo, e não no fim, a afirmação de que nada será suficiente, o que poderíamos defender do que se possa ou do que se deva fazer?

De tanto pensar, cheguei à conclusão de que, no fim, a ideia de suficiência não serve para medir decisões éticas e estéticas. Suficiente rima com eficiente e esse é o parâmetro do poder, não da necessidade. Ética e estética operam pela necessidade porque tal caminho é o único admissível segundo uma bússola interior profunda, e não porque há garantias de que essa ou aquela decisão será recompensada.

No Brasil atual, uma das poucas fontes de esperança são pessoas que têm arriscado seu futuro, sua liberdade e sua própria vida para denunciar esquemas perversos de corrupção, negacionismo e genocídio. Ao revelarem documentos escondidos, essas pessoas têm contribuído para rasgar o véu de mentiras que envolve o poder constituído. Porém, se antes de realizarem seus gestos éticos elas tivessem ponderado - de modo realista - sobre as probabilidades de que as denúncias não fossem suficientes nem mesmo para gerar punições aos diretamente implicados pelos crimes documentados, que dirá para transformar as estruturas do poder, elas provavelmente se absteriam desse risco.

Se trouxermos essa reflexão ao campo da arte, tal abismo se torna ainda mais tangível. Quem faria ou veria arte sob a exigência da suficiência? Por sua própria natureza, a estética é um exercício de confrontação com a impossibilidade de comunicar a totalidade do que se sente, pensa ou intui. Ela existe justamente como refinamento do embate com a intraduzibilidade inerente à linguagem, um refinamento que sabe ser

impossível extinguir o erro, mas por isso mesmo redobra os esforços na luta com os limites do que pode ser feito, dito e silenciado.

Por isso, talvez, cruzamentos da estética com a ética sejam tão significativos. Quando o estado do mundo coloca em tensão a existência, a arte passa a ter um papel por estar acostumada a viver no limiar do possível e do impossível. Não há nada que torne os artistas mais propensos a terem soluções prontas para as contradições de seu tempo, mas há algo que os torna especialmente hábeis em lidar com doses combinadas de fúria e esperança. Desde que, claro, eles não se percam na busca pelo suficiente e sigam perseguindo o necessário.

Te escrevo tudo isso, Anna, porque penso que a própria existência desta revista seja algo que tem muito pouco a dizer sobre o suficiente, mas muito sobre o necessário. E porque sei que você teve todas as oportunidades para ceder ao peso do mundo e dispensar a continuidade da arte. Guerra, fome, pobreza, ditadura, genocídio, queimada, sufocamento. Por que seguir fazendo gestos estéticos e éticos? Existe um porquê?

Um abraço saudososo,

Paulo

Paulo querido, apesar de tantas insanidades presentes, procuro ser proativa e estar bem.

É verdade, as coisas estão muito ruins no Brasil de agora, tanto, que parece que os significados expressos nas obras de arte não são o suficiente por fazermos parte, há muito tempo, de uma sociedade extremamente adoecida - especialmente quando se trata da ética. Mesmo algo profundamente legítimo como a capacidade de transformação proposta pela obra de arte, já devidamente comprovada no tempo, vem sendo questionada e sabotada. Urge recuperar os valores da necessidade - sentimento o qual nenhum indivíduo pode escapar - e resgatar, assim, a grandeza dos conceitos fundantes da existência humana. Só então poderemos usufruir totalmente da dimensão ética e poética do trabalho artístico e da vida. Quem sabe o Brasil se livre de Bolsonaro, mas o dano que ele deixará na vida da maioria da população é enorme, inclusive o risco de continuidade de outros movimentos autoritários. Teremos que organizar uma força conjunta para recuperar a educação e as instituições de arte e, especialmente, para salvar os pobres e miseráveis. Tens razão na sua carta: suficiente rima com eficiente, parâmetro de produção e poder que fica longe do desejo de ser. Estamos vivendo em uma sociedade que evita pensar as necessidades básicas humanas, muitas vezes desrespeitadas e pulverizadas pelo pensamento funcionalista do poder dominante, que limita o desenvolvimento da vida e da arte. Te digo que, frequentemente, nesse redemoinho de situações aviltantes, sinto-me como alijada do mundo e do país onde vivo. Nessa inquietação, encontro amparo no fazer artístico. Foi movida pela falta e pelo desejo de estar com os outros que, com entusiasmo, junto contigo, deu-se a publicação online **presente**. Essa foi a singela maneira de compartilhar com amigos e colegas sentimentos e ideias, e me atrevo a dizer que a publicação tornou-se ação estética pela participação de muitos. Sim, amigo, existem muitos porques para seguir alimentando gestos estéticos. A arte se manifesta de forma pré-lógica, através da intuição poética do artista, revelando uma forma de conhecimento anterior aos conceitos, nascida pelo efeito da vontade.

A exigência da agência e do mérito são agentes de um rígido sistema de controle e procedimentos formais da nossa sociedade que, comprometida com a corrupção, dispara sentimentos anti-humanos e aplaude necropolíticas.

No dia primeiro de fevereiro de 2004, no meu caderno de anotações, diante da beleza da paisagem do Rio de Janeiro, já me perguntava: por

que fazer arte, se a natureza pode ser tão bela? Faço arte por necessidade. São justamente os processos de elaboração e a preparação das obras de arte que me permitem (re)conhecer quem eu sou e quem são os outros. Que permitem que eu me (re)alimente do entorno e da natureza, sempre cambiante. Tudo isso desperta em mim um olhar sempre novo. Sim, meu amigo, existem muitas razões que exigem que continuemos a realizar gestos estéticos e éticos. O homem que cria, em geral, o faz por absoluta necessidade. Deleuze, na seminal publicação intitulada *O que é o Ato Criativo?*, confirma o vivo sentimento que trago em meu coração. Para ele, a arte é o que resiste, e daí a estreita relação entre o ato de resistência e a obra de arte. “O ato de resistência tem duas faces. Ele é humano e é um ato de arte (...). Nem todo ato de resistência é uma obra de arte, embora, em certo sentido, seja. Nem toda obra de arte é um ato de resistência, mas em algum sentido, é.”

E, observe o que diz Einstein em *Como Vejo o Mundo*: “O mistério da vida me causa a mais forte emoção. É o mesmo sentimento que desperta a beleza e a verdade criada pela arte e a ciência. Se alguém não conhece essa sensação, ou se não pode mais experimentar assombro ou surpresa, já é um morto-vivo, e seus olhos se cegaram.”

Acredito que os que acham que a arte produzida hoje não é o suficiente, é porque esperam uma receita fácil, uma solução milagrosa para a tristeza que estamos vivendo. Acabam negando a pulsão de vida, grande ou pequena, que se manifesta através das expressões artísticas. Precisamos urgentemente recuperar a alegria e o amor, afastando-nos do sentimento de desolação. Muito inspirador para todos nós é o título da 34ª Bienal de São Paulo: *Faz escuro, mas eu canto*. Sim, é preciso cantar muito, é preciso sonhar muito e fazer muita arte, dançando de forma catártica e tocando muita música. Precisamos voltar a sonhar e acreditar, pois logo o sol nascerá novamente.

Anna Maria Maiolino

A cidade que declara
o amor

Ama Josephine Budge

18

presente março 2022

Você pode pensar que eu estive adormecida, eu - o sangue e a poeira; a gordura da kelewele e o fedor da Lagoa Korle. Eu, que frequento as calhas de Sodoma e Gomorra; eu, que lambo os calcanhares dos carros recém encerados enquanto eles cruzam a Oxford Street; eu, que me nutro das sementes de tomate descartadas pelos vendedores do Mercado Makola e cintilo maliciosamente entre os arranha-céus ao redor do aeroporto, do Marina Mall e do East Lagon. Eu sou a cidade e minhas crianças, minhas impacientes crianças, estão novamente vigilantes.

O dia em que a magia deixou a nossa cidade foi um dia relativamente normal. Eu não me lembro se ela havia se esvaído completamente quando eu acordei, ou se foi nos abandonando ao longo do dia. Nós ficamos com tanto medo de mostrar nossas cores: a carne de nossos abdomens e coxas brilhando em furta-cor, as numinosas matizes de fúcsia e borgonha, índigo e turquesa que ondulavam na escuridão.

O medo nos ensinou a não olhar, não verificar. O medo nos ensinou a nem mesmo rezar para os nossos Deuses: nossas cidades e vilas, nossos rios e lagos e montanhas. Portanto, não posso dizer que as ruas se levantaram em algum momento, compondo paredes rachadas de fúria. Eu não estava na estrada de Tema ou no aeroporto de Kotoka tentando escapar antes que a lei entrasse em vigor. Eu só posso contar que ao anoitecer nós estávamos nus, saqueados, esvaziados e trancafiados aqui com os nossos demônios, tanto com aqueles que nós mesmos criamos, quanto com aqueles que foram gerados em úteros de pólvora e sangue. Eu só posso te contar que, quando a lua nos virou as costas e eles vieram até mim encobertos pelas sombras do amanhecer, tentei me agarrar com força ao pouco poder que me restava, mas o que encontrei foi o oco, uma cabaça de ordenha vazia e, pela primeira vez em minha vida, eu me senti completamente só.

Mas, o que estou fazendo começando pelo final da história? Você talvez nem saiba o que é magia, dependendo do lugar em que você esteja lendo isto. Ou, talvez, você viva em uma cidade, um vilarejo, em uma comunidade feita de jangadas flutuantes onde a magia vive tão perto de sua pele que você a respira todos os dias sem se dar conta de que é sua casa que está falando com você, te dizendo: você é amado.

Tudo começa, é claro, com as cores. Nós sempre as tivemos, sempre estiveram entre as nossas palavras sagradas e nos ritmos dos percussionistas, nascidas de tanto em tanto em cada geração, indo em peregrinação até um ancião *Evocador* que delas se lembrasse. Mas quando o homem branco aqui

chegou com suas igrejas e armas, ensinando os homens a serem “mestres” ao invés de servidores e aprendizes, os *Evocadores* tiveram que se esconder e as *nyankonton* - as crianças arco-íris - foram encobertas ou mandadas embora, no melhor dos casos, e no pior dos casos desapareciam.

Durante os anos de ocupação, quando a nossa memória foi queimada pelas Bíblias, pelo chicote e pelo peso do tempo, todas as famílias passaram a temer as consequências de um nascimento vergonhoso, de um filho do “pecado”. Pecado: uma palavra estrangeira, plantada em nossas bocas e empurrada goela abaixo como uma doença venérea, nos fazendo apodrecer por dentro. Então nós e nossos irmãos e irmãs de diferentes formatos de corpo, diferentes números de membros e diferentes usos da sonoridade da língua fomos frequente e antecipadamente arrancados da existência, e nossos espíritos permaneceram muito abaixo da superfície. Furiosos.

Mas nós sobrevivemos, é claro. Nós somos os melhores nisso. E nas décadas que se sucederam depois da independência, na medida em que algumas coisas ficaram melhores e outras piores - e ao nosso redor o mundo seguia adoecendo - nossas cores ressurgiram. Eu fui um dos cinco em meu vilarejo na Upper Eastern Region, mas nós não conhecíamos mais nenhum ancião, nenhum percursionista e nenhum *Evocador* para nos mostrar como aproveitar dos ritmos, dos zumbidos, das batidas e agitações que reviravam as nossas entranhas e subiam pela nossa espinha, se enraizando em nossos corpos e preenchendo-os de vida. Ainda assim, alguns de nós eram capazes de fazer nascer uma batida que fazia qualquer um que ouvisse parar e dançar. Yaw, meu melhor amigo, com suas solas dos pés grossas de beijar o chão, seu short folgado de segunda mão, sua imaculada veste “California Surf Life” e seu sorriso tão quebrado quanto lindo, como o vidro da Malta Guinness, poderia levar os teus pés a um frenesi absoluto. Ele era capaz de atrair jovens amantes pelo movimento de seu quadril, fazendo com que eles compartilhassem de seu hálito faminto e suor abundante, assim como das gotas de óleo de *nim* escorrendo entre cabeças imaculadamente trançadas, torcidas e raspadas. Ele se meteu em problemas mais do que pequenos quando éramos garotos, inebriado com sua juventude e possibilidade. Alguns outros de nós podiam, com a docilidade da fala, fazer a chuva cair, acalmar uma multidão furiosa ou mesmo desenroscar o cordão umbilical ao redor do pescoço do bebê com ele ainda no útero. E eu? Bom, eu sempre pude nos encontrar, nos ver, nos sentir.

Fosse perto ou longe, as nossas cores sempre me chamaram. E todos nós fomos chamados pela cidade. Nós crescemos como qualquer criança. Eu era mais alto que os outros, com longos membros feitos para vaguar e olhos brilhantes com uma pequena partícula de íris, quase que totalmente brancos. Nossa magia se alongou e bocejou depois de um longo período de recolhimento. Eu amei meu primeiro homem quando éramos ainda apenas garotos, carinhosa e atrapalhadamente enquanto Yaw brincava do lado de fora, e aquilo me pareceu apenas o princípio de algo maravilhoso.

Ninguém sabia porque éramos “daquele jeito”, se tinha relação com as marcas resplandecentes de mãos mágicas que tocaram nossos corpos ou se era mais difícil para nós manter os contratos de respeitabilidade, conter o nosso desconforto. Eu acho que simplesmente tínhamos em nós mais espaço para o amor. Então, eu sempre acreditei que mágica e amor são dois lados da mesma *moeda*. O pecado não tem nada a ver com isso, só o medo: há aqueles que o superam e há aqueles que se curvam diante de seus mesquinhos ditames.

Chamado por mais e por outros, eu comecei a viajar para além de meu vilarejo todos os dias, até que passei a não mais voltar para casa quando anoitecia, passando às vezes dois dias fora, passando dias e mais dias. Então eu segui caminhando, tomando *tro tros* onde era possível, trabalhando nos campos em troca de pão e mangas, ou por uma porção de leite que eu ordenhava de vacas e cabras que encontrava ao longo do caminho. Colhi também histórias, mitos da nossa gente, superstições e rituais, alguns tão arraigados que era difícil até mesmo para os missionários os superarem: “Agora, não se esqueça de, na hora caça, deixar livre o antílope mais novo do rebanho, ou uma fêmea de *nyankonton* vai roubar as suas filhas”; ou um dos meus favoritos, uma canção:

“Ore para o céu quando a lua bem cheia nele estiver
 Ore para o mar quando o pote de *banku* estiver transbordando
 Ore para a terra quando a barriga das mulheres bem inchadas estiverem
 E então o *nyankonton* irá abençoar seu vilarejo.
 Proteja-os quando as tempestades se avizinham
 Proteja-os dos punhos e dos golpes
 Para que os deuses possam beijar-lhes bem o corpo
 E assim eles poderão nos manter livres e seguros.”

Foi assim que eu conheci Kwaku. Ele foi o primeiro *Evocador* em três gerações, mas eu ainda não sabia disso. Tudo o que sabia era que estávamos no mesmo barco pesqueiro. No momento em que nossos joelhos se encostaram eu me senti comprometido com ele como nunca o havia feito com nenhum espírito, vivo ou morto. Eu não sei se ele sentiu as cores inchando através de meu abdômen, surgindo em direção ao seu magro corpo como uma saudação de boas-vindas. Ele cantarolou uma canção ao meu lado, o sorriso pendendo, primeiro levantando o canto de sua boca e depois derrubando-a, roubando meu fôlego, seu dente frouxo pendurado de maneira sedutora.

Kwaku usava um chapéu de palha de abas largas que o fazia parecer muito velho, ainda que não tivesse nem 20 anos. Seus braços eram formados por músculos protuberantes, esculpido pelo remar do barco. Mais tarde, descobri que ele mesmo se esculpiu antes de seu décimo aniversário. Ele tinha uma perna, nove dedos e três dentes, e era a coisa mais linda que eu já havia visto. Nós nunca precisamos falar muito sobre amor e nunca decidimos seguir viajando juntos. Nós simplesmente fizemos o que tínhamos que fazer e escorregamos nessa cadência entre Kwaku e John, como se fosse algo que tivéssemos feito por toda uma vida. Então, não era que tínhamos a intenção de liderar um movimento, ou mesmo mudar as coisas. Mas eu não pude deixar de nos ver juntos: primeiro nosso amor, então nossa casa - primeiro um quarto-sala em Nyaniba, depois uma casa com 5 quartos e paredes descascadas em Achimota conforme nossa família foi crescendo - isso tudo parecia nos chamar. E quantos mais de nós havia, mais nosso orgulho foi nutrido, o brilho de nossas cores foi se colocando à mostra e mais difícil foi entender o porquê de nós termos que nos esconder.

Mas, como eu disse, nós não estávamos planejando uma guerra. Então, quando eles vieram com seus facões e padres, eles nos encontraram abertos e saudando um futuro em que nós éramos livres. E, como nossos ancestrais antes de nós, descobrimos que a hospitalidade pode ter consequências catastróficas. Fomos detidos por apenas três dias naquela primeira vez.

Akosua, uma de nossas filhas, nos disse que deveríamos nos preparar para fugir. Ela havia fugido de sua casa em Ho, na qual sua família se recusava a ver que ela não era seu *filho* e que não poderia se casar com uma mulher. Eles então a espancaram e a deixaram trancada em uma cabana sem ar fresco e comida por muitos dias. Até que sua mãe a contrabandeou para fora daquele lugar para que pudesse escapar. Akosua ainda tem cicatrizes nas costas do

espancamento, mas as carrega com orgulho, escolhendo cuidadosamente tops e vestidos abertos até seu quadril para vestir sua carne suave e brilhante, de maneira a deixar sua sobrevivência estampada para todos verem.

Ela começou alguns exercícios de corrida conosco em casa. Enchemos mochilas com dinheiro, garrafas de água, comida enlatada, suprimentos de primeiros-socorros, roupas íntimas, sapatos, mapas e deixamos cada uma delas em uma sala. Organizamos pontos de encontro e sistemas de duplas para que pudéssemos escapar caso sofrêssemos alguma emboscada. Nós até construímos uma passagem subterrânea na parede de trás de nosso complexo e a cobrimos com folhas secas de palma. Essa foi a noite em que o querido Kofi nos deixou. Ninguém o culpou e ninguém foi atrás dele. Nem todo mundo estava preparado para uma guerra e isso é absolutamente normal. Nenhum de nós deveria estar.

Eles nos deixaram em paz por alguns meses e nós nos atrevemos a esperar que aquilo havia sido tudo, embora seguissemos com nossos exercícios e Little Mo tenha esculpido para Kwaku dois pares extras de muletas, lindamente talhados, as quais deixamos em diferentes partes da casa. Foi então que descobrimos o que eles vinham fazendo ao longo dos últimos meses. Havia rumores sobre um novo projeto de lei: um novo projeto de lei que iria tornar a nossa existência em uma sociedade dita pós-colonial ainda mais precária, mas rumores não poderiam nos ter preparado para o que estava vindo. Esse projeto conta com a colaboração de professores, igrejas e mesquitas como guardiões dos “valores familiares”, colocando nossa existência como uma ameaça. O projeto de lei requeria que aqueles que observassem qualquer ato ou comportamento considerado desviante - de acordo com o comportamento proposto pela cartilha do projeto -, deveria reportar o acontecido para alguma autoridade, que deveria reportar para a polícia no prazo máximo de 7 dias.

Esse projeto de lei tornou proibido que alguém alugasse propriedades para nós, ou nos desse emprego. Esse projeto de lei criminalizou qualquer grupo que queira advogar por nossos direitos, o direito de formarmos assembleias, de lutar por nossos direitos, tendo como penalidade o encarceramento. Na prisão, esse projeto de lei nos oferece a chance de reduzir a sentença se pagarmos - por nossa conta - uma terapia de conversão. Esse projeto de lei legalizou a tortura.

Ele tornou nossa própria existência ilegal. E o alvo não são apenas os *nyankonton*. Esse projeto de lei também ameaça nossas famílias e nossos filhos, nossos colegas e chefes, mulheres, mães e pequenas garotas,

curandeiros e sacerdotisas, pessoas com deficiência, pessoas que lutam pelo meio-ambiente. Estamos todos prejudicados por esse projeto de lei. Então nós lutamos. Claro que sim. Nós saímos às ruas, nós realizamos oficinas em que um *nyankoton* autodidata se propôs a ensinar aos outros como usar seus poderes para autodefesa, como esconder suas cores em situações de perigo e como identificar e se aliar a outros camaradas. Com lágrimas e promessas de retorno, nós enviamos Kwaku para longe, para uma casa segura na região de Volta. Ele foi, pelo que sabíamos, o único *Evocador* de nossa geração e suas memórias precisavam ser protegidas a todo custo. E no meio disso, mais e mais de nós estavam nascendo, a todo tempo. Estimamos que cada vila, cada família, poderia agora se orgulhar das bênçãos que recebiam. Nós realizamos vigílias, escrevemos cartas, importunamos parlamentares e pastores, parentes e anciões; o mundo marchava conosco, mas ainda sentíamos medo do que poderia acontecer. No dia em que o projeto de lei foi para votação, nós planejamos marchar na parte de fora do prédio governamental, para mostrar que nós não éramos estatística, mas pessoas. Pessoas de um amor valioso. As crianças saíram cedo para a rua, para fazer faixas e arrecadar suprimentos, e mesmo quando a cidade começou a se movimentar, passou a mostrar seus músculos, a deslocar seus ossos, até que as pessoas parassem para escutar. Foi o dia em que a cidade ganhou vida. E o dia em que vieram me buscar.

Eu acordei em uma cela. Embora os dois olhos estivessem inchados, eu podia dizer que ainda era cedo para o canto estrangulado do galo que me lembrava do pouco tempo que restava antes de eu, também, ir para a panela. Eu não tinha nenhuma visão do mundo de fora, mas temi que ele tivesse passado. O medo dominando a liberdade. Deve ter passado e eu o devo ter perdido. Eu sabia o que viria adiante. Eu li todas as 25 cláusulas daquele projeto de lei. Eu o traduzi e o condensei em algo digerível para posts de instagram e Tweets. Eu havia escrito cartas para o PM_____ explicando o porquê era desumano e perigoso, articulando maneiras como aquilo iria minar quem nós éramos enquanto pessoas, não apenas enquanto *nyankonton*. Nossa história, nosso legado, nosso futuro. Eu sabia que os meus dois avôs e uma de minhas avós estiveram lá no dia da Fundação, em 1964, na parada da Black Star Square. O dia em que nossa cidade nos disse: o novo Deus e os velhos Deuses em um. Falando sobre nossa liberdade de existência, presenteando seus amados *nyankonton* com a segurança de sua liberdade. Fiquei imaginando se eles teriam marchado conosco agora, aqueles anciões, vivos e mortos, se eles tivessem visto que não poderiam ser livres até que todos fossem.

Mas certamente há algumas coisas que são impossíveis de prever. Você jamais conseguiria imaginar o fedor do seu próprio corpo, pútrido com sangue seco e urina onde você deve ter se mijado durante o espancamento, mesmo não se lembrando do que aconteceu. A insuportável consciência da poeira entupindo os poros encharcados por conta do calor crescente. Além do inchaço da dor, eu podia sentir a cidade. Ela estava, de alguma maneira, mudando, vibrando. Não sei como explicar. Expandindo e contraindo. E então eu entendi: foi para lá que nossa magia se foi; a cidade a tomou de volta. Quando não nos colocamos juntos para destruir os fantoches que estavam tentando fazer de nós, quando poucos sobraram para defender os muitos, a cidade deu um basta e começou a se defender. O tecido do nosso mundo estava mudando e não havia parede, guarda, nenhum deus-do-homem-branco, nem mesmo a falta de ar claustrofóbica de uma cela subterrânea que pudesse nos proteger agora.

Eu havia dito que esse era o final da história, mas agora que eu a contei inteira na ordem certa, acho que cometi um erro. Talvez esse seja o começo.

*Anos depois, eu olharia para esse
dia com arrependimento: arrependimento de não ter deixado
a cidade com Kwaku. Arrependimento por ter
esperado naquela cela ao invés de
encontrar uma maneira de retornar à terra.
Quando eu penso em nossos líderes
olhando em cheio no rosto de nossos deuses e
respondendo ao seu último aviso com
um débil grito de batalha, preparando não o
altar e as oferendas, mas os militares
e as armas de pólvora... Aqueles homens miseráveis,
assistindo a nossa cidade abrir um abismo
largo para engolir os arcos,
a Black Star Square, atirando a própria
estrela como um bumerangue pelos telhados de lata e
arranha-céus para aterrissar estridentemente entre
os muros do palácio presidencial.
Houveram tantos momentos que nos levaram
a isso, nos quais as pessoas poderiam ter dito
não. Não como um povo, não como Africanos, não*

como parentes e professores e donos de bar:
 não, isso não é o que somos, nós
 não somos pessoas que sucumbem ao ódio.

Eu agora me sento aqui, vestido de remorso,
 imaginando se poderia ter feito mais,
 neste cerceado acampamento de guerra, minhas cores
 agora reduzidas a cinzas, as costelas protuberantes
 tomando o lugar de seu brilho. Aqueles que sentam
 ao meu redor, batendo mandioca com
 poeira para incrementar a massa, podem
 ter sido importantes em algum momento, podem até
 ter pensado que eram superiores, ou
 talvez eles possam ter sido nyankonton
 também, eu já não sei, já não posso sentir
 o Chamado. É que quando
 somos despojados de tudo o que nos
 divide, da armadura que mantém longe o medo de
 nos juntarmos aos perseguidos
 somos realmente todos iguais. Ou pelo menos
 em grande parte. Mas ao invés dessa mesma coisa
 se tornar algo glorioso, algo
 vibrante e potente, nós somos todos
 subjugados pelo medo. Nossa mágica perdida
 para uma cidade raivosa e enfurecida,
 que já não pode amar seu povo.

Anos depois, eu olharia para esse dia
 com admiração. Lembrando, mas
 ainda não acreditando, que as paredes da
 cela haviam estremecido com o levante desafiador
 das pessoas se recusando a serem subjugadas
 pelo medo.
 Eu ouvi os protestos, as canções,
 os cantos, as orações. Eu ouvi
 os morcegos estridentes, mergulhando a meia

milha de minha cabeça; então, eu soube que Akosua estava lá, estava viva, recorrendo ao seu poder, chamando os pássaros da noite para si.

Eles guincharam e guincharam por toda Accra, reunindo-se nos pés de manga que margeiam a Liberation Road para atormentar e intimidar os parlamentares que se preparavam para votar o nosso futuro. A cidade parecia ressoar em advertência, rangendo, tremendo, os tentáculos esburacados da Avenida Kwame Nkrumah e Winneba Road desenrolando raivosos e furiosos, os Deuses flexionando exasperados os seus membros enquanto pessoas berravam por “liberdade, liberdade, liberdade”, finalmente.

Eu soube mais tarde que muitos jornalistas proeminentes haviam confessado “voluntariamente” que muitas das histórias homofóbicas e transfóbicas que escreveram eram falsificações caluniosas. Eu gosto de pensar que seus escassos e bem iluminados prédios com terraço ameaçaram suprimi-los durante a noite. Há também as ativistas pelos direitos das mulheres, mulheres parlamentares e um braço inteiro de matriarcas do Mercado Makola que deram a ver o consistente ignorar do feminicídio, infanticídio e violência doméstica que colocam em perigo os valores familiares dos Ganenses. Estudantes ao longo de Accra que interromperam suas aulas para protestar, fazendo greves públicas e prometendo “torna-las virais”, a não ser que a constituição fosse mantida.

Eu ainda não consigo entender como
um protesto coordenado tomou de assalto
a capital, mas eu sabia que nossos ancestrais estavam lá,
marchando junto. Consigo entender
que algo rompeu em nosso povo. A gota d'água. Depois de
tantos anos de corrupção, injustiças, roubo,
desemprego, desabrigados, subornos,
gentrificação, destruição do meio ambiente e dissolução
das práticas Originárias; depois de tantos anos
das coisas piorando, esse foi o momento fatal.

E quando o comitê do parlamento e o próprio
Presidente de Gana
vieram de mansinho até os escombros da cidade raivosa
para formalmente pedir desculpas pela tensão à multidão,
se comprometendo a defender a Constituição que nossos
antepassados lutaram tanto para construir,
todos sabiam que eles não estavam realmente comprometidos. Pelo
menos, não o suficiente.
Mudanças tomariam tempo. A emancipação
tomaria tempo. Mas ao menos nesse dia, e nos anos
de trabalho, compromissos e protestos que seguiram, nós
nos movemos, não para longe, mas em direção à liberdade;
não para longe, mas em direção à nós mesmos.

A cidade voltou a dormir, por agora,
mas como todos os detentores de magia,
seu sono é leve.



Alou alou KADIWÉU, Idjahure. Salve!
Como andam as águas no Rio de Janeiro?

Ontem vi um filme que você me indicou! Tem uma cena em que um caranguejo todo enlameado resiste à poluição, à sujeira e à destruição do "homem moderno civilizado" (palavras do filme) na baía do Rio de Janeiro. Aquela imagem do abandono na relação com um rio... muito comum nas cidades. Um indígena Kadiwéu, chamado Maksuara, utiliza um toco de madeira para cutucar as águas com "lixo flutuante doméstico", paisagem de plástico e musgo, em algum desses rios colonizados do Rio de Janeiro, e encontra um peixe morto... depois um caranguejo vivo, preso nos descartáveis acumulados nas águas. Um caranguejo-sobrevivente: Maksuara, então, dialoga com ele. A cena se costura depois com outro caranguejo, também vivo, livre, nas águas da aldeia Aukre do povo Kayapó, no Sul do Pará. Trata-se de uma cena do filme "Maksuara - Crepúsculo dos deuses" (2007) com direção de Neville d'Almeida e Tamur Aiamara. Filme que creio ser familiar a você por uma série de motivos... agradeço muito a indicação! Gostaria de partilhar contigo algumas (possíveis) impressões que tive, algumas relações (da memória) e questões (das diásporas indígenas) que me vieram à mente durante a minha experiência com este filme. Sinto que preciso ser didático, não pra você, mas pro "outro", ou... talvez pra eu tentar organizar meu fluxo de pensamentos mesmo.

Este filme, fiquei com a sensação, ilustra uma experiência "diaspórica" da ideias dos movimentos -> aldeia -> cidade <<<- retornos. Dos deslocamentos entre vida >>> morte >>> memória >>>. Esse fluxo vivo, como um rio prestes a convocar mais uma pororoca.

Da cena de abertura do filme e das borboletas: Maksuara Kadiwéu nos conduz a outros mundos possíveis que vivem no presente e introduz sua voz artística - da performance, da força interior do ator, sua força do povo Kadiwéu, um mensageiro do povo Ejiwajegi. Não creio que essa cena das borboletas seja atuação. É vivência, vida, relação, pulsação, interioridade, espontaneidade... qualidades que um ator deve ter. No filme-documentário, Maksuara ocupa o lugar de "produtores associados" na ficha técnica. Consigo ver a possibilidade do ator ocupar a cadeira e assinatura de diretor também, formando assim um trio de direção. É possível atualizar a ficha-técnica? Sim... é visível: se muitas dessas cenas não fossem dirigidas, conduzidas, criadas, escritas-performadas, agenciadas e permitidas por Maksuara, o filme não existiria. O convite que Maksuara

faz na cena de abertura é o da transformação, conexão. Creio, aqui no meu relato, que a primeira palavra que gostaria de tentar transformar é “diáspora”. Essa palavra, embora necessária, talvez não caiba à ideia de Pororoca que acredito que nossos corpos fazem quando se deslocam. Um ator indígena, uma pessoa indígena, ao deslocar-se para a tela do cinema, fricciona a ideia de documento, por exemplo. Da demarcação da tela, da demarcação das nossas subjetividades.

Um céu com olhos testemunha a mudança histórica, geográfica, sensorial, a ideia de sentido, a força de resistência dos povos indígenas em movimento. Os olhos da Terra, que também estão no céu, testemunham a jornada de deslocamento de Maksuara, uma “Pororoca Kadiwéu” (?). Vejo, a todo momento, que nós (povos indígenas) temos que atravessar os campos do exótico, do identitário, do traumático, da frustração, das dores, da mudança, da memória, das curas, dos gritos. A ideia de Pororoca Kadiwéu é muito bem visualizada quando o artista atravessa as comunidades do Vidigal, da Rocinha, do Rio das Pedras e do Arraial do Sana com uma multidão de crianças interagindo com sua presença. Seu corpo movendo mundos, Maksuara em forma de pororoca, as crianças peixes-águas. As dores dessa pororoca também são representadas no contraste de cenas da liberdade de Maksuara se banhando nas águas doces da aldeia, com alegria, e acordando num pesadelo de mar salgado em uma tentativa frustrada de mergulho (para se limpar da sujeira, mas as águas estão poluídas da cidade do Rio de Janeiro). A frustração de Maksuara é expressa em gritos, choro, esfrega areia no corpo para tentar limpar este lamento corporificado. As tormentas, encontros das águas.



Há dois dias, foram celebrados os 90 anos da estátua do cristo, o “garoto propaganda do Rio de Janeiro”. Entretanto, não é celebrada a pedra que carrega o cristo nas costas, essa pedra milenar, ancestral e viva que é a pedra do Corcovado, testemunha do Rio de Janeiro indígena e parte desse fluxo, dessa fruição. No filme, a cena em que Maksuara interage com o cristo é uma das cenas mais impactantes das histórias recentes que já aconteceram nesse lugar. Um registro que dá conta de performar o roubo colonial que os povos indígenas tem sofrido, esse lugar de alvo das políticas de violência, genocídio e apagamento. Sabe, fico muito emocionado em ver essa cena manifestada e dirigida por Maksuara no cristo pois sua estátua, no alto do Corcovado, é mais uma evidência colonial. Quando um indígena atravessa essa paisagem, esse ponto turístico, fica escancarada a violência. Em fevereiro de 2021 estive com minha família Wapichana no cristo com o objetivo de nos manifestarmos também... tive uma boa travessia no Rio porque você nos conectou com amigos (salve Mimawai!) por lá, agradeço muito! Mas assistir a esse filme e ver essas cenas de Maksuara foi realmente muito impactante pra mim. Re-atualizou a própria experiência que tive lá com meus parentes.

Sabe, nossa comunidade tem pouco mais de mil pessoas e nela estão mais de dez igrejas. Então, pra mim, a cena do Maksuara realmente representa algo que é presente nas políticas do apagamento e tentativas de extermínio das populações indígenas. Na “domesticação” das nossas Kulturas. E pra mim essa cena também se conecta com as cenas de cura de Maksuara, em que ele canta e reza para o mundo numa paisagem de pedras. Não sei que lugar é aquele, mas ele evoca muita força ali. Também cruza essa cena com nossas travessias Wapichana, quando penso na “Kanau’Kyba”, caminhos das pedras Wapichana.

Tem uma frase no começo do filme que eu coloco em questão: “Após 500 anos de resistência, os índios brasileiros assistem a morte anunciada de sua cultura”. Vejo esta formulação como uma armadilha colonial. Coloca nosso imaginário num lugar de derrota e é necessário também uma diáspora deste imaginário. Sim, a violência está presente, mas não estou (só) assistindo a minha/nossa morte anunciada. Acredito que é preciso reconhecer a força da transformação, como a que Maksuara performa no início do filme com as borboletas, essa também é a nossa contribuição. No campo das artes, por exemplo, conseguimos olhar a exposição “Véxoa: nós sabemos”, com curadoria da Naine Terena, que aconteceu na Pinacoteca em outubro de 2020... ou “Kwá Yepé Turusú Yuriri Assojaba Tupinambá

- Essa é a grande volta do Manto Tupinambá” que Glicéria Tupinambá e seus colaboradores vêm realizando. São significativas contribuições históricas, diaspóricas também, se assim quisermos olhar. Diaspóricas, pois fomos “exilados” do mundo da arte e tomados apenas como “objeto”; “coisa”; “inspiração”. Aí, no caso da Pinacoteca (1905), foram necessários 115 anos de história da arte para uma exposição dessas acontecer. O tempo aumenta quando pensamos na Glicéria, pois os Mantos Tupinambá foram levados a onze museus de história natural espalhados na Europa já no Século XVI, sofreram uma diáspora, e agora ela vem com essa exposição que contorna a linha do tempo e reinventa a própria ideia de retornar/deslocar-se em si mesmo na história do seu povo. Faz sentido?

Voltando ao filme... sobre essa ideia de imaginário colonizado, achei curiosa a cena em que Maksuara dorme em frente a uma fogueira e sonha com seu corpo rodeado de fotografias de ancestrais indígenas. O detalhe, me parece, é que várias destas imagens são de indígenas norte-americanos. A cena é muito impactante... muito bem-feita. A essência dela está ali. Bom, não sei de quem foram as escolhas destas fotografias de indígenas norte-americanos, mas acredito que Maksuara sabe diferenciar índios norte-americanos de seus parentes Kadiwéu. O “outro”, muitas vezes não... mas creio que isso não incomodou Maksuara na cena, pelo contrário, é possível ver que ele está de fato conectado com os seus e a imagem amplia também essa ideia da história colonial contra história ancestral.

Bom, tô aqui abrindo muitas discussões ao escrever pra você, mas acredito que poderíamos falar das nossas ideias de movimentos. Você é Kadiwéu, acredito que do Mato Grosso do Sul, e mora no Rio de Janeiro. Seu pai é Kadiwéu. Eu sou Wapichana de Roraima, e moro no Paraná, minha mãe é Wapichana. Aqui, o Paraná é Guarani-Mbya, Kaingang, Xetá, mas com nossa presença se torna Wapichana também. Por aí, o Rio de Janeiro é Guarani, Pataxó, Tupinambá, Kadiwéu e tantos outros. Me conta? Como andam as águas por aí?

Salve, meu estimado amigo & parente Gustavo!

Apesar do alheio e arbitrário calendário gregoriano: feliz ano novo – nos mais plenos e potentes sentidos de *felicidade* & de *novo*, meu amigo. Tudo que posso dizer é que só nesses primeiros dias desse novo ano que achei um lugar em mim mesmo pra conseguir me corresponder contigo. *Hingá!* Vamos lá!

É realmente bem curioso pra mim você ter apreciado e ter sido provocado desse jeito pelo filme do meu pai, *Maksuara – Crepúsculo dos deuses*. Por muito tempo, eu só o conheci de nome, sempre com suma curiosidade, e só o assisti também nessa recente mostra dedicada ao Neville d’Almeida. E teu afetuoso & generoso convite partir do impacto que a “escrita” dessas imagens causaram sobre você é mesmo de uma aguda delicadeza, primeiro porque, afinal, eu conheço bastante bem o protagonista do filme... E segundo, por causa da série de reflexões que nesse gesto você nos veste

Só assistindo ao filme recentemente foi que descobri que essa fotografia que vejo há muitos anos no arquivo do meu pai faz parte de sua produção. Adoro-a, meu amigo, por toda sua extensão imagística: por estar ele sentado sobre uma esteira, ao pé de uma árvore, com adornos mēbêngôkre, portando um incensório xinguano e inteiro expressão de algo como um perdão, uma adoração, uma louvação cósmica à própria Vida. Como nessa foto, também não tenho a menor dúvida que a dança de Mac Suara com as borboletas é plenitude e nenhuma atuação no sentido de representação cênica. Não poucas vezes, meu pai me disse que em seus filmes ele não atuava – ele era o próprio Ava, Anta, Cunhambebe, Maksuara, Mac Suara... Seu próprio nome, aliás, é sua invenção. É como uma reza, me diz ele, evocar seu próprio nome. Assim entendo: saber de onde vem, quem se é. Seja no coração da mata, seja na selva de pedras.

Tua visão sensível & olhar crítico captaram diversas camadas do espírito desse filme. É evidente que tudo se trata de uma grande “viagem”. E creio, sim, que ela vem antes do pensamento, da cabeça – ou melhor, do *corpo em cena*, em movimento, de Mac Suara. A própria locação do filme, em seu ciclo de movimentos e retornos entre aldeia e cidade a partir do Aukre, aldeia mēbêngôkre da Terra Indígena Kayapó, é senão fruto da relação de profunda amizade entre meu pai e o grande cacique, liderança histórica do movimento indígena brasileiro, Paulinho Bepkororoti Paiakan, amigo que meu pai certa vez me disse se sentir irmanado em um sentido espiritual ancestral.

Gosto daquela outra cena que você evoca, que também intrigou minha



atenção, na qual Maksuara dorme e sonha com os ancestrais, coberto de fotografias de parentes indígenas norte-americanos. Liguei pra ele só para saber melhor dessa cena. As fotos são cartões postais que meu pai ganhou de uma diretora do Instituto Smithsonian. Povos da Dakota do Sul, do Norte, dentre outros, me diz ele. O que me recorda que ele sempre fala com admiração & emoção do livro “Enterrem meu coração na curva do rio” [Bury My Heart at Wounded Knee], estudo sobre a resistência, guerra e genocídio dos povos originários da América do Norte – ou do norte de *Abya Yala*, em coro com tantos de nossos parentes que vêm contemporaneamente reconfigurando nossos entendimentos sobre geografias e histórias a partir de uma retomada linguística & existencial. Meu pai compartilhou comigo a seguinte reflexão, em uma de nossas conversas e entrevistas realizadas pra minha dissertação sobre sua história de vida e a de nossa família indígena sul-mato-grossense, sobre a constelação de povos e personagens do livro de Dee Brown:

"Dali saíram histórias de filmes, literatura, peças de teatro, todos da derrota dos povos da América. É interessante isso, de ter esses caminhos. Eu lembro dos Hopi, do Pé Grande, do Cavalo Doido, do Touro Sentado e do Cavalo Falante. A história que mais me interessou foi a do Pé Grande, porque, na realidade, sinto o Pé Grande como o Marçal de Souza Guarani, que era desse tamanho, mas tinha um pé e uma voz fantástica. Eu sinto que o Marçal de Souza Guarani Kaiowá – assassinado por seis tiros de 38 na madrugada por ser enfermeiro e ajudar pessoas a sobreviverem – e o Pé Grande são os grandes valentes."

Acho extraordinário esse intempestivo cruzamento entre os paralelos geográficos e as histórias de lutas de nossos povos de *Abya Yala*. Acho também fenomenal a tua interpretação do filme como a de uma ilustração de uma experiência “diaspórica”. Na película, nas gerações pretéritas de nossos povos como no presente em nossas vidas, me parece que se trata de uma experiência de infindo & aberto movimento, transformações afora na luta & busca do possível bem viver. Não sei como dizer isso senão a partir de uma experiência pessoal, na qual entendo essa ideia de “movimento” enquanto qualquer gesto expressivo nosso, a partir de nossa história transindividual, coletiva. *Indígenas em movimento*, dizem nossos mestres Ailton Krenak e Daniel Munduruku, como você sabe. Gosto dessa fórmula. É como o curso das nossas águas interiores, através de

diferentes paisagens, territórios, que se alimenta e bebe das águas cósmicas desta esplêndida Terra.

Amigo Kaboko, preciso te dizer que te acho de uma multiplicidade fascinante. E que você vem com perguntas difíceis, que a gente já sentiu & até conversou, mas que são imensas! Nessas indagações, é também como se você estivesse pondo a mão numa parada sensível, n'algo como uma ferida colonial, sabe, ainda que com jeito & respeito. Eu sinto que, se soubéssemos escutar, as águas da Guanabara teriam não poucas histórias pra nos contar... Tantas terras, matas e rios o teriam. Sabemos escutar como nossos Antigos? E não se trata de nostalgia, mas do fundamento de que *o futuro é ancestral*, conforme diz nosso filósofo Cabeça da Terra. A ancestralidade é nossa contemporânea e talvez uma das maiores armas contra a colonialidade, na medida em que é um compasso ao nosso modo de viver. A ciência da qual viemos para podermos imaginar juntos para onde estamos indo. Jesus de Nazaré é só uma doce criança diante da idade de nossos povos. Há tudo por ser feito e nisso há alguma beleza guerreira; por outro lado, é respirar para não pirar... Aí vai outra recordação: em 2015, em Brasília, testemunhei um emocionado encontro entre meu pai e Paiakan durante a Conferência Nacional de Política Indigenista. Não sei há quantos anos os dois não se viam, mas a pura emoção do reencontro naquele contexto foi derradeira. Veio a barranca. Abraços. Lágrimas. E daí a seguinte troca de poucas palavras:

Até quando ?...

A luta continua!

Esses "até quando" & "a luta continua" foram inscritos em mim de um modo indizível, e deles recordei e aqui compartilho, meu amigo, por comporem uma cena que talvez tenha algum sentido para a série de indagações que você levanta. Ser filho de algo dessa história é saber levar adiante os largos contornos dessa luta, mesmo através de roteiros, trajetórias e transformações "diaspóricas". O fundamento profundamente coletivo dos povos originários é tudo: nossa guerra e nossa cura.

São apenas algumas das minhas reações à sua série de provocações, mano Caboco, que poderiam sem dúvida se estender em ainda mais cartas. Prolongaria o gesto, que aqui não coube, para saudar sua Maravilhosa participação na Bienal [dos Índios!], que se seguiu à "Véxoa", ocupações de espaços artísticos que têm sido reais revoluções nos mundos ilustrados das artes – retomando campos de invenção, afirmando autorias, combatendo preconceitos, reformando imaginações, semeando novas relações

para com nossas histórias & povos. A arte indígena contemporânea, ou a arte brasileira feita por indígenas, ainda tem muitos mundos a criar e, na última década, só deu notícia de seu florescimento. Não vou nem começar a falar da espantosa multiplicidade de linguagens & materiais por meio das quais você fabula suas sensíveis, provocadoras e belas obras (só digo que fui tocado por sua animação!, para além das tecelagens, desenhos e poemas... se entrar nessa dá outra carta). Termino esta já não mais à beira da baía de Guanabara, mas do alto Rio Negro. Simplesmente não é um rio que caiba em palavras, nunca vi águas tamanhas! Viajar é preciso... Sempre estivemos em movimento!

Com afeto & alegria,
Idjahure

Deep data (I call your name)

Recentemente, meus anos são marcados por dois momentos, definidos por janelas de 24 horas.

Em uma delas, aguardo ansiosamente pelo seu contato. Na outra, sinto uma permissão implícita para entrar em contato.

Essas duas datas estão relacionadas aos nossos aniversários, e o intervalo de tempo entre os nossos é de 146 dias - que mais pareciam longos e tediosos anos, onde eu podia sentir o peso do imenso corpo de água que nos separava geograficamente em meus ombros, constantemente.

Sob as águas densas e turbulentas do mar, uma infinidade de cabos e fios de comunicação de alta frequência instalados graças à física avançada, tecnologia marinha e engenharia (um trabalho verdadeiramente notável de infraestrutura de rede) carregavam seu nome da ponta dos meus dedos para a tela do seu iPhone duas vezes por ano.

-visto por último hoje às 06: 32-



Salve, família!

Esperamos que estejam bem, nos limites estreitos das possibilidades atuais.

Houve um momento em que se acreditou que a pandemia poderia aproximar pessoas socialmente distantes, por conta de uma ameaça maior que afetava a todos. O aumento da população em situação de rua, a venda de ossos nos açougues e o enriquecimento dos mais ricos mostrou que o resultado foi o contrário. Nem mesmo o luto parece ser compartilhado.

As restrições para reduzir a disseminação do coronavírus fecharam boa parte do comércio formal, das empresas e dos serviços públicos no centro de São Paulo. Não tinha mais quem desse uns trocados na esquina. Os bares que davam um prato de comida ou um copo d'água baixaram as portas - alguns, para não mais levantar. O dinheiro ficou na mão de quem já tinha.

Ainda assim, a vacinação permite a esperança de um respiro com a queda drástica do número de internações e mortos pela Covid-19. Na Cracolândia, de onde escrevemos, o presente é um estado de espírito. Aqui, a vida é dividida em corres. Tem que levantar pensando no almoço e em manguear o jantar. Cada correria não garante mais do que alguns momentos à frente. Futuros são distantes, o que não nos impede de sonhar nessas construções.

Foi assim que surgiu Birico, que podemos chamar de projeto, iniciativa, coletivo de coletivos, arremedo de afetos. A palavra Birico significa uma fração da pedra de crack - de peso e dimensão definida pelo momento e pela mão que parte. Pode ser vendida, trocada ou colocada em outra mão sem a espera de muita gratidão, só no fortalecimento, como quem joga para o futuro. Assim, organizamos entre artistas que dormem na calçada e outros que têm casa, a venda de trabalhos de arte. Um esquema simples de impressões, no que os ateliês e laboratórios fotográficos chamam de "fine art". Coisa fina mesmo.

Depois de custeadas as impressões, metade do valor arrecadado é dividido por igual entre as pessoas que participaram com as obras. Não é nenhum grande prêmio, que nem o do Big Brother, mas, nas duas campanhas, deu para tirar o equivalente a uma parcela desse auxílio que o desgoverno federal chama de emergencial. A Cracolândia é um território iminente, não vale a pena gastar uma carta para explicar o que é urgente e o que é emergente.

O restante do dinheiro repassamos para gente que sempre esteve trabalhando por aqui e ações do território. Compramos um contêiner novo para o Coletivo Tem Sentimento, que busca gerar renda para mulheres trans

e cis da região. Conseguimos comprar outro contêiner para o Birico também e montamos um espaço onde passamos as tardes de quarta-feira conversando, tramando & bebendo, na área do Teatro de Contêiner da Cia Mugunzá, a uma quadra da Estação da Luz. O contêiner do Birico abriga hoje uma impressora de grandes formatos, nossos materiais de arte urbana e o desejo de se tornar uma escola livre de artes gráficas, com funcionamento permanente no território.

Também passamos a pagar aluguéis, por aqui mesmo, para gente próxima da gente que estava sem ter onde deitar e organizar as próprias coisas. A moradia, acreditamos, é o primeiro movimento em direção a uma vida menos sofrida. Não sabemos bem até onde vai. Queremos esticar isso, que está dando certo agora, pelo máximo que der. Isso é planejar o futuro? Ou é só uma projeção do presente?

Apesar de médicos, prefeitos e outras vozes de grande alcance culparem as drogas como causa das multidões que dormem expostas ao vento e a chuva, sabemos que o maior problema da Cracolândia nunca foi o crack. O consumo abusivo de substâncias é só um sintoma das trajetórias de violências que vêm desde nossa colonização escravocrata, com suas heranças de desigualdade, racismo, homofobia, prisões e outros projetos de opressão. Por isso, acreditamos nesse movimento inicial de uma cama e um lugar para guardar a mochila como rascunho de algo novo.

É um tanto de passado recente, porque isso que fizemos, e que ainda não acabou, reverberou, chegou em outros lugares próximos geograficamente, mas, ainda assim, diferentes. O Sesc Bom Retiro, que compartilha o bairro com a gente, fez um convite para montarmos uma exposição. Lá, contamos um pouco desta história que, sonhamos, esteja apenas no começo. Neste momento, ela continua. Se a mensagem chegar em tempo, seria muito bom que vocês passassem por lá.

Durante as discussões para a construção dessa exposição, surgiu a expressão *Fuja Loko!* de uma fala que circula no fluxo. Não refletimos bem o porquê, mas *Fuja Loko* pareceu a todas as pessoas que participaram dessa conversa algo forte e significativo sobre os nossos sentimentos em relação à Cracolândia. Fugir, no imperativo, parece ser uma urgência. Mas do que é preciso fugir? Da polícia? Laurah, nossa amiga do Tem Sentimento, correu da Guarda Civil Metropolitana. Mesmo assim, não conseguiu evitar que o guarda quebrasse o cassetete nas suas costas. Foi atingida porque parou de correr ou porque o mal não descansa? As imagens chegaram à TV, à Assembleia Legislativa e à Prefeitura.

E aí, disseram que o guarda foi afastado. Laurah não precisa mais fugir? Olhando agora as imediações da Cracolândia, não é possível notar a diferença do guarda afastado. No Balanço Geral, o apresentador ainda instiga a câmera a perseguir as imagens “chocantes”, “vergonhosas” das pessoas que usam drogas no meio da rua. É da vergonha que temos que correr? É possível correr dos helicópteros das redes de TV? Fugir para onde? Ninguém falou em se esconder.

Nas pensões e ocupações da Rua Helvetia, os caminhões da prefeitura chegam para abrir o caminho para os tratores. Retiram mulheres, crianças, guarda-roupas quebrados e colchões mofados. Uma ação, dizem na TV, contra o tráfico. Os traficantes fugiram? O crack permanece queimando rápido na esquina. Quem morava ali e foi para rua não tem para onde correr. Quando as paredes caem sem aviso é mais difícil de escapar.

Alguém ainda se lembra daquele dia que derrubaram um casarão com pessoas dentro? “Uma verdadeira loucura!”, podem dizer em expressão impensada. Mas não houve loucura ali. Foi projeto & perversidade. Por aqui, ficamos bem incomodados quando confundem loucura com maldade. Não sei se conseguimos definir bem a loucura, mas a maldade não tem dúvida, na noite de São Paulo, partida em dois. Jato de mangueira gelada varrendo gente da calçada sob o sol que não nasceu. É trevas.

Veja como são as coisas, a conversa já caiu do presente esticado (futuro?) para o presente-passado de tiros-bombas-e-câmeras-de-televisão. Tudo convive em uma espiral de furacão cego de destruição. O governo que auxilia é o mesmo que despeja. Vamos escrevendo os nossos próprios ditados e colando nas paredes. A verdade não atravessa todos os muros, flutua desafiando o sol de agosto e a água da chuva. Não é uma forma de dizer, é como é possível viver.

Com carinho,
beijos inteiros
&
um tanto de Birico



Para cantar as notas

plano desviado em assobio

primeira lição

começar pela casa e pelo que dela se completa na escola. a tarefa para o lar, a ser feita na sala de aula, consiste em assumir o acento agudo que habita, simultaneamente, o professor e['] a pessoa. e com isso, evidenciar todas as faíscas que ocorrem a partir dessa junção - que borra limites entre domesticidade e instituição, intimidade e exibição - para que corpos não se choquem com colégios, nem sejam desmaterializados, despixeados, descorporificados. eles falam pelas costas, nós sabemos por todos os lados. e tanta coisa a gente ensina, mesmo sem saber. aprendemos novas cartilhas. reaprendemos a ler para re-ensinar camaradas, guris e maricas. descobrimos um novo modo de alfabetizar. um outro jeito para oralizar. métodos sem métodos de vocalização. voz de pássaro-amora-formiga. voltamos ao começo. chegamos no quintal.

duetos, binômios e trabalho em grupo

é importante, então, assumir os grifos que se misturam aos escritos e dizer que outras vozes cantam junto. em uníssono. em dobra. em cânone. para além das coisas caídas em *barros*, das notas soadas em *bell*, destaco uma que me confunde num apartamento em urano: quem sou eu para querer cantar (a)*preciado*? canto baixinho, no sussurro, interessado mais na potência que no poder; mais no micro que no macro. de um modo abrangente, percebo a vontade de levantar dúvidas sobre a veracidade e hegemonia dos arquivos e, num contexto específico, produzir contra-narrativas capazes de questionar modelos dominantes da escola. para isso, urge a necessidade de criar uma nova gramática que imagine outras formas de vida e dê novos nomes às coisas. que possa revelar mundos a partir das margens e que seja feita para e por nós, os caídos, crianças de asas quebradas, amantes do peito furado.

brincar-fingir: a escola de faz-de-conta se interessa pela potência criativa, imaginativa, lúdica e inventiva mas também em apontar um fingimento que há em potencial. olhar para os assuntos e sujeitos que são deixados de fora de um currículo hegemônico e, num tempero agridoce, convidar para ver de perto. ela se cria por acervo e experiência, na

documentação marginal que se dá tanto no flagrante solitário quanto no fazer-estar com o outro. em passeio-prática, em corpo-carteira, em canto e pelos cantos. se encontra no desvio, instaurando possibilidades mais afirmativas para a invenção de existências próprias.

casa-oficina: se materializa meio água, meio terra. ao som do tico-tico. de gota que infiltra e inunda. se dá naquilo que acontece atrás. nasce a partir do chão. em plano baixo. assentada em barro. modelada pelo pé que dança e pelo sopro do vento nas folhas. é trazida nos balões que levam crianças em coro. nos ensina a passar a linha na agulha e entender o ritmo daquilo que se costura. o tecido da pele, das pessoas, da praça. reparar o pano de fundo. revelar feridas para delas bordarmos o baile dos pássaros que deslizam na borda de nossas bocas até tirar a última gota de sangue e com ela escrever nas paredes das casas e colégios o nome próprio das pessoas certas. quem escreveu. quem leu. quem sentenciou. quem silenciou. desvelar verdades enraizadas que dormem esquecidas. encontrar os cacos que formam um novo mundo. aprender com cada pista posta à prova. fabular para descobrir quem somos.

instaura-se uma atmosfera simultânea à realidade que nos coloca em contato com nossa natureza. canal aberto, exercício de revisão. de mãos dadas, somos todos educadores - adultos que brincam. alguém disposto a desaprender.

grade ou asas curriculares

1º ciclo

num quintal maior que o mundo
tudo é inventado
quando o mundo não parece seu

2º ciclo

edícula – encruzilhada
lugar em que se cultuam os deuses
lugar de encontro

3º ciclo

conduzir em estado de festa
[andar lento ainda é andar]

dançar não é andar
 deslizar não é andar
 voar não é andar

4º ciclo
 a escola não está preparada para a criança preparada
 para os morcegos
 para os caracóis
 para o peixe preparado para ser pássaro

notas de um conselho de classe

reunidos ao fim de um ciclo
 pensamos urgências de [des]construção
 para fugir em fúria y esperança,
 olhar pra trás e inventar outros futuros

responder *presente*
 indica estar
 revelar em meio a tantos
 a tontura
 em fila, círculo, sala
 ouvir sua voz passar sua boca
 entrar num outro corpo
 e ser devolvida a você
 em riso, dúvida, fala

– falo –

de quem brinca escondido
 deita o lápis pelo olho
 corre tinta sobre os lábios
 sobe em saltos
 assalta armários
 da mãe, da irmã, da tia, da avó

daquele que cultua santo oco
 ecoa o outro invés de si

e só atrás sustenta
 e canta, mesmo que bemol
 daquela que arranha a garganta
 tosse, cospe, jorra
 joga e é jogada fora
 vermelho, rubi, roxo, púrpura
 carne-súplica
 espera-volta
 daquilo que a gente começa de pequeno
 num fundo de casa, num canto de escola, de um lado ou de outro do muro
 alguém responde *presente*
 alguém risca o giz no chão
 firma o ponto
 traça uma cartografia

parecem notas
 os pássaros pousados nos fios da rua
 ditam o canto de uma ópera de vozes miúdas
 vozes pueris
 vozes calejadas
 agora somos heróis
 sacis e rainhas
 mateus-laudelina-cleópatra-carolina
 nossos cavalos são de pau, pedra e pó
 farpa, ferrugem e farrapo
 e falam na língua que quiserem
 outros juízes da realidade se avizinham
 dançam junto
 desejam conceber o inexistente
 ajudar a olhar e ensinar o que viram

exame e conselho final

este é um momento único para que você sente nesta carteira, numa tarde
 de dezembro, quase quarenta graus lá fora e o sol a brilhar os reflexos
 de pó de giz que sujam o seu jaleco. em círculo, você vê a gota de suor
 que desliza dos rostos companheiros, pinga nos copos de café e umedece
 as bolachas. as pilhas de diários que não deveriam contar nada de íntimo,

ressoam dentro da sua cabeça as vozes dos que caminharam ao seu lado e te viram envelhecer. são cadernos que trazem vestígios de terem ocupado a casa e a escola. de terem se chocado com as pessoas desses lugares. de terem sido o espaço em que você se fez perguntas quando pensava sobre como aprendeu a aprender. no canto da página, em caneta vermelha, você parece esboçar o que estampará algum teste. cruel de sua parte pedir que alguém de fora dessa sala se lembre da sua escola e tente responder:

- 1. quais as relações entre o conteúdo pedagógico e as interações entre professores, pais e alunos?
- 2. como aplicar às crianças códigos e éticas nos quais você não acredita e não aplicaria a si?
- 3. afinal, estamos a amplificar o código e a ética de quem?

Ebó de palavras à
Neusa Santos Souza



Ato I: Carta-ebó de palavras à Neusa Santos Souza.

Neusa Santos Souza, nós desejamos que esta mensagem a encontre em paz!

Nesses últimos 623 dias, Neusa, temos muito pensado sobre a palavra tempo.

Tempo como finitude.

Tempo como perenidade.

Tempo como voz.

Tempo como corpo.

Tempo como respiração.

Tempo como movimento circular.

Tempo como afro-futuro.

Tempo como tempo.

Também em nosso *orí* assentam-se reflexões acerca da singularidade ontológica do sujeito, a partir de sua particular subjetividade - ser-para-si, sabe? Por isso, diante de tamanha e bonita diversidade, tem sido difícil não pensar sobre possíveis caminhos que rejam itinerários para o alcance do timbre e que penetre a escuta, amparando, portanto, Neusa, a singularidade do corpo - corpa de cada ser vivente nesta ambiência de um tempo-presente e pandêmico, sobretudo.

Fortuitamente, Neusa, nós entendemos que uma carta, de certo modo, é o ensaio de um tempo por ser composta por fala e escuta mediada pela correspondência. Cada palavra preserva em si a transcrição de um canto de voz - silenciosamente íntimo -, o qual opera como uma anúncio cartográfica, edificada por pensamentos intrapsíquicos que habitam a individualidade subjetiva de cada ser que respira - que pulsa vida.

Esta carta, Neusa, é escrita por dois seres atuantes nas artes e na educação não-formal e plural. Somos andré santos-bispo e Luciane Tobias - dois corpos que pisam a mesma terra-fundamento de um mesmo tempo espíralar. Nós, Neusa, a conhecemos por meio de suas palavras, seu legado e, conjuntamente, por imagens em vídeos que revelam o seu corpo, a sua pele em furta-cor de azeviche, o seu belo cabelo encarapinhado e a sua fala que reverbera parte de seu ser, de seu timbre, como o de uma Musa de Guiné.

Ainda que você não nos conheça, Neusa, nós reconhecemos o quanto estamos interligados por *Sankofa* - cujas ancestralidades presentes neste *adinkra* nos convocam a revisitar um tempo-plural que foi outro e que se presentifica no agora - neste tempo que também é futuro. Também por isso, Neusa, nós agradecemos exu, orixá mensageiro, que tem por atributo os tempos e a fertilidade por ser o regente de movimentos e de mundos tão venustos. O “Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social”, tem sido um livro-mensageiro que trouxe para este tempo - presente - o seu verbo como uma oferenda e, na mesma medida, o teu ensinamento que nos convida para uma fundamental atenção à saúde mental do corpo - em particular, da subjetividade negra.



Neusa, existem tantos tempos no tempo. O tempo de exu não é o mesmo de cronos, dado que este - o de cronos - alimenta-se de uma cronologia colonial. Este tempo de cronos, usualmente presente, está ainda mais violento, confuso - agudo. Essa temporalidade tem atravessado os nossos corpos, puxando-os para trás - em direção ao retrocesso social, no qual a saúde mental tem sido o lugar do corpo mais atravessado. Reiteramos: como amparar a singularidade do ser, posto que nos encontramos assentados em uma coletividade social tão complexa e eviscerada pela fúria de um racismo estrutural?

Por isso, Neusa, na ânsia não só por amparar a singularidade do ser assentado existencialmente em coletividade, mas também por edificar emocionalidades e afro-futuros possíveis, nós criamos o “ebó de palavras”, um coletivo aquilombado por artes e educação plural, no qual o tempo e o corpo performam letramentos e *afrografam* temporalidades, afetos e conhecimentos ainda ínfimos no cotidiano deste tempo de cronos. No “ebó de palavras” o nosso verbo é oferenda e essa oferenda intenta praticar um conhecimento radical, na sede de partilhar, de colher sabenças e letramentos transgressores, alicerçados à interseccionalidade - em que a arte, saúde e educação *pedagogingam* juntas no mesmo chão de terra batida, como atributos fundamentais para a práxis plural-educativa e emancipatória.

O seu livro, “Tornar-se Negro” , tem sido como ervas de cura, certamente, por banhar dialogias e subjetividades - especialmente as pretas, sobre premissas a respeito da saúde mental. Sem dúvida, Neusa, a sua

subjetividade presentifica-se em nossas ações, também por via desse livro, por onde é possível perceber que cada orí dos nossos alcança um lugar singular, ativo e, acima de tudo, fecundo de memórias pretas, nutridas por trocas de experiências e sabenças de um devir em ato-potência, plural, dinâmico e presente, assim como é exu.

Por isso, Neusa, nós oferecemos a ti esta “carta-ebó de palavras”, em que o verbo é oferenda.

Com muito afeto, Coletivo ebó das palavras.

andré santos bispo e Luciane Tobias





Alguém vem comigo?
Você vem comigo?

Gaya Rachel

56



"ALGUÉM VEM COMIGO?"

presente março 2022

"VOCÊ VEM COMIGO?"



Antes de ser artista, eu fui cantora gospel. Eu cantava nas igrejas evangélicas com o grupo musical Prisma Brasil. Além de cantar, eu também pregava ou, como era dito, eu “proferia a palavra”. “A palavra” era tão importante quanto a música e deveria ser treinada de forma intensa. Na igreja Adventista que eu frequentava, acreditava-se que o “dom de línguas” não era saber falar uma língua estranha, pelo contrário: era a capacidade de um indivíduo de se comunicar de forma coerente, clara e se fazer bem entendido. Então, eu aprendi que, se eu quisesse falar bem, eu teria que saber contar histórias, mas não contar tudinho.

Nós conectávamos as histórias a nós mesmos, porque gostávamos de ouvir sobre nós mesmos. Talvez nem tudo fosse verdadeiro, mas existia uma verdade a ser dita (aqui e em todo lugar). Cada história contada era uma estratégia de sedução para a mensagem mais importante, que era a promessa do Deus Vivo, de um palácio celestial com ruas de ouro e coroas de cristal. “Os eventos e planos desse mundo em que estamos não são importantes, já que essa vida é passageira”, eu dizia com a voz forte, vibrante e com ar de braveza. “O plano de deus é maior!”. E assim se sucedia em todas as apresentações que eu fazia. Era sempre um grande sucesso e as pessoas choravam de emoção. Até que um dia algo muito estranho aconteceu.

Era outra noite de louvor e eu estava inquieta. Algo me perturbava o tempo todo. A plateia era gigante, mas eu não conseguia olhar nos olhos de ninguém. Era um show especial, com orquestra ao vivo, luzes performativas, projeção de imagem, fumaça. Até a nossa roupa era diferente. Tudo parecia um sonho. Cantávamos todas as músicas com muito fervor e era uma sensação incrível de poder. No entanto, na minha vez de contar a história, eu vacilei e, no meio da palavra, eu esqueci o tom.

Dessa vez eu contava sobre um terrível acidente de ônibus que sofri aos 14 anos de idade. Eu sabia tudo de cor e salteado. Afinal, havia treinado aquele discurso por anos.

“Foi quando o ônibus perdeu o freio!” eu ia dizendo quando, imediatamente, fui acometida de um pânico súbito, um silêncio assustador. Era como se eu tivesse entrado num buraco escuro e ficado completamente cega pelo foco exagerado de luz na minha face. Eu estava nua, sozinha e no meio de uma multidão que me olhava, esperando ver em mim algo diferente, algo que lembrasse Jesus. Mas eu paralisei no momento das promessas divinas. Como eu poderia fazer as pessoas acreditarem num discurso que nem eu mesma sabia acreditar? Como fui parar ali? Por acaso não seria eu a seduzida? Numa fração de segundos, eu lembrei de uma estratégia de

fuga que eu já havia utilizado antes. No momento que não sabia mais o que fazer, eu fingia que chorava. Era uma forma de comoção que funcionava muito bem. Naquela noite, eu fingi que chorei e todos choraram comigo. Mais tarde, eu chorei de verdade.

É pela possibilidade da falsidade que hoje eu prefiro não usar a palavra. Virei-me do avesso pra não escrever. É que muitos anos se passaram e minha vida mudou completamente. Hoje sou artista e o discurso agora é outro. É mais não do que sim. Aqui não se finge o choro, ou sequer choramos. A palavra é dura e fere a boca seca. Talvez seja por isso que, como artista, escolhi a imagem como coisa que pudesse dizer. Eu desconfio desse meu discurso. E justo agora, numa chance de contar uma outra história, eu vacilo novamente. Não ofereço consolo e não prometo salvação. Também confesso que meu trabalho de arte é mais problema do que solução. Não que eu quisesse desse jeito. Por favor, não me faça pedir desculpas por isso, pois o artista não é santo, mas tampouco é vilão. Está mais para o louco da carta de tarô, caminhando entre os mundos, conhecendo seus segredos, mas também se perguntando por onde seguir. Então, se você acha que arte pode salvar o mundo, por favor, me mostre o caminho para que eu possa andar por ele. Pois assim como você, eu também me sinto perdida.

Vejo-me novamente na mesma escuridão. Ouço minha voz, a palavra, a frase, o vento, a solidão. Quem é que está aqui pra ouvir? A palavra sem o corpo é como sexo virtual. Pode até prestar por ocasião, mas não me toca. O discurso, para ser bem feito, precisa de ação. É o verbo encarnado. E se minha fala é vacilante, então eu escolho as imagens. Fiz uma colagem mal feita, eu sei. É assim que se faz hoje, não é? Copia e cola aqui e ali na criação de imagens falsas e cenários fictícios. O que era falso se tornou verdade e o que parecia verdade se perdeu. Até o voto para presidente é influenciado por imagens falsas. No entanto, a despeito de minha vontade, não dá mais pra se esconder nas imagens ou esperar uma cura milagrosa de deus ou dos nossos pais. É preciso confrontar os problemas de cabeça erguida. No corpo a corpo. Olho por olho. A vida é pra se valer a pena aqui, aprendendo com o passado, olhando atento para o presente para que tenhamos um futuro nessa terra e não num mundo fantasmagórico. Portanto, os eventos e planos desse mundo, diferente do que já disse, importam sim. Olhemos mais para as bordas e para o chão. Quem sabe se não é lá que encontraremos o corpo que dará vida à palavra de pó e de barro que temos. Nesse sentido, já nem sei do que dá fazer arte. Só me resta oferecer meu corpo na busca pela palavra viva.

Caminho se conhece
andando

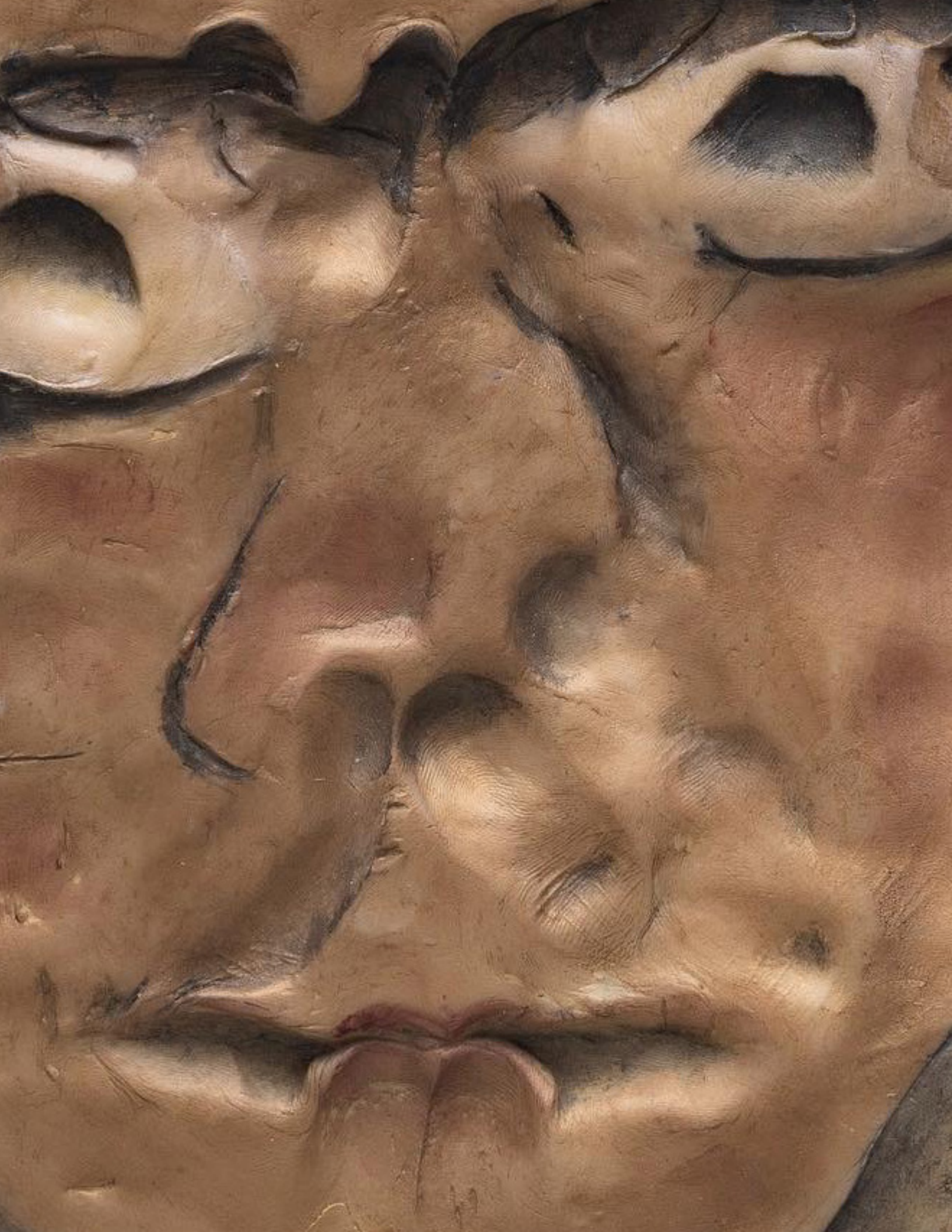
Gokula Stoffel



presente fevereiro 2022

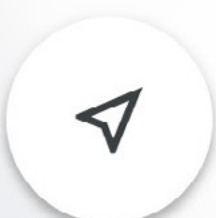
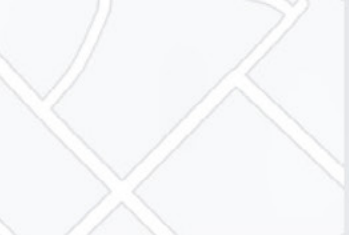


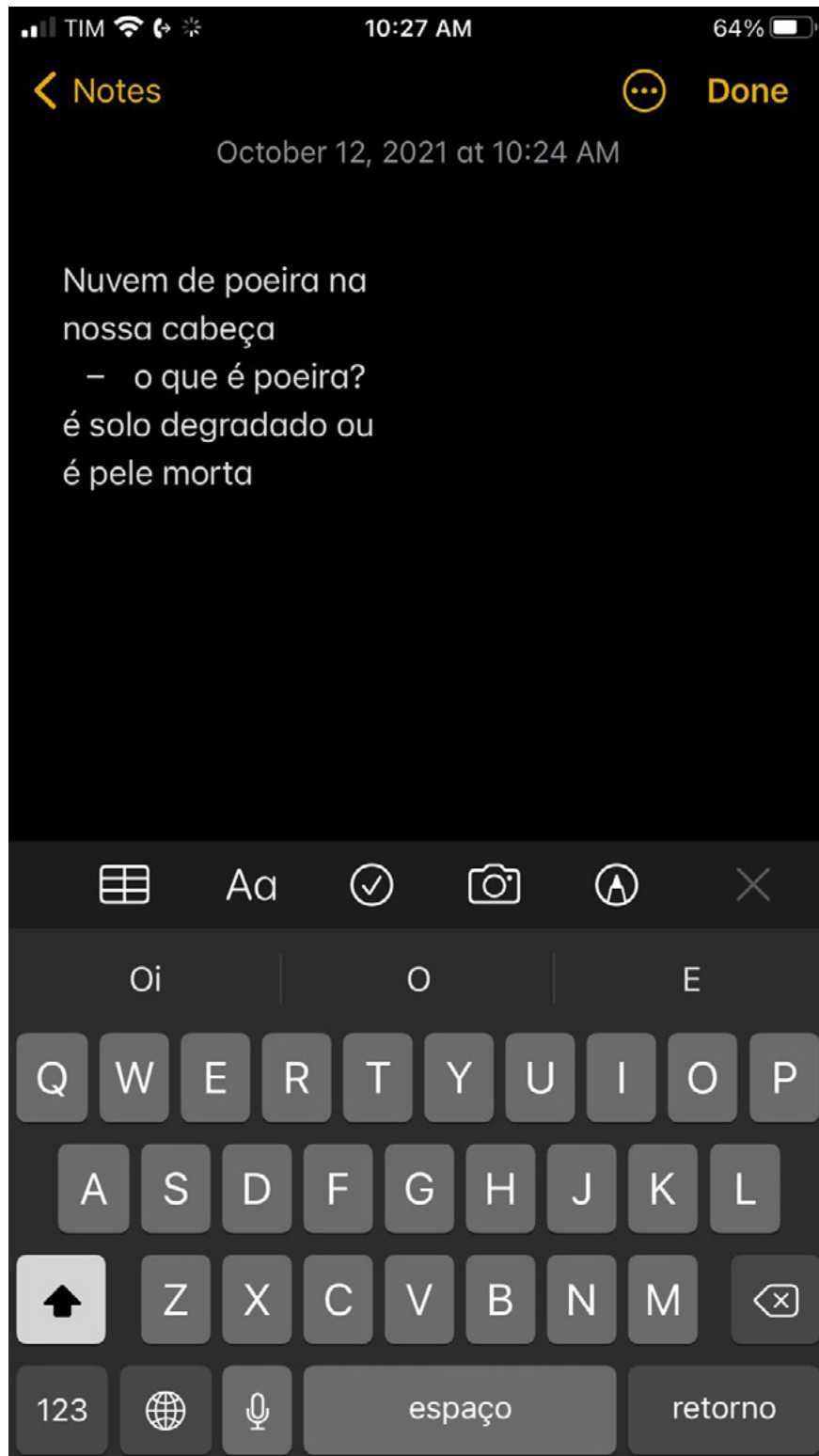












Caderno de notas

A partir de Wassily Kandinsky, "Quadro com Mancha Vermelha"

Um caderno de notas numa escrita
ainda sem língua
um retrato não do cavalo ou do cavaleiro
mas da cavalgada
um relato de viagem centrado na velocidade
e não na paisagem
ou a memória disso
quando se começa a esquecer

mapas abandonados na chuva
quando então se diluem
as divisas entre os países
e suas cores
começam a se misturar

mapas em fuga
(tudo aí se move
parado)

países fugindo de dentro
de si mesmos
atravessando suas próprias fronteiras

(quem distribuiu
as cores do globo
deverá distribuí-las
de novo)

a forma do movimento logo antes
de se cristalizar numa forma
ou logo depois
de se dissipar

(estão em guerra
as cores
ou em núpcias?)

aqui
(no coração da cor)
mesmo a calma
se agita

acúmulo, explosão
ou mera memória
da matéria

como uma orquestra de sons
sem instrumentos
um piano a toda velocidade

a força que agitou a imagem
como o vento que agita a superfície da água
ainda está aqui:
eis o seu retrato

Patri,

como poderia te falar algo sobre um tempo que não este, de coisas que ainda não aconteceram, mas que, de repente, como uma tristeza, já estão?

para cada pessoa que conheço, invento uma biblioteca. construir uma biblioteca inteira para alguém é uma abertura que nada exclui. é possível uma abertura tão grande que nada exclui? o encontro quase nunca é nem mesmo próximo com aquilo que desenhei antes. um pequeno problema se encontra aí - ou ali: algumas dessas coleções não são nada confiáveis. nem tão pequeno assim, um outro problema é que tudo o que agora parece estranho, enigmático, esquisito, inexplicável, misterioso, desconhecido, inexplorado e inquietante, pode se tornar muito familiar e seguro. temos aí um porém: pode ser que você se acostume e passe a viver ali naquela biblioteca.

quem sabe, o mistério sobre o que ainda há de ser aconteça quase como naquele exato instante que antecede a entrada, pela primeira vez, em uma casa que não é a sua: a pausa enquanto quem habita essa casa se adianta e gira a chave na fechadura. digamos que seja uma exploração noturna. assim, serão dois os momentos de suspensão: no primeiro, a abertura da porta permite o vislumbre das dimensões gerais do ambiente e algumas pistas sobre a posição do sofá, de uma estante, a silhueta de uma planta ou a ausência delas. na sequência, a luz é acesa e revela, certa, o quanto do imaginado vêm de encontro com a realidade: quais são os livros que existem nesta casa?

mas, atenção: um *porém* já é um medo. o que restaria se deixássemos de entrar em novas casas por receio das coleções que poderiam ser encontradas?

de algum modo, pensar em tristezas, estranhezas e casas visitadas pela primeira vez é como eu tentaria te dizer algo sobre o futuro, caso precisasse.

um beijo,

Dani

o happening funciona pela criação de uma urdidura assimétrica de surpresas, sem clímax ou conclusão; esta é a lógica dos sonhos e não a lógica da maioria das artes. os sonhos não tem o senso do tempo. tampouco os happenings. não tendo um enredo e um discurso racional contínuo, não possuem passado. como o próprio nome sugere, os happenings são sempre no **presente**. as mesmas palavras, quando há algumas, também são repetidas indefinidamente; a fala é reduzida a um tartamudeio. as mesmas ações também são frequentemente repetidas num único happening – uma espécie de tartamudeio gestual, ou em câmara lenta, para transmitir uma sensação de parada do tempo. ocasionalmente todo o happening assume uma forma circular, começando e terminando com a mesma ação ou o mesmo gesto. seguindo o padrão estabelecido pelo racismo, o ataque contara as mulheres espelha a situação de deteriorização da mão de obra de minorias étnicas e a crescente influência do racismo no sistema judicial, nas instituições de ensino e na postura de negligência calculada do governo em relação à população negra e a outras minorias étnicas. os sinais mais dramáticos do perigoso ressurgimento do racismo são a nova visibilidade da ku klux klan e a correspondente epidemia de agressões violentas contra negros, descendentes de mexicanos e indígenas. a **presente** epidemia de estupros guarda uma extraordinária semelhança com essa violência estimulada pelo racismo. escrever traçar o próprio destino como uma heroína de romance (bem de acordo com os ideais românticos que ainda dominavam o ambiente literário da época) torna-se autora – de textos, poemas, cartas, e afinal da própria vida: não estaria esta perspectiva, **presente** nas condições modernas, deslocando o campo das identificações que até então teriam pautado a relação entre as mulheres e a feminilidade? é claro que há quem seja abertamente racista e manifeste sua hostilidade contra grupos sociais vulneráveis das mais diferentes formas. mas é preciso notar que o racismo é algo tão **presente** em nossa sociedade que muitas vezes passa despercebido. um exemplo é a ausência de pessoas negras numa produção cinematográfica – aí também está o racismo. ou então quando, ao escutar uma piada racista, as pessoas riem ou silenciam, em vez de repreender quem a fez – o silêncio é cúmplice da violência. muitas vezes, pessoas brancas não pensam sobre o que é o racismo, vivem suas vidas sem que sua cor as faça refletir sobre essa condição. por isso, o combate ao racismo é um processo longo e doloroso. como diz a pensadora feminista negra audre lorde, é necessário matar o opressor que há em nós, e isso não é feito apenas se dizendo antirracista: é preciso fazer cobranças. onde ela está **presente**? onde se pode senti-la? onde se pode encontrá-la? ela caminha pelos desertos, bosques, oceanos, cidades, nos subúrbios e nos castelos. ela vive entre rainhas, entre camponesas, na sala de reuniões, na fábrica, no presídio, na montanha da solidão. ela vive no gueto, na universidade e nas ruas. ela deixa pegadas para que possamos medir nosso tamanho. ela deixa pegadas onde quer que haja uma única mulher que seja solo fértil. abrindo o livro, casa é um texto dedicado à gratidão à sua longevidade. maya escreve: minha vida está sendo longa, e, como agradecimento, ela efetua um gesto de ternura em relação às mulheres. a escritora busca tecer uma rede em que as mulheres do passado – avó, mãe, amigas – se fundem ao **presente**, como fios entretecidos, todas, indistintamente. angelou as reconhece como mães e filhas marcadas sempre por atos de carinho, de cuidado umas com as outras, dizendo: tenho milhares de filhas. vocês são negras e brancas, judias e muçulmanas, asiáticas, falantes de espanhol, nativas da américa, e estou falando com todas vocês. eis aqui minha oferenda. esse primeiro texto pode ser lido também como uma provocação. pergunta-se onde está a casa, a moradia, o local íntimo de pertença de cada pessoa. questiona-se sobre o que seria a casa, para além da construção física, da habitação, de cada indivíduo. o **presente** é sempre perfeito. não interessa o quanto fui feliz no passado, não tenho saudade dele. o **presente** é sempre o momento pelo qual vivo. pelo futuro nunca anseio, venha ele ou não; um dia não virá. mas ele não se avulta à minha frente, nunca vivo na expectativa. o futuro não é como o espaço negro acima do céu, com uma faísca intermitente de luz; parece mais um cômodo sem teto ou chão ou paredes, é o **presente** que lhe dá formato, é o **presente** que o circunda. o passado é um cômodo cheio de bagagem e lixo e às vezes coisas que têm utilidade, mas se têm utilidade de fato eu as guardei. agora te escreverei tudo que me vier à mente com o menor policiamento possível. é que me sinto atraída pelo desconhecido. mas enquanto eu tiver a mim não estarei só. vai começar: vou pegar o **presente** em cada frase que morre. agora: ah se eu sei que era assim eu não nascia. ah se eu sei eu não nascia. a loucura é vizinha da mais cruel sensatez. isto é uma tempestade de cérebro e uma frase mal tem a ver com outra. engulo a loucura que não é loucura – é outra coisa. você me entende? mas vou ter que parar porque estou tão e tão cansada que só morrer me tiraria deste cansaço. vou embora. sempre me intrigou como as mulheres gostam de cavar a terra. elas plantam bulbos para a primavera. elas enfiam dedos enegrecidos no solo estercoado para transplantar mudas perfumadas de

tomateiros. acho que estão cavando para encontrar a mulher de dois milhões de anos. estão procurando seus dedos e suas patas. querem encontrá-la como um presente para si mesmas, pois com ela sentem-se inteiras e em paz. se aplicarmos, no entanto, as lições do passado ao presente, nos damos conta de que a reaparição da caça às bruxas em tantas partes do mundo durante a década de 1980 e 1990 constitui um sintoma claro de um novo processo de acumulação primitiva, o que significa que a privatização da terra e de outros recursos comuns, o empobrecimento massivo, o saque e o fomento de divisões de comunidades que antes estavam em coesão tem voltado a fazer parte da agenda mundial. se as coisas continuarem dessa forma – comentavam as idosas de uma aldeia senegalesa a um antropólogo norte-americano, expressando seus temores em relação ao futuro –, nossas crianças se comerão umas às outras. e, com efeito, isto é o que se consegue por meio da caça às bruxas, seja orquestrada de cima para baixo, como uma forma de criminalização da resistência à expropriação, ou de baixo para cima, como um meio para se apropriar dos recursos cada vez mais escassos, como parece ser o caso de alguns lugares na África atualmente. onde vive a mulher selvagem? no fundo do poço, nas nascentes, no éter do início dos tempos. ela está na lágrima e no oceano. está no câmbio das árvores, que zune à medida que cresce. ela vem do futuro e do início dos tempos. vive no passado e é evocada por nós. vive no presente e tem um lugar à nossa mesa, fica atrás de nós numa fila e segue à nossa frente quando dirigimos na estrada. ela vive no futuro e volta no tempo para nos encontrar agora. em todo caso o futuro parecia via a ser muito melhor. pelos menos o futuro tinha a vantagem de não ser o presente. sempre há um melhor para o ruim. mas não havia nela miséria humana. é que tinha em si mesma uma certa flor fresca. pois, por estranho que pareça, ela acreditava. era apenas fina matéria orgânica. existia. só isto. e eu? de mim só se sabe o que respiro. no encerramento desse encontro, muitas mulheres deram testemunhos de como essa tinha sido uma experiência maravilhosa de irmandade e conexão entre mulheres negras. não havia espaço para aqueles indivíduos cujo espírito fora atacado e assediado expressarem suas experiências. ironicamente, elas deixaram a reunião com uma sensação de estranhamento, carregando uma lembrança de dor. algumas delas sentiam que aquela era a primeira vez em suas vidas em que haviam sido tratadas com tanta crueldade por outra mulher negra. a mulher mais velha presente, uma intelectual acadêmica que foi alvo de assédio verbal em vários momentos, que chorava em seu quarto à noite com frequência, jurou nunca mais ir a um evento como esse. a memória de sua dor ficou na minha cabeça. eu não esqueci essa fúria coletiva das mulheres negras diante da diferença, uma raiva direcionada a qualquer mulher negra que ousasse, individualmente, falar como se nós fossemos mais do que nossas dores, mais do que a dor coletiva que as mulheres negras experimentaram historicamente. assim como o presente é frustrante, o passado é mais real. como ela lembra o nosso passado, tantos detalhes que eu esqueci embora eu lembre muita coisa. em todo casal existe alguém que é o historiador do relacionamento. passei minha vida inteira vivendo no fim do mundo; foi assim quando nasci, pois, minha mãe morreu quando nasci. mas agora, com meu pai morto, eu estava vivendo à beira da eternidade, era como se essa característica da minha vida de repente saísse de sua natureza habitual, engastada com seu antigo significado. as duas pessoas de quem eu viera já não existiam. eu não tinha permitido que ninguém viesse de mim. um novo sentimento de solidão me dominou; fui agitada por um calor, depois fui paralisada por um frio profundo. eu me acostumei a essa solidão, reconhecendo um dia que nela estavam as coisas que eu tinha perdido e as coisas que poderia ter tido, mas havia recusado. passei a amar meu pai, mas só quando estava morto, naquele momento em que ainda parecia ele mesmo, mas era alguém que não podia mais causar danos, apenas alguém imóvel, morto; ele era como uma lembrança, não um retrato, só uma lembrança. e, no entanto, não se pode confiar em uma lembrança, pois muito da experiência do passado é determinada pela experiência do presente. a celebração da história compartilhada entre afro-americanos e americanos nativos terá um impacto duradouro apenas se estiver ligada a esforços para construir e manter uma solidariedade política contínua. nós afirmamos os laços do passado, os vínculos do presente, quando reaprendemos nossa história, nutrimos a sensibilidade compartilhada que tem sido retida no presente, ligando esses gestos à luta de resistência, a um movimento de libertação que busque erradicar a dominação e transformar a sociedade. henriqueta era alta, corada e lenta. o rosto de pele lisa muito sedosa manchava-se de sardas grandes e brilhantes; o pescoço unia-se ao corpo em curvas como numa boneca de louça; era calva, usava um chino ralo preso por uma fita; vestia uma saia feita de fazenda castanha enegrecida, longa até os pés inchados e sardentos. movia-se devagar hesitando como se seus pensamentos fossem sempre interrompidos por novas ideias e ela restasse muda e confusa – mas seu rosto era de surpresa e bondade. entraram na longa sala de assoalho em

tábuas. na quase escuridão, junto a uma grande mesa oval, achava-se arlete sentada. esta ergueu a cabeça da costura, examinou virgínia com uma atenção que se esforçava por ficar **presente**. na ocasião, discutimos a atualidade do tema da caça às bruxas no brasil, tendo como foco as estratégias relançadas pelo capitalismo a cada grande crise e as possibilidades de resistência dos movimentos de mulheres. para além de pensar o tema apenas circunscrito à inquisição no brasil e à caça às bruxas do período colonial, entendemos que esse fenômeno ainda está **presente** no encarceramento massivo de mulheres negras perpetrado pelo estado; na subrepresentação ou representação deturpada da mulher nos meios de comunicação; nas violências obstétricas contra as cidadãs que recorrem ao sistema único de saúde (sus); nos corpos das vítimas da violência policial nas periferias; e na experiência cotidiana de perseguição, silenciamento, agressão e invisibilização das mulheres trans, travestis e prostitutas, entre tantos paralelos essenciais. criar descansos significa examinar sua vida e marcar os pontos em que ocorreram as pequenas mortes, las muertes chiquitas, e as grandes mortes, las muertes grandotas. gosto de traçar uma linha cronológica da vida da mulher numa longa faixa de papel branco de açougue e assinalar com uma cruz ao longo dessa linha, desde sua tenra infância até o **presente**, os pontos em que morreram aspectos e partes do seu self e da sua vida. assinalamos a ocasião em que se optou por não seguir por uma determinada estrada, caminhos que foram obstruídos, emboscadas, traições e mortes. desenho uma pequena cruz na linha cronológica nos pontos que deveriam ter sido pranteados ou que ainda precisam sê-lo. também escrevo esquecido naqueles pontos que a mulher pressente, mas que ainda não vieram à tona. também escrevo perdoado acima dos fatos de que a mulher já praticamente se liberou. antes de sermos casados e pouco depois de nos casarmos, moramos na capital de dominica, roseau. em lugares como roseau, guerras são travadas, mas vitórias não existem, apenas empates, apenas os até a próxima. nós nos mudamos de roseau, em um estado de espírito, uma serenidade, que era quase divina, pois estava além da deliberação e além do impulso. nos mudamos para um lugar bem acima de algumas montanhas, mas não no alto da montanha mais alta. era um lugar de descanso. estávamos cansados; estávamos cansados de ser nós mesmos, cansados de nossos legados. ele me venerava, ele me amava; que eu não exigisse essas coisas só aumentava o sentimento que ele tinha por mim. ele achava que eu o fazia se esquecer do passado; ele não tinha futuro, só queria estar no **presente**, todo dia era hoje, todo momento era este momento. mas quem consegue de fato se esquecer do passado? não o vitorioso, e não o derrotado, pois mesmo quando palavras são proibidas existem outras formas de trair a memória: o olhar desencontrado; o aceno que significa o exato oposto do olá amistoso ou do tchau amistoso. ou se sentar em uma poltrona em um cômodo sozinho, acreditando-se sozinho, deixando que sua alma procure um lugar de descanso sem encontrar nenhum (pois isso não existe, só na morte, só no sono desprovido de sonhos) – essa verdade é registrada no rosto, na própria configuração do corpo. em 1962, com 32 anos, apenas alguns anos antes de sua morte inesperada devido ao câncer, a dramaturga negra lorraine hansberry escreveu uma carta em resposta a um rapaz branco do interior que vivia em uma fazenda rica e fértil na linha mason-dixon, e que estava preocupado com o fato de as pessoas negras se tornarem tão militantes. ela respondeu que as condições de nosso povo estimulam o que só podem ser chamadas de atitudes revolucionárias. na carta, ela também afirmava que a aceitação de nossa condição **presente** é a única forma de extremismo que nos desvaloriza diante dos nossos filhos. muitas pessoas negras se recusam a avaliar nossa condição **presente** porque elas não querem ver as imagens que podem força-las a militar. mas a militância é uma alternativa à loucura. e muitos de nós estão adentrando os domínios da loucura. como pecola, no romance o olho mais azul, de toni morrison, as pessoas negras se afastam da realidade porque a consciência é dolorosa demais. no entanto, só nos tornamos mais conscientes quando começamos a ver com clareza. quero acrescentar, à guisa de informações sobre a jovem e sobre mim, que vivemos exclusivamente no **presente** pois sempre e eternamente é o dia de hoje e o dia de amanhã será um hoje, a eternidade é o estado das coisas neste momento. entretanto, não se restringe a contestar negativamente a situação que lhe é imposta; procura também compensar-lhe as insuficiências. se o futuro a assusta, não a satisfaz o **presente**; ela hesita em se tornar mulher; ela se agasta com não passar ainda de uma menina; já largou o passado, mas não se empenhou ainda numa vida nova. ocupa-se, mas não faz nada, e porque não faz nada não tem nada, não é nada. é com comédias e mistificações que ela se esforça por encher esse vazio. censuram-na muitas vezes por ser dissimulada, mentirosa, por inventar histórias. o fato é que está destinada ao segredo e à mentira. com 16 anos uma mulher já passou por penosas provas: puberdade, regras, despertar da sexualidade, primeiras inquietações, primeiras febres, medos, nojos, experiências equívocas, encerrou todas essas coisas no coração; aprendeu a

guardar cuidadosamente seus segredos. o simples fato de ter de esconder suas toalhinhas higiênicas, de dissimular as regras já a conduz à mentira. macabéa por acaso vai morrer? como posso saber? e nenhuma pessoa ali **presente** sabia. embora por via das dúvidas algum vizinho tivesse pousado junto do corpo uma vela acesa. o luxo da rica flama parecia cantar glória. (escrevo sobre o mínimo parco enfeitando-o com púrpura, joias e esplendor. é assim que se escreve? não, não é acumulando e sim desnudando. mas tenho medo da nudez, pois ela é a palavra final.) enquanto isso, macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma macabéa, como se chegasse a si mesma. se pensarmos no choque elétrico, na tortura administrada para causar sofrimento até o limite da morte, podemos entender melhor o que está em jogo. a tortura funciona apenas quando evita que o torturado morra. enquanto controla a morte, há nela uma administração do sofrimento. a morte está **presente** na tortura, mas como algo vetado ao indivíduo que deve viver para sofrer de um sofrimento físico limítrofe. para que seja possível sentir o mal, e cada vez pior, é preciso estar vivo. muito do que experimentamos no regime capitalista tem a ver com esse acostumar-se ao sofrimento, tal como se defende também no cristianismo. o próprio sistema se encarrega de transformar o sofrimento em mercadoria. a indústria farmacêutica e a cultura da psiquiatrização da vida fazem parte disso. vivenciamos nossa crise coletiva como afro-americanos no domínio das imagens. seja no rosto de moradores de rua encontrados nas metrópoles ou nos becos de cidades pequenas, no olhar perdido dos desempregados, ao ver pessoas que amamos viciadas em drogas, ou alguma cena trágica de um filme que fica na cabeça, nós vemos que estamos com problemas. ainda consigo ver as imagens de jovens negros matando uns aos outros brutalmente como parte da narrativa ficcional do filme os donos da rua, de john singleton. são imagens dolorosas de se ver. é assim que deveria ser. deveria ferir os nossos olhos ver o genocídio racial perpetuado nas comunidades negras, seja na realidade ou na ficção. no entanto, no cinema onde assisti a esse filme, a maior parte da audiência negra parecia encontrar prazer naquelas imagens. essa reação é um testemunho poderoso, que revela as formas de representação na sociedade supremacista branca que ensinam as pessoas negras a internalizarem o racismo tão profundamente em nossa consciência coletiva que podemos sentir prazer com imagens de nossa morte e destruição. o que o futuro nos reserva se nosso entretenimento no **presente** é o espetáculo da colonização contemporânea, da desumanização e do esvaziamento do poder, no qual a imagem serve como uma ferramenta assassina? a menos que transformemos as imagens da negritude, das pessoas negras, nossos modos de olhar e as formas como somos vistos, não poderemos fazer intervenções radicais fundamentais que alterem a nossa situação. se o futuro está para ser moldado e o **presente** é o colapso, esgotar o que existe é a condição de abertura dos portões do impossível. o reconhecimento mútuo do racismo, seu impacto nos dois, em quem é dominado e em quem domina, é o único ponto que torna possível um encontro entre raças que não seja baseado em negação e fantasia. porque é a sempre **presente** realidade da dominação racista, da supremacia branca, que transforma em algo problemático o desejo das pessoas brancas de ter contato com o outro. geralmente é essa a realidade que é mais mascarada quando as representações do contato entre brancos e não brancos, negros e brancos, aparecem na cultura de massa. uma área em que a política de diversidade e sua insistência concomitante em representação inclusiva teve um sério impacto foi a publicidade. agora que pesquisas de mercado sofisticadas revelam quanto e o que as pessoas menos privilegiadas materialmente e os pobres de todas as raças/etnias consomem, às vezes em quantidades desproporcionais aos seus ganhos, tornou-se mais evidente que esses mercados podem ser atraídos por meio da publicidade. pesquisas de mercado revelaram que pessoas negras compram mais pepsi do que outros refrigerantes e, de repente, vemos mais comerciais de pepsi com pessoas negras. sempre que a dominação estiver **presente** faltará amor. como destacou giovanna franca dalla costa em um trabalho de amor, o mais importante é que a violência sempre esteve **presente** na família nuclear como uma mensagem nas entrelinhas, uma possibilidade, porque os homens, graças a seus salários, conquistaram o poder de supervisionar o trabalho doméstico não remunerado das mulheres, de usar as mulheres como serviçais e de punir sua recusa a esse trabalho. por isso a violência doméstica praticada pelos homens não foi, até recentemente, considerada crime. em paralelo à legitimação, pelo estado, dos direitos de pais e mães castigarem suas crianças como parte de um treinamento para se tornarem a futura mão de obra, a violência doméstica contra as mulheres tem sido tolerada pelos tribunais e pela polícia como reação legítima ao não cumprimento, por parte das mulheres, de suas obrigações domésticas. pesquisadores brancos que escrevem sobre o passado dos indígenas raramente reconhecem a experiência **presente** de trauma psíquico que aflige os sobreviventes, seus filhos, seus netos. momentos específicos de

realocação forçada, como a trilha das lágrimas, são reconhecidos como terríveis, horrendos, e, no entanto, são vistos como eventos raciais excepcionais. toda a história dos estados unidos, na maneira como foi moldada pelos brancos racistas, tenta apagar os horrores cometidos contra os povos indígenas. devastados pelo ataque genocida e a invasão, pela colonização branca racista, todas as nações americanas nativas e comunidades sobreviventes sofreram. quando reconta o passado, o colonizador invariavelmente minimiza esse sofrimento. de fato, o sentimento anti-homem estava muito **presente** entre as ativistas do início do feminismo, que reagiram com a ira à dominação masculina. durante toda a infância foi a menina reprimida e mutilada; entretanto, percebia-se como um indivíduo autônomo; em suas relações com os pais, os amigos, em seus estudos e jogos, descobria-se no **presente** como uma transcendência: nada fazia senão sonhar sua futura passividade. uma vez púbere, o futuro não somente se aproxima, instala-se em seu corpo, torna-se a realidade mais concreta. conserva o caráter fatal que sempre teve; enquanto o adolescente se encaminha ativamente para a idade adulta, a jovem aguarda o início desse período novo, imprevisível, cuja trama já se acha traçada e para o qual o tempo a arrasta. já desligada de seu passado de criança, o **presente** só se lhe apresenta como uma transição; ela não descobre nele nenhum fim válido, mas tão somente ocupações. de uma maneira mais ou menos velada, sua juventude consome-se na espera. ela aguarda o homem. o medo da sexualidade descontrolada das mulheres explica a popularidade, nas demonologias, do mito de circe, a lendária feiticeira que, com suas artes mágicas, transformava em animais os homens que a cobiçavam. e isso também explica as numerosas especulações, pelas mesmas demonologias, referentes ao poder das mulheres de moverem os homens com seus olhos sem tocá-los, simplesmente com a força de seu charme e seu encantamento. além disso, o pacto que as bruxas foram acusadas de fazer com o diabo, em geral envolvendo uma troca monetária, revela uma preocupação com a habilidade de as mulheres obterem dinheiro dos homens – e isso se faz **presente** na condenação por prostituição. mas temos de ir além de mudar a visão do passado: é essencial que mudemos também a visão do **presente**. o modo como olhamos para nós mesmas. o sexismo é uma ideologia na qual todos nós somos educados e está profundamente arraigado em nosso cérebro. numerosos experimentos demonstram que a sociedade continua a estimular, priorizar e valorizar muito mais o homem que a mulher, e nós, sem perceber, tomamos parte desse mesmo desdém discriminatório. é isso que os preconceitos tem: por serem anteriores ao conceito, são invisíveis. comprovou-se, por exemplo, que na atenção médica primária, diante dos mesmos sintomas, prescreve-se às mulheres mais ansiolíticos e antidepressivos, ao passo que aos homens se oferece mais exames diagnósticos. isso ocorre também com a dor: dão mais analgésicos aos homens (pois tomam por real seu sofrimento), e mais sedativos às mulheres (que consideram histéricas). o que me deixa particularmente horrorizada é um estudo feito com 1300 doentes de câncer que evidenciou que a probabilidade de as mulheres serem submedicadas era 50% maior. esses angustiantes maus-tratos e a brutal discriminação, que podem levar à doença e à morte, caso um exame diagnóstico não seja feito a tempo, são exercidos por médicos e médicas, por enfermeiros e enfermeiras. todos damos mais credibilidade à palavra do homem. a voz do varão continua sendo a lei. uma maratona intensa de transformações que, ao fim, lhe rendera o melhor **presente** de todos: olhar-se no espelho e enxergar-se completo, enxergar-se da forma como ele desejava se ver desde a infância. entretanto, os papéis da mulher e do homem não são exatamente simétricos. no plano social há uma evidente primazia do homem. claudel acredita nas hierarquias e, entre outras, na da família: o marido é o chefe. ane vercors reina no lar. don peiagio considera-se o jardineiro a quem se confiou o cuidado dessa planta frágil, dona prouhèze; dá-lhe uma missão que ela não pensa em recusar. o simples fato de ser homem confere-lhe um privilégio. quem sou eu, pobre mulher, para me comparar ao homem de minha raça? indaga sygne, de l'otage. o homem é que ara os campos, constrói as catedrais, combate com a espada, explora o mundo, conquista terras, age, empreende. é por ele que se realizam os desígnios de deus na terra. a mulher não aparece senão como uma auxiliar. ela é a que fica no lugar, a que espera, a que mantém: sou a que fica e que sempre está **presente**, diz sygne. nunca acreditei em características naturais de raça, etnia ou gênero. mas somos seres culturais que expressamos (ou não) características do que é ser negra, mulher ou pobre em uma sociedade, no tempo **presente** e nas tradições que carregamos. calça jeans, camiseta branca e nenhum adorno já foram, em mim, a não expressão de características culturais que eu começava a perceber. hoje, amarrar um turbante grande e colorido no cabelo crespo, e sair com ele por aí, em qualquer lugar, é uma das mais potentes expressões de como me vejo. da propagação de novas formas de caça às bruxas em várias regiões do mundo à escalada mundial no número de mulheres assassinadas diariamente, há cada vez mais evidências de que está

se estabelecendo uma nova guerra contra as mulheres. quais são os motivos e qual é a lógica por trás dela? baseando-me em uma crescente literatura sobre esse tema, em grande parte produzida por ativistas/estudiosas feministas da américa latina, abordo essa questão colocando as novas formas de violência em um contexto histórico e investigando o impacto do desenvolvimento do capitalismo, passado e presente, na vida das mulheres e nas relações de gênero. contra esse pano de fundo, também analiso a relação entre as diversas formas dessa violência – familiar, extradoméstica e institucional – e as estratégias de resistência, criadas por mulheres em todo o mundo, para acabar com elas. aceitação da minha homossexualidade – uma vida sem raízes, frenética – fazer um drama da minha infelicidade, passada, presente e futura – atribuir-lhe um propósito – ritmo, equilíbrio, unidade na diversidade, e um movimento cumulativo. infelizmente, muitas mulheres – em particular, as solteiras – se assustam com a perspectiva de receber salário para o trabalho doméstico porque elas tem medo de ser identificadas, nem que seja por um segundo, como donas de casas. elas sabem que essa é a posição mais impotente na sociedade e não querem assumir que também são donas de casa. essa é precisamente a nossa fraqueza, uma vez que nossa escravidão é mantida e perpetuada por meio dessa falta de autoidentificação. nós queremos e devemos dizer que todas nós somos donas de casa, todas nós somos prostitutas e todas nós somos lésbicas, porque, enquanto aceitarmos essas divisões e pensarmos que somos melhores ou diferentes de uma dona de casa, nós aceitaremos a lógica do patrão. todas nós somos donas de casa porque, não importa onde estamos, os homens sempre podem contar com mais trabalho nosso, com o medo de apresentarmos nossas demandas, e menos insistência de nossa parte para que essas exigências sejam atendidas, pois, presumivelmente, nossa mente é direcionada para um outro lugar, para o homem que, no nosso presente ou no nosso futuro, cuidará de nós. o brasil, eterno país do futuro, no final da primeira década do século 21 acreditou que finalmente havia chegado ao presente. e então descobriu-se atolado no passado. naquele momento, porém, não sabia de quanto passado se tratava. agora começa a compreender. o que faz o país do futuro quando percebe que o futuro é um enorme passado? em canções e peças populares, eles se queixam de que filhos e filhas irão envenená-los para vender seu gado a fim de obter dinheiro e comprar fertilizantes químicos ou um caminhão. no entanto, a batalha para enriquecer é travada (acima de tudo) sobre o corpo feminino, porque acredita-se que as mulheres mais velhas representam ameaça especial à reprodução das comunidades, por destruírem plantações, tornarem as jovens inférteis e se apropriarem do que elas possuem. em outras palavras, a batalha é travada sobre o corpo das mulheres, porque elas são vistas como as principais agentes de resistência à expansão da economia monetizada e, assim sendo, como indivíduos inúteis, que monopolizam de forma egoísta os recursos que a juventude poderia usar. desse ponto de vista, a presente caça às bruxas, bem como a ideologia que o banco mundial promove com relação à terra, representa uma complexa distorção do conceito tradicional de geração de valor que é simbolizada pelo desprezo que caçadores de bruxa demonstram pelo corpo das mulheres mais velhas, a quem eles ridicularizaram, algumas vezes, na zâmbia, como vaginas estéreis. a história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como outro. esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais. desde que o sujeito busque afirmar-se, o outro, que o limita e nega, é-lhe, entretanto necessário: ele só se atinge através dessa realidade que ele não é. por isso, a vida do homem nunca é plenitude e repouso, ela é carência e movimento, é luta. diante de si, o homem encontra a natureza; tem possibilidade de dominá-la e tenta apropriar-se dela. mas ela não pode satisfazê-lo. ou ela só se realiza como uma oposição puramente abstrata e é então obstáculo e permanece alheia, ou se dobra passivamente ao desejo do homem e deixa-se assimilar por ele; ele só a possui consumindo-a, isto é, destruindo-a. nesses dois casos, ele continua só; está só quando toca uma pedra, só quando digere um fruto. só há presença do outro se o outro é ele próprio presente a si; isso significa que a verdadeira alteridade é a de uma consciência separada da minha idêntica a ela. é a existência dos outros homens que tira o homem de sua imanência e lhe permite realizar a verdade de seu ser, realizar-se como transcendência, como fuga para o objeto, como projeto. mas essa liberdade alheia, que confirma minha liberdade, entra também em conflito com ela: é a tragédia da consciência infeliz; toda consciência aspira a colocar-se como sujeito soberano. desde o banho de sangue em toronto, em abril de 2018, quando um homem assassinou dez pedestres ao avançar com uma caminhonete no meio da multidão, muitos comentadores acordaram, tardiamente, para a existência de uma subcultura on-line chamada incel (abreviação

de involuntary celibate, celibatário involuntário), e muito foi dito a respeito. é algo que muitas vezes é tratado como uma visão de mundo estranha, desconhecida. mas é, na verdade, apenas uma versão extrema do sexo sob o capitalismo, algo com o que todos nós estamos acostumados, pois está ao nosso redor, **presente** em tudo, em todos os lugares e há muito tempo. e talvez o problema do sexo seja o capitalismo. mas o que se chama mistério não é a solidão subjetiva da consciência, nem o segredo da vida orgânica. é ao nível da comunicação que a palavra assume seu sentido verdadeiro: não se reduz ao puro silêncio, à noite, à ausência; implica uma presença balbuciante que malogra em se manifestar. dizer que a mulher é mistério não é dizer que ela se cala e sim que sua linguagem não é compreendida; ela está **presente**, mas escondida sob véus; existe além dessas incertas aparições. quem é ela? um anjo, um demônio, uma inspirada, uma comediante? ou se supõe que existem para essas perguntas respostas impossíveis de descobrir, ou antes, que nenhuma é adequada porque uma ambiguidade fundamental afeta o ser feminino; em seu coração, ela é para si mesma indefinível: uma esfinge. de imediato, a fotografia produziu estranhamento. como um retrato do **presente** que já surge amarelado, com pontos de mofo aqui e ali, clamando por uma naftalina para enfrentar as traças. só brancos, só homens, só velhos. nenhuma mulher. nenhum negro. nenhum indígena. esse retrato era uma imagem poderosa porque não representava o brasil de 2016. era também uma mensagem poderosa. a ponte para o futuro – nome do projeto apresentado para os grupos que apoiavam o impeachment – era uma ponte para o passado, ou nem isso. talvez o mais exato a dizer é que era uma ponte que foi construída já quebrada, o rompimento incluído no projeto de engenharia, para que não houvesse como alcançar qualquer futuro que não fosse passado. minha leitura é armazenamento, acumulação, fazer reservas para o futuro, encher o buraco do **presente**. sexo e comida são apelos completamente distintos – prazeres para si mesmos, para o presente, não servir o passado + o futuro. não peço nada deles, nem sequer a lembrança. fazer de uma militante heroína da democracia ocidental contribui para mascarar as persistentes desigualdades e para fazer do racismo uma doença de alguns/algumas. colocados dessa forma, o racismo e o sexismo não seriam elementos estruturais, mas acidentes reparados graças à coragem das pessoas. o crime é apenas um momento de distração. essa pacificação do nosso passado militante contribui para nossa dominação no **presente**. de fato, o poder se serve dessa narrativa para ensinar lições a movimentos mais recentes. os padrões de respeitabilidade são estabelecidos para reprimir a raiva e torná-la indigna. consequentemente, existem sujeitos dignos de se defender e de ser defendidos. essa estratégia de apagamento dá forma a mulheres como ícones despojados de seu próprio combate, separadas dos coletivos que integravam, fazendo delas heroínas calmas, gentis e pacíficas. note que na europa ainda não foi necessário levar adiante uma estratégia assim, pois nenhuma mulher racializada pertence ao seu panteão. e, na França, o processo de pacificação das mulheres militantes racializadas não tem razão de ser; para que tivesse, antes seria necessário que elas existissem. no entanto, os homens negros foram reconhecidos pelo estado francês, mas à custa de seu branqueamento. aimé césaire entrou no panteão como autor do diário de um retorno ao país natal, e não de discurso sobre o colonialismo. na realidade, esse texto denuncia o racismo e oferece uma análise do efeito de retorno da escravidão e do colonialismo na França, que ressoa com o nosso **presente**. marielle franco foi morta por esse brasil – e por este novo brasil escancarado pelo crime de bolsonaro ao votar pelo impeachment. este novo brasil que é velho. já o novo que vem das raízes, representado por marielle, o que vem da insurreição dos negros aquilombados, da resistência quase transcendental dos povos indígenas, das mulheres que amam suas bucetas, daqueles que não se encaixam na normatização dos corpos, é este que está sendo esmagado. também por isso é imperativo saber: quem mandou matar marielle? e por que? Marielle, **presente**! numa pintura, tudo está **presente** ao mesmo tempo (não na música, na ficção, no filme). quem quer fazer sexo com alguém que não está **presente**? a resposta é: muitos homens, ao que parece, já que as drogas que promovem o estupro são algo bem conhecido, assim como as técnicas dos universitários para fazer garotas menores de idade beber até ficar inconscientes. um dos principais defeitos do movimento de mulheres tem sido a tendência de enfatizar demasiadamente o papel da consciência no contexto da mudança social, como se a escravidão fosse uma condição mental e a libertação pudesse ser alcançada por um ato de vontade. supostamente, se quiséssemos, poderíamos parar de ser exploradas por homens e empregadores, criar nossas crianças de acordo com os nossos padrões, despertar e, começando pelo **presente**, revolucionar nossa vida cotidiana. sem dúvida, algumas mulheres já tiveram a força para trilhar esse caminho, dando a entender que as mudanças na própria vida realmente pareceram um ato de vontade. contudo, para milhões de mulheres, essas recomendações poderiam apenas se tornar uma atribuição

de culpa, sem construir as condições materiais que as tornariam possíveis. e, quando a questão das condições materiais era colocada, a escolha do movimento era a de lutar pelo que parecia ser compatível com a estrutura do sistema econômico, em vez de se voltar para ações que expandiriam nossa base social e forneceriam um novo nível de poder para todas as mulheres. o **presente** é, por definição comum, o instante entre o ainda não e o já, um momento tão estreito e traiçoeiro quanto a corda bamba esticada para o acrobata. mas também se poderia defini-lo como tudo o que é lembrado por aqueles que estão vivos no momento. uma versão do agora termina quando a memória viva cede lugar a uma memória de segunda mão, ou aos registros históricos – quando morre o último veterano de uma guerra, ou um idioma perde seus últimos falantes. enquanto a testemunha estiver **presente**, o agora é algo maior do que parece. o medo de ficar velha nasce do reconhecimento de que não estamos vivendo agora a vida que desejamos. é equivalente à sensação de maltratar o **presente**. não será arrogância espiritual da minha parte me sentir corrupta (comprometida) toda vez que não estou **presente** na plenitude do meu ser? o passado vive. ele amplia o **presente**; é como transformar uma corda bamba em uma ampla avenida, onde você caminha e passeia com mais estabilidade, com espaço para mais gente passar por você, indo e vindo. uma obra de arte contemporânea é uma contradição, assimilamos o **presente** ao passado? (ou é outra coisa? um gesto, uma pesquisa, um souvenir cultural?). hoje vocês são o que está acontecendo. hoje o poder que vocês têm será sentido. hoje sua ação é importante. hoje, nas suas ações individuais, vocês podem estar lado a lado com algumas pessoas ou centenas, mas estão com bilhões no mundo todo. hoje vocês estão defendendo pessoas que ainda não nasceram, e esses bilhões, ainda fantasmagóricos, também estão com vocês. hoje vocês são a força da possibilidade que atravessa o **presente** como um rio atravessa o deserto. a palavra que é dita reivindica o corpo **presente**. o que quer dizer ação?

presente

susan sontag, angela davis, maria rita kehl, djamila ribeiro, clarissa pinkola estes, maia angelou, clarice lispector, jamaica kincaid, silvia federici, bell hooks, simone de beauvoir, rosa monteiro, marcia tiburi, bianca de santana, françoise vergés, conceição evaristo, jota mombaça, amara moira, rebecca solnit, simone Moraes, lívia aquino



O coletivo é pulso
Sigo com os pensamentos, em fluxo
pé com pé
frequento estados.

Relembro o tempo
escrita e deriva têm fim?
(sensação de ter observado a rua de um lugar pouco frequentado)
frequento estados, relembro
o tempo

O fim me lembra o começo
o fim me deixa do avesso
PARA ANDA PARA
ANDA PARA ANDA
ANDA ANDA PARA
ANDA PARA PARA

O que me atrai, nem sempre alcanço
- o coletivo é pulso -
não resta resto de nada
só restamos nós, paradas
reverberando lugares passados
enquanto futuros possíveis

O que se pode ver do ponto em que chegamos?

Medo.

Vertigem.

Tesão.

Sento no meio fio da ponte com os pés pendurados
- para fora.
Embaixo, uma mão para cima
carcomida pelo vento
destroços do carnaval
restos de brilho como purpurinas deslocadas.

No meio do limoeiro
 No meio, uma floresta.
 A natureza se move - resiste -
 neste estado pré acontecimento.

Jesus

Pico

Prédios

um imenso desenho recortado, apartamentos em série
 desabitados
 janelas sem vidro.

Um trabalhador nos observa.

O que se pode ver do ponto em que chegamos?

Estar nas frestas da cidade, ver
 a cidade ao longe
 abrir o olhar
 - horizonte -
 abrir as escápulas
 sentir
 a instabilidade dos pés
 no chão
 do espaço - as curvas
 da cidade - as curvas
 da coluna vertebral - as curvas
 do corpo.

O Coletivo

fortalece

o indivíduo.

O Coletivo

fortalece,
 apesar da instabilidade.

O coletivo pulsa.

Olho o sol. Sinto o sol.

Vejo a cidade pelas frestas
 (criar mundos que ainda não existem
 imaginação como potência de vida, sentir
 o sangue arterial se conectando com as extremidades)
 Necessário, nestes tempos sombrios,
 quando fantasmas do passado insistem em permanecer entre nós.

O corpo se prepara para algo que está por vir
 Vontade de correr
 Sinto meus batimentos cardíacos acelerados
 Sangue arterial pulsa do coração
 Sangue arterial se conecta
 com um mundo à espreita
 (Mover-se na direção de horizontes possíveis.)

Corpo
 pulso
 coração
 e multidão.





Kó q'ij nin na jun mama kosik y jun chi q'axomal
 Nin na ri ru kíilh ri q'axomal chupan ri nu ch'akul
 Yi ch'ob'on rik'in ri ajaf y ni k'utuj Chire kuchi peteneq ri q'axomal re
 y ri ki tzij nu ij
 Ke yin Kamin ya manjunch nu ch'akulta
 Kamin Ni ki ij que in k'o pa xamanil
 Kamin in kaq'eq'

Rix Ri?

Rat Ri

Ti taqape junkaioxi retalh si rix ri ix k'o chiri.

Q'equm Ab'ej

Chupan ri a Ch'uch'ul in k'o bi

babe nin en keiy ri nu ch'ab'el rik'i ri nu tz'ubál

Pa jun Nu q'a

Nu b'anuna apo utzil ri nu garabato

Nu b'anun a po jun ru b'ey richin nin xib' el pa nu tzan

Richin ye b'er jukukejpe jun kai juyu'u ch'ab'el

Jun kai juyu etamab'el

E k'o kan e yakel kan chupan ri lajoj taj pisb'el e k'o chupan ri ru
 k'oxal nu bi

Y chupanch ri jun nu q'a

K'o ch ri jun garabato

Ri jun re nin xib' pa nu chi'i

Nik'oqa chi nu kulh, k'a chi nupan napon qa

Ri jun Nimalej Samajib'el re

K'o b'ey manjun chketa ni tikir ner jukukej qa chi nu pan

Esque ri mololen y b'itajtola ch ke je e k'o chi nu pan

Ye etzan y utz ni ki na nikebajki

Rije e k'es y e Rajaf ri mismo ki k'aslem.

Kamin in k'o chupan ri nu Ch'akul

Babe janila eqal nik'o ri ramaj

Babe Man ni q'ax xta chi nuech

si pa Q'ij o Chaq'aa

ya manjunch qíj ta lunes, nixta sábado
 choj junan ru b'anun runojel ri ramaj
 choj chaj ti tzuum runojel

kamin ya man betamanchta chke ri konten y ch que ri b'is
 man nin nachta jampe ti tikirpe ri nu k'aslem
 manjun chkech ta nin na

ri ru sipanik ri jun ramaj re achielta b'a jun achik o kanatab'a chua
 ruach'ulef
 man ni q'axta chi nuech ru bí ri kuchi in k'o kamin

man betamanta si in jun ak'ual
 si in jun Ala' o in jun Xten o jun ixoq
 o k'in k'a b'a in jun Atit o jun Mama'a

In ch ke yin chabech rat
 Ch ke ki tzuu?
 Ta yape jun a tzij si k'o ya tikir la tz'et
 Kamin ke in k'o chabech rat

Pa ciento yan ri juna'a teleq'ex el ri nu tz'b'al
 Pa ciento ri juna teleq'ex el ri ru b'ey nu k'aslen y ri nu konten
 Ri ru b'onil ri bachik jampelakan ti ki k'uaj ri eleq'oma

Kit kit kit kit kit
 Kit kit kit kit kit

Yisik'in kof
 Yisik'in chi a palej
 Y rat man ya tikirta yi na baxaj

Ri rayb'el ya man e bichinchta yin
 Ri rayb'el e a bichin rat
 Nimalej Juyu

Chabech rat

Yi xuke'e

nin qupij ri nu ch'akul

nin tzak'ij ri nu b'och'il

y nin suj k'a chabe rat ri nu kik'el

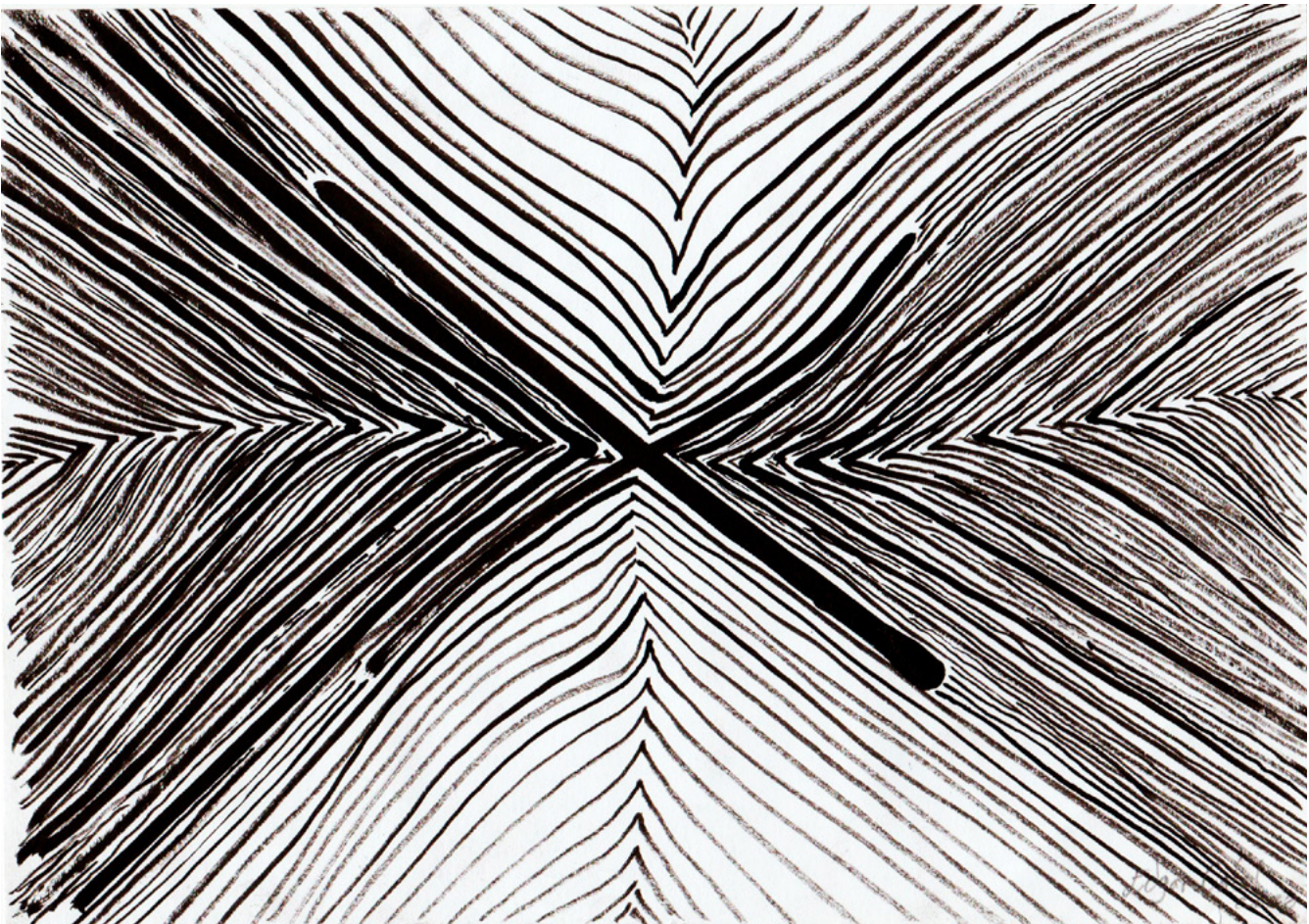
ri nu kik'el k'a kamin Ni k'ajloj y ni ch'ab'lin pa a bi rat ch'uch'ulej

Abej

Tijax Ab'ej ya yierk'aqa mientras oj k'es , Mietras oj K'o...

Kamin

Tin chapanak'a ri B'enan



Há dias em que me sinto muito cansado e abatido
Sinto os golpes em meu corpo
Pergunto à minha dona e dono de onde estão vindo todas estas Dores
no que me respondem,
eu, agora, já não não tenho um corpo
agora habito a imaterialidade
agora sou ar

São vocês?
É você?
Mande um sinal se são vocês que estão aí

Pedra escura
Sonho de obsidiana
Dentro de tua frieza estou afiando as palavras com meus olhos

Em uma de minhas mãos
tenho pronto meu *garabato*
Preparado para ser introduzido dentro de meu nariz
Para descarregar uma montanha de palavras e
Outra montanha de conhecimentos
Que estão guardados nos diferentes envoltórios de meu crânio
E em minha outra mão
tenho outro *garabato*
Introduzo-o por minha boca
Atravessa minha garganta até chegar ao estômago
Esta sagrada ferramenta
Em algumas ocasiões não consegue tirar nada de dentro de mim
Porque as coisas que em mim estão guardadas
Gostam de brincar e de se esconder
Eles e elas Possuem seu próprio ritmo, vida própria.

Agora estou dentro de meu corpo
Aqui o tempo passa muito devagar
Aqui já não existe o dia
Já não existe a noite
Já não existem as segundas-feiras
nem os sábados

o tempo está em suspensão, a luz é uma pausa contínua.
Tudo tem um rosto e a cor vibrante das cinzas

agora já não sei mais de felicidade, nem de tristeza
não me lembro desde quando comecei a existir
não me lembro de nada

esta sensação que atravesso se parece muito ao sonho, também se parece
com a própria vida
Não consigo me lembrar o nome deste tempo e do lugar que agora estou

é difícil saber se agora eu sou um menino,
um jovem, uma moça, uma mulher
uma avó ou um avô.

quem sou eu? para você!
Como você me vê?
Me diga se você consegue ver algo
Agora que estou diante de ti.

Minha maneira de enxergar, há séculos roubada
Minha maneira de ser e estar feliz
Até mesmo as cores dos meus sonhos foram apartadas de mim
Kit kit kit kit kit
Kit kit kit kit kit

Estou gritando forte
Estou gritando na sua cara
E você não pode me escutar, muito menos me ver
os desejos já não são meus
Os desejos são teus
Sagrado monte

Diante de seu rosto
me coloco de joelhos
Corto minha carne
Corto minhas veias
E a ti ofereço: meu sangue

Meu sangue que agora goteja, salpicando esta pedra fria
Pedra de obsidiana que te funde - enquanto estamos, enquanto existimos...

Agora
Seguirei caminhando

Para os que aqui estão:

valorizar a ancestralidade é manter em chama viva a presença dos que vieram antes de nós. Reconhecer aqueles que abriram caminho em solo árido para que pudéssemos passear por solo fértil é honrar um percurso que foi construído por muitos.

O presente nos faz responsáveis por aqueles que nos antecederam. Sem a memória do passado desestabilizamos o gingado da continuidade - é andar em corda bamba correndo o risco de fissurar a linha do tempo.

A lembrança também tem um custo alto - a saudade, que muitas vezes cobra em lágrimas as caras memórias dos que já se foram. Eu pago. É com a água salgada que de mim mareja que nutro o encantamento de seguir.







Dani,

queria que você tivesse inventado uma biblioteca para a minha avó. eu pensava sobre o tempo por vir, sobre uma parada do decurso indefinido - não na chegada, mas no refúgio -, seria mesmo um tempo em que as coisas ainda não aconteceram? se estamos no futuro do ontem, as coisas acontecem (presente) no gerúndio. o verbo "acontecer" é sempre uma crise. se busco a origem, encontro contingência: o que "acontece" se dá por acidente, por acaso, sem querer. a vida tem tanto de revés. mas, se penso neste agora, aqui, injuriada eu acho que ninguém entra no cadafalso por imprevisto.

eu pensava sobre o tempo por vir quando lembrei da minha avó e de um dos dias mais bonitos que vivi com ela. foi uma fuga para a frente do mar, ela e eu. a gente falava apenas quando a onda terminava de quebrar: entre o som da queda, no silêncio assoviado desse tombo. nunca estive tão perto da minha avó como nesse dia. talvez eu tenha lembrado dela ao ler sobre a casa desconhecida. sei que não terei tempo de vê-la com a luz acesa. quando procuro abrir a porta, a vejo se dissipando, como se o interior de si adentrasse a neblina levantada pelas ondas daquele nosso mar.

se você tivesse inventado uma biblioteca para a minha avó, eu poderia reinventá-la na minha leitura errática e, ao contrário de seu passado doloroso, do seu nenhum estudo, multiplicaria os seus dois únicos livros: um de plantas e um de rezas. como pedir licença aos dias tristes, e sem medo do abismo no teto das casas desconhecidas, leríamos cura e fé. o abrigo suave da busca nos apontaria uma estranheza maior ao que é mais íntimo, seríamos fraternos ao desconhecido. entre o cadafalso causado e as perdas iminentes, fiquei pensando que somos feitos mesmo é de raiva e saudade e que, no refúgio do decurso indefinido, não restaria nada se deixássemos de inventar bibliotecas.

outro beijo,
Patri.

Tem um ponto que tudo vaza. Quando
mão vira linha nem buraco é
ovo, ou piraquê. Bolachas se multi-
plicam ao infinito - reproduzem
pela boca - ai! e tem também
aqueles objetos de desejo que ~~se~~
tocam múltiplos, módulos // ~~desenho~~
~~linha~~. E a ~~tela~~ ~~vai~~ vaza
pra o mundo. Gravura que espalha a
imagem ao infinito. Se esse ~~tela~~
cavado no metal deixa sobra no
mundo a sobra/negativo/linha
no espaço vira ~~tela~~ sem
margem ~~talvez~~ com a parede do
espaço semi-escuro, talvez ~~nessa~~. Queria muito
fazer uma homenagem a todo seu trabalho,
como uma carta de amor pra aquela que não
conheci. Ou pode ser só uma desculpa, não sei bem.
O que vem de dentro pra fora e não é útero,
é desejo, vontade, ~~e~~ querer, tesão, paixão,
amor, repulsa, obsessão que não se explica.
É muito difícil lembrar a direção de "D's", "B's",
"P's" e "Q's" quando se escreve ao contrário. Rafael M.

Maria,

escrevi para Lygia outro dia, em sei (eu sei), ^{não} sei você nem ela, mas meu trabalho conhece. Precisava te escrever pois outro dia tropecei nos teus tentáculos, aquelas coisas sem centro que você faz & se espalham no espaço. Sabe?

Aqueles bra-

^{ços} — chifres, pernas, cabelos, medusas, cipós, cobras, sexos, sol, tranças, dentes, garras, dedos, etc, etc... Precisava te escrever, achei que podia gostar de saber que os tentáculos ^{se} espalham virando linhas que inventam espaço, & cosmologias. Fazem do vazio do seu intervalo — cheio — de espaço.

Tropecei nos teus tentáculos Maria. Essas extensões que você inventou para as suas peças não serem ^{contidas} controladas, abrindo os braços e patas ^{te} envolvem e em ^{desenhando uma} escultura. Isso pode não te ^{com} controlar. Tentei te escrever com carinho, R.

"Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; cada ser humano é uma parte do continente, uma parte de um todo. Se um torrão de terra for levado pelas águas até o mar, a Europa ficará diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar de teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não pergunte por quem os sinos doam; eles doam por ti."



Deitada no sofá neste início de novembro cinza e chuvoso fecho os olhos, me viro de bruços e mergulho fundo minha cabeça entre o encosto e uma grande almofada. Faço isso desde criança. Fico ali alguns segundos, ainda sem abrir os olhos, como medida de segurança. Pronto, agora sim. Abro os olhos e faz mais escuro do que antes, mas não me surpreendo. Entrei na caverna, no tempo-caverna, no modo-caverna, na caverna dos sonhos esquecidos. Porém, diferente da caverna de Chauvet, à qual Herzog teve raro acesso para fazer seu filme, a minha é lugar comum e necessário, onde qualquer um que possa enfiar sua cabeça entre uma coisa e outra pode acessar. E são muitos os caminhos que levam até a entrada: horror, tédio, ansiedade, estresse, repulsa, desejo, raiva, euforia, curiosidade, desespero, necessidade, ausência... Aqui residem perguntas e respostas, não necessariamente conectadas, além de centenas de imagens e signos que vão passando, independente do meu movimento ou inércia. Tudo está vivo e morto ao mesmo tempo. Entre as imagens, reconheço facilmente as pinturas rupestres do filme de Herzog, os desenhos de Hilma af Klint e as casinhas de Klee... Eu as levei comigo, eu sei, e, assim, elas trazem conforto e segurança nesse lugar solitário e sem tamanho. Há quanto tempo estou aqui? Preciso de uma sensação para me orientar e, instintivamente, fecho os olhos novamente e os pressiono forte contra a superfície. Rapidamente recebo os estímulos visuais dessa experiência infantil e a caverna se agita com os asteriscos brilhantes e os padrões ópticos que vão se alterando, como se visse através de um caleidoscópio. Estou viva. Ou melhor, me agarro à vida. Mas logo pressionar os olhos não é mais efetivo e dá na mesma se estão abertos ou fechados. A mágica se esvai e retornam as perguntas, as respostas, as sentenças e as imagens - cada vez mais esparsas: o touro, o pote, um buraco (como se desenha um buraco?), risquinhos que reconheço como água da chuva, um olho, uma mão solta, uma mão que agarra outra mão, um peixe, um telhado, uma mesa, uma faca, uma cama, alguém deitado na cama. Sei que é uma mulher (sou eu?). Vão passando, como em um limbo, enquanto me dou conta da estranheza que é ver nitidamente na absoluta escuridão. São ancestrais, e já não as reconheço como imagens, mas como entidades - tudo quanto existe ou pode existir, de forma real ou imaginária. A beleza também está aqui. Navego entre os finados. Não. São eles que navegam por mim. Assustadoramente me reconheço nesse movimento e penso: a vida se revela aqui. Não se trata de nenhuma espécie de conclusão, mas de um "penso logo existo" como mecanismo precário e urgente de defesa. Contra quem?

Não sei. Se fosse em vida poderia afirmar: contra a morte, óbvio. Mas na caverna esse raciocínio simplesmente não faz sentido. E na medida em que as mortes, as formas, as ideias e as dúvidas correm, percebo que a noção de raciocínio em si vai perdendo seu valor e significado... Ou talvez se transforme em algo mais flexível, mais amorfo e sem controle. Estou longe. As imagens que levei comigo ainda surgem entre intervalos cada vez mais longos. Reconheço minha total ignorância e admito que insisto em recorrer à razão para elaborar um entendimento dos fatos, mas é inútil. É difícil, é estranho, é possível, é preciso neste momento. É agradável, na verdade. Começo a fazer um ninho enquanto tudo se revela, já sem necessidade de análise. O controle ficou lá, apegado ao raciocínio. Que sensação! Não existe mais medo. Aceito sem compreender, entro na dança dos que passam sem julgar e sem sofrer. Estou embarcando, afinal, vocês são tantas! Cada vez em maior número, cada vez mais próximas, cada vez maiores e inesperadas. Pesam sobre meu corpo achatado. Vou indo... E quando ensaio os primeiros passos, vacilo. Retomo meu posicionamento inerte enquanto escuto. Sou fisgada pelo som, não de outro lugar, mas de uma pequena pessoa que indaga "porquê a vida demora tão rápido?". A contradição semântica entre permanência alongada e movimento veloz desorganiza meu estado de espírito. Desculpem, agora não posso ficar, volto depois, com certeza. Permanecerei demorando rápido. E como um planeta, completo uma vez mais na existência a rotação em torno de meu próprio eixo e retorno à posição inicial: deitada de costas no sofá, neste início de novembro cinza e chuvoso.

O futuro e a promessa
da noite

Julia Cavazzini

106 (fotografia de Lores Cavazzini, meu avô, por volta dos anos 80)



presente março 2022

- Sobre o que é esse seu livro?
- Ficção científica, você sabe o que é?
- Sei. Na escola estou lendo um livro sobre sonhos.
- E você tá gostando?
- Tô.
- Você sonha bastante?
- Sonho. Mas só sonhos inúteis.
- O que são sonhos inúteis?
- Um sonho que não serve para nada.
- O que é um sonho que não serve para nada?
- É um sonho que é longe da realidade, um sonho que você acorda e acaba.

Das fantasias da minha juventude, a que mais sinto falta é a de imaginar futuros - ter expectativas para além do hoje, do fim desta semana, do mês que vem, de idealizar um mundo impossível e ir dormir com a consciência tranquila de que amanhã os sonhos seriam outros. Sinto saudades de brincar com as incertezas e achar graça na distância entre passado, presente e futuro.

Lembro que, quando pequena, antes de dormir, por vezes tive medo de olhar para o céu - vai que avistasse qualquer objeto aéreo não identificado. Meu terror não era sobre como seria uma experiência extra-terrestre, como se daria minha relação com esse outro, mas o de avistar algo e ninguém nunca acreditar em mim, vivenciando uma experiência que jamais seria compartilhada.

Hoje em dia, temo, mais do que nunca, a traição da imagem. A imagem age sobre o nosso imaginário e transforma a maneira como percebemos a realidade. Essas imagens ampliam o horizonte do futuro. O mesmo acontece quando elas nos causam traumas, afetando nosso imaginário de maneira reversa, nos tornando ainda mais criativos para o que existe de dor. No espectro das imagens, com os recentes lutos, como devo imaginar o futuro?

A projeção da imagem é, ao mesmo tempo, o êxito e o declínio do desejo. A miragem, por exemplo, conhecida como miragem inferior, é um fenômeno óptico que reflete um objeto no chão devido a alta temperatura do solo. Tal como no deserto, lança-se diante dos nossos olhos uma cópia do céu no chão, o que nos faz interpretar como água a areia escaldante... Ainda que esse oásis não exista no fim da paisagem, a visão alagada faz com

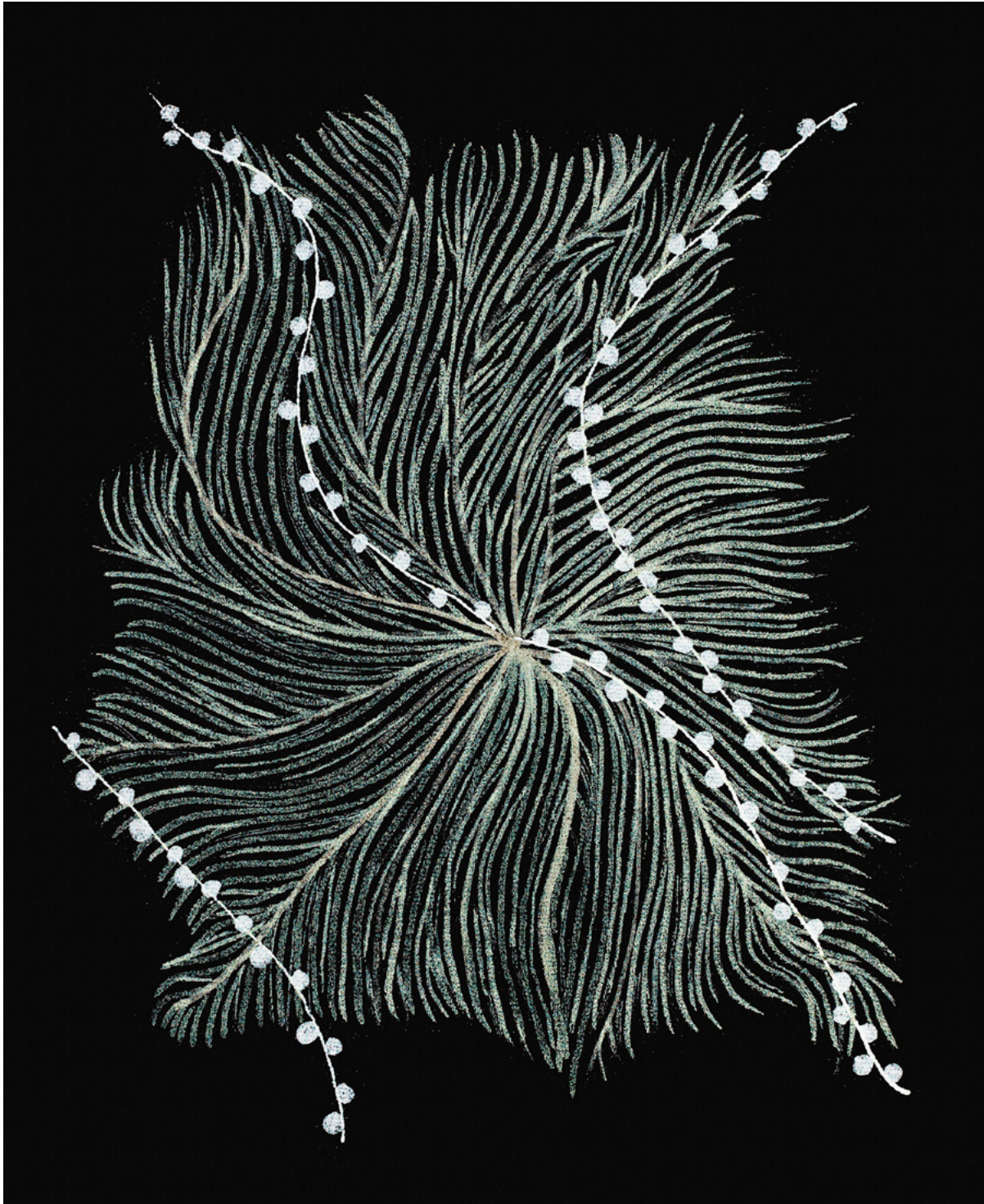
que atravessemos o deserto. Já uma outra manifestação da miragem, a Fata Morgana, fenômeno conhecido como miragem superior, projeta a imagem acima da linha do mar- também como reflexo do calor -, mas, nesse caso, a partir da água. A Fata Morgana, diferente das miragens inferiores, pode ter sido a responsável pela idealização das muitas criaturas marítimas na história das grandes navegações. O que existe entre a distância do que vejo e do que experiencio? Me parece que resta apenas um lugar em que os sentidos ainda podem ser apurados e independentes dos deslocamentos temporais: os sonhos.

O sonho é um exercício de magia. Tanto no campo da arte, quanto da ciência ou até o da crença, a magia é uma vivência do fantástico, da manipulação de algo oculto que pode, ou não, alterar o curso das coisas. Neste caso mágico, a imagem não aparece sozinha: é comprometida com a vibração da noite, não se prendendo ao tempo e sempre com espaço para novos sonhadores. A certeza de não estar totalmente no controle deste magismo noturno faz com que eu me desprenda do medo que tenho de me frustrar com as imagens que eu invento sobre o futuro porque, afinal, não é sobre o limite do real e da ficção, mas sobre como, em vida, habitar em harmonia esse lugar entre os dois.

É nesse devaneio que escuto o segredo de alguém que em vigília já não existe mais como matéria, e que hoje se preserva em mim só como memória e saudade. É também durante o sono que encaro pesadelos da vida acordada, mas tendo incansáveis possibilidades de erro para, quando despertar, poder tentar de novo. É sonhando que vislumbro caminhos para o amanhã.

Desamarrado do juízo de valor da traição do olhar, os sonhos mais profundos não respondem às rígidas demandas da consciência, e usam da ilusão como um lugar de invenção. Na criatividade deste mundo onírico, dançando com os sentidos e desarmada de algumas travas da razão, eu sou presença. Vivencio meu inconsciente inventando o presente e, mesmo que por pouco tempo, tenho sempre a promessa de encontrá-los novamente na próxima noite. Por fim, sem conseguir imaginá-lo quando acordada, aprendo com meus sonhos que o futuro é para além da imagem.

O futuro é ação.



O que é?

Incansáveis caminhos em busca de si mesmo?

Como me desprender de um vazio?

Um abraço apertado - é isso o que eu quero?!

Se jogar na vida, experimentá-la, cruzá-la de diversas formas...

A caixinha se quebrou e com ela se vai a liberdade, entra aqui e sai acolá.

É um ninho de afago a esperança sólida, transicional imensidão dos Teus e egos.

Sabes, é preciso que aceites... é preciso fraquejar para um dia poder voltar a levantar... e então, cair de novo. Corda bamba no escuro, vamos testar?

Não busco algo que está perdido, meu encontro é, talvez, comigo mesmo. O carregar essencial de uma força separa tuas dores e fomenta o vício. Excita e alonga tua boca para sonhar desejos flutuantes que nos levam ao descanso. O Mandacaru tem seus espinhos, mas é lindo; aprecie-o de longe para não se machucar, ele é forte e valente e, por isso, mora aqui - no meu coração craquelado.

Tempo de rios quentes, calma e aquecimento do órgão vital.

Entorpece a mente de adrenalina para respirar, viver e assoprar. Da ilusão ao sólido espesso teu caminho é traçado. Chocalhos de cabritos são nossos ouvidos ao entardecer.

Viver em terras de Garoas é inverter os processos de imigração.

Nem de flechada quero viver, quero instrumentos de possibilidades... O que é passível? Militância flácida e superficial? Quero sentir o áspero da verdade nos teus olhos ao entardecer. Quero comer e beber junto com as onças pardas pois, de onde vim, nos entendemos pelo olhar...

Não quero inventar moda para te agradar, não quero inventar linhas rebuscadas para impressionar, não quero fazer aquilo para te entreter... eu só quero ser eu e deixar a força vir. Sei que a roda gira, mas é

tão envolvente e encaixotada. O close, brilho, vigor, é elegante? Quero quebrá-la em uma marretada só.

O novo sol é mais frio, delirante... fraturas de solidão, calo ósseo de amor, suportar o que se é para não fechar a cova. Grandes festivais de música, dar um beijo molhado, sentir teu cheiro como se fosse despedida... Pisar no chão chamado intensidade, viver alegrias de festas animadas, tipo aquelas do curso de comunicação da UnB. Quero a ousadia de conhecer um amor numa viagem de ônibus.



Paulo,

não sei bem do que fala esta carta. Era para ser “um texto pequeno sobre a bienal, sobre algo que a englobe, ou sobre o que vem depois. Ou sobre outra coisa”. De certa forma, no fundo, talvez seja sobre tudo isso mesmo.

Você lembra do dia em que a 34ª finalmente abriu para o público? A gente foi jantar na sua casa, com Carla e Gal. Já de noite, quase de saída, recebi uma mensagem que dizia: *estamos só começando*. Obviamente, havia um contexto para a frase, sempre há um contexto e, se tem algo que defendemos nessa bienal, é que o contexto define de fato como entendemos as coisas, se é que as entendemos. Mas quanto mais ela ecoa na minha cabeça (e tem ecoado muito), mais me parece que é também uma frase que vai além de qualquer contexto, que reverbera, que não acaba, porque é bonito pensar que estamos começando, que estamos sempre só (re-)começando.

Para mim, e talvez para qualquer um que trabalhe pensando e fazendo exposições, o dia da inauguração tem mais gosto de conclusão do que de início. Sempre tenho a sensação de que as coisas acontecem mesmo durante a montagem, quando nada é ainda cristalizado ou acabado, quando falamos entre nós (curadores, artistas, produtores, montadores, iluminadores, designers...), quando falamos com as obras e elas falam com a gente. Pensar que a inauguração pode ser realmente o início, que é nesse momento que de fato começamos, por muito óbvio que isso possa parecer para quem visita uma exposição, para mim é uma ideia quase revolucionária.

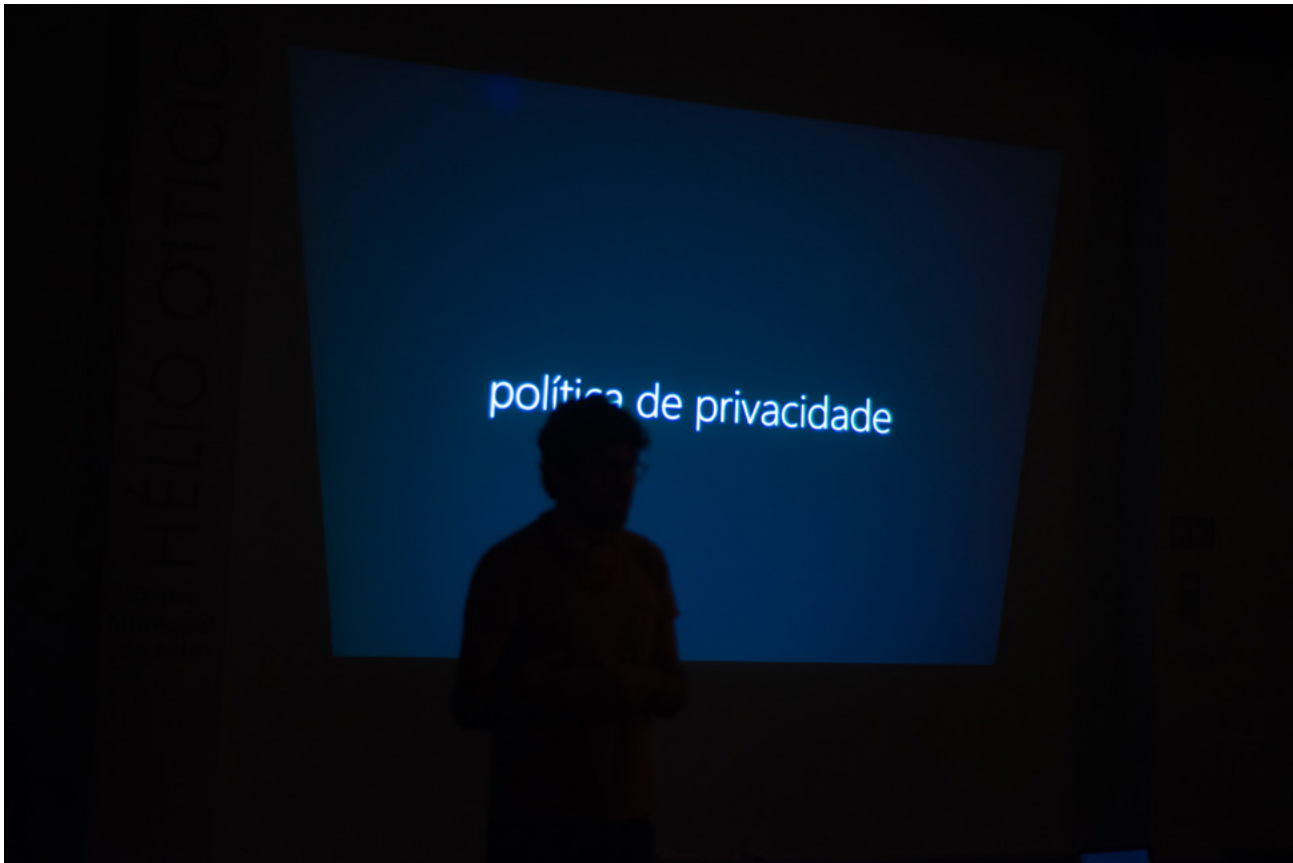
Tem uma outra frase, de Alain Badiou, que, como você sabe, citei mais de uma vez nos últimos meses: “podemos continuar”. Há uma beleza sólida e imprescindível na resiliência que nos fez e ainda nos faz *continuar*. É a força da luta de quem não tem outra saída a não ser lutar mesmo, mas também de quem luta ou age por escolha, na convicção de que as coisas têm que melhorar para todos antes de poderem ficar boas para qualquer um. Acredito nisso, acreditei nisso esses meses todos. É o que me fez *continuar*.

Mas a ideia de que na verdade não *continuamos* porque estamos, ainda agora, *só começando*, é de uma força imensa. Apesar de gigante, uma bienal pode ser uma semente. Pode ser, em termos aristotélicos, mais potência do que ato, e o que está em potência me parece sempre muito mais bonito e instigante do que o que está plenamente realizado. Penso agora que

aquele nosso desejo de fazer da exposição um ensaio aberto, de certa forma, tinha a ver com isso, com a vontade de seguir começando, seguir em potência, seguir arriscando, seguir com frio na barriga. Seguir sem saber, de fato, o que está por vir.

Como falei antes, é difícil, até para mim, entender exatamente do que estou falando. Sem dúvida, do que senti e sinto em relação à bienal que fizemos juntos (você, eu e esse mar de outras pessoas incríveis), mas também, certamente, de *algo que a engloba* e, acredito mesmo, de *algo que virá depois*. Mas, também, ou até principalmente, *de outras coisas*, porque no fundo estamos sempre falando de outras coisas. Porque a emoção de pensar, organizar e visitar uma exposição nasce muitas vezes do entendimento de que ela é parte do mundo. E esse mundo está sempre começando, sempre se revelando como algo que não podemos apreender, que ultrapassa o que esperávamos e o que podemos compreender.

Paulo, fique bem, estamos só começando, seja lá o que for.



Política de privacidade

VIVENDO ENTRE DOIS TEMPOS

Em *The Administration of Fear* (2012), Paul Virilio e Bertrand Richard conversam sobre o descompasso temporal do mundo pós-revolução digital. Dentre as muitas teorias e bibliografias navegadas pelos amigos, nasce a conclusão de Virilio de que a exigência de se estar presente e emitindo opiniões em tempo real na esfera virtual, ao mesmo tempo em que se está fisicamente alocado em um vagaroso tempo corporal da vida presencial, cria um estado de medo profundo que dita a existência contemporânea. Virilio coloca: “Esse deslocamento é um evento significativo, que coloca ênfase no tempo real, no *live feed*, ao invés de no espaço real. (...) o espaço geográfico real é conectado ao tempo real da ação humana. Com o fenômeno da interação instantânea que temos de enfrentar atualmente, houve uma verdadeira reversão, desestabilizando a relação das interações humanas e o tempo reservado para a reflexão, em favor de respostas condicionadas produzidas por emoção. (...) Estamos presenciando o fim do tempo humano compartilhado (...).”

O Cinza, grupo multiartístico formado pelos dramaturgos Gustavo Colombini e João Dias Turchi, vem experimentando a noção de “tempo humano compartilhado” e a divergência entre tempo virtual e tempo presencial em diversas ações artísticas interativas, desde 2017. Em *Máquina hipertexto* (2017), a dupla disponibiliza uma “máquina” de aço que consiste em duas poltronas, cada uma com um computador à sua frente, fixadas de costas uma para outra. Em frente à cada cadeira, está projetada a tela da pessoa que se senta na cadeira de costas para ela. Assim, as duas pessoas que ocupam a máquina conseguem se comunicar por escrito, simulando o tempo presencial de privacidade que têm ao se comunicarem por mensagem (*chat*) - o tempo internalizado da comunicação silenciosa - ao mesmo tempo que sentem a presença corporal de seu interlocutor às costas e são assistidos por diversos passantes (seus espectadores e leitores).

Nesse trabalho, dois acontecimentos chamam bastante atenção. Primeiro, a impactante mistura entre o tempo público e privado vivenciada pelos participantes. Segundo, a consequente desconexão do mundo presencial que ocorre com os participantes e quando os assistimos entrando em conversas extremamente pessoais que se desenrolam em frente a uma plateia de desconhecidos.

A dupla aprofunda essa pesquisa com o trabalho *Política de privacidade*. Apresentado já em diversos locais - desde palcos italianos a igrejas interioranas - o trabalho consiste em dois atos principais que visam baralhar a experiência virtual e presencial. Em um ambiente escuro, os espectadores/participantes assistem a um vídeo cujo tema principal é o vidro, sua história material e sua presença na vida humana. Com cenas que focam na relação entre crianças e animais presos em zoológicos, não só o vídeo, mas este primeiro ato como um todo, cria e constrói a sensação já familiar do cinema e da solitária interiorização que sentimos ao lado de desconhecidos. Após o fim do vídeo, a tela fica em branco. Os participantes, a quem foram solicitados seus números de telefone ao entrarem na sala, veem um grupo de *whatsapp* chamado "Política de privacidade" tomar a tela e seus telefones. Neste grupo, eles estão identificados não com seus próprios nomes, mas com alcunhas inominadas, como "usuário 1", "usuário 2", etc. São, neste momento, integrantes de um grupo anônimo de conversa do qual todos fazem parte de forma virtual, mas que também estão fisicamente presentes.

O que acontece em seguida varia profundamente a cada apresentação. Aos participantes é dada a oportunidade de conversar, por escrito, sem saberem a identidade de cada um e tampouco quem está mandando qual mensagem. Dependendo da integração do grupo, a experiência pode ser focada em coisas positivas, com conversas que se aprofundam em temas sensíveis e promovem uma troca emotiva. Ou, como foi o caso de uma apresentação no Sucre (Bolívia) pelo Festival EnArtes em 2018, a conversa pode ficar violenta, constrangendo pessoas que estão presentes na sala, tramando caminhos violentos de conversação, trazendo ainda mais ênfase ao descompasso da vivência digital e da vivência presencial quando vemos que ninguém se manifesta presencialmente para encerrar o desconforto. E em uma cultura, como Jonathan Crary bem coloca, centrada no olho e na observação, lembramos que uma experiência não é só o desenrolar dos acontecimentos, mas também as sensações de tensão, ansiedade, relaxamento ou o que quer que seja em relação aos corpos que compartilham o espaço conosco.

Assisti ao *Política de privacidade* pela primeira vez em 2017, quando o trabalho foi apresentado no Centro Cultural Hélio Oiticica (Rio de Janeiro), por ocasião do Festival de Performance Atos de Fala. Foi uma experiência ímpar, justamente por pegar duas formas táteis de se existir no mundo, presencial e virtual, com sensorialidades diferentes - luz

de tela x luz natural; estar conversando com alguém que não está no mesmo espaço que você x conversar com alguém ao seu lado; anonimato x não-anonimato; velocidade digital x velocidade presencial; comunidade digital x tensão presencial de corpos - e fazer com que ocorram ao mesmo tempo, no mesmo presente. O que se resulta é uma espécie de curto-circuito no qual a noção de anonimato e interiorização se mantêm apesar da presencialidade física e da consciência de que o anonimato é limitado, uma vez que as opções se reduzem aos que estão presentes na sala, sentados ao seu lado no escuro.

Em 2021, assisti a uma nova apresentação da performance, desta vez no Festival Mexe na cidade do Porto (Portugal). Se passaram quatro anos desde a última vez que a havia assistido, e foram notáveis as alterações na dinâmica de conversa. Ou, pura e simplesmente, na dinâmica de não-conversa. Durante toda a hora que durou o grupo presentificado de *whatsapp*, praticamente só se trocaram figurinhas em vez de palavras. Imagens diversas com dizeres engraçados uma após a outra preencheram a tela e conduziram completamente a experiência coletiva dos que ali estavam presentes.

Muito se fala e tem se falado sobre os memes como símbolos de um diálogo contemporâneo e político, mas ainda falta um olhar mais atento aos filhos dos memes: as figurinhas de *whatsapp*.

ENTENDENDO AS FIGURINHAS

Figurinhas de *whatsapp* são imagens que os próprios usuários podem criar quando recortam figuras de fotos e, muitas vezes, adicionam palavras a elas. Diferente dos memes que tem dimensões quadradas e retangulares, as figurinhas têm diversos formatos e assumem uma dimensão pequena para caberem dentro do *thread* de uma conversa de *whatsapp*.

Nesse sentido, os memes se familiarizam ao uso de fotografias, por configurarem imagens que são disponibilizadas ao público para serem consumidas e apreciadas. Ao contrário das fotografias, seus autores são desconhecidos e a força de seu impacto está justamente neste anonimato e em sua reproduzibilidade massiva. Também está no fato de não haver subjetivação na percepção desta imagem. Em seu ensaio seminal sobre fotografia, *A câmera clara*, Roland Barthes delimita a diferença do *punctum* e do *studium* da fotografia. O *studium* é a força que a fotografia tem para o espectador via seu contexto, como, por exemplo, “O terror da guerra” (1972), registro de Nick Ut de uma menina nua de nove anos

sendo queimada pelo napalm na guerra do Vietnã, que se tornou símbolo desta batalha violenta e dessa bomba em específico (quem não se lembra da cara de dor de Kim Phúc, de braços abertos, correndo para salvar sua vida?). O *punctum*, por outro lado, se refere a pequenos detalhes captados pelo espectador que o tocam de uma maneira indescritível e profundamente pessoal, e pelos quais a imagem assume valor. Detalhes como um sapato, o jeito com que uma pessoa está parada, uma mão repousada sobre um colo. Detalhes que se baseiam exclusivamente na subjetivação daquele que o olha.

Memes são imagens que se encontram no espectro do *studium*. Imagens poderosas em contextos políticos e sociais, sua força ficou mais que clara nas eleições brasileiras de 2018 e estadunidenses de 2016. Como colocado por Giselle Beiguelman, citando também o pensamento de Sonja Foss: “Nessa interpretação, as imagens transcendem o seu valor estético e funcionam como elementos simbólicos constitutivos de um sistema de comunicação, possibilitando que sejam pensadas no âmbito de uma experiência cultural e sejam entendidas como constructo resultante de um trabalho coletivo.” A força dos memes está em sua vivência coletiva pelos que os produzem e recebem, e o por isso a carga de anonimato é tão importante - não sendo considerado uma obra autoral passam a se tornar pertencentes à todos, reforçando e aprofundando debates sócio-políticos em esferas para além da mídia tradicional.

O mesmo não é verdade para as figurinhas. De caráter humorístico, não há uma tensão contextual que se expressa por meio delas. Reminiscente das figurinhas adesivas colecionáveis do início dos anos 2000, em formatos de pequenos animais e com brilhos ou pelúcias, as figurinhas de *whatsapp* atualmente são utilizadas como veículo de conversa. Ao contrário de um meme que é visto, apreciado, e comentado sobre, a figurinha é inserida dentro da plataforma de conversa (*thread* do *whatsapp*) como substituto de palavras e, conseqüentemente, respondida por outra figurinha. Assim torna-se possível uma conversa longa que consiste inteiramente de figurinhas, figurinhas estas compostas de imagens e frases removidas de situação externas e que não fazem referência direta ao momento da conversa.

São imagens e frases que não aludem a um contexto social maior, mas que também não contém momentos de *punctum*. O que dizer, então, de conversas que são inteiramente baseadas em imagens que não convidam à subjetivação daqueles que a olham? O Brasil se configura entre os dez

países que mais utilizam *whatsapp* no mundo, com 91% da população entre 16 e 64 anos usando o aplicativo. O uso de figurinhas, então, não é uma raridade nas conversas dos brasileiros.

A CONVERSA QUE NUNCA ACONTECEU

Foi nítido como, nos quatro anos que separaram minha participação em *Política de privacidade*, a atitude em relação ao desconforto coletivo mudou. Enquanto em 2017, frente à hesitação que acomete qualquer plateia quando convidada a participar ativamente de uma performance, as pessoas na sala do Centro Hélio Oiticica começaram timidamente a testar as possibilidades providas pelo anonimato. Em meio a piadas e perguntas existenciais, foi criada uma experiência vivenciada por todos presentes naquele espaço escuro, que ativou de forma poética a subjetividade de todos os envolvidos. Na batalha entre o tempo virtual e o tempo presencial sobrepostos, quem ganhou foi o tempo presencial, com as pessoas se colocando de forma ativa dentro do acontecimento coletivo.

Já as relações estabelecidas entre os participantes da performance de 2021 foram um reflexo direto da falta de subjetividade que domina, atualmente, nossa retórica social. O que Beiguelman e outros pensadores colocam como o fluxo incessante “na qual a imagem se converte em um dos territórios de disputa mais importantes da atualidade” talvez possa ser pensado também como o fluxo compulsório da produção de conteúdo imagético des-subjetivado. Ou, como colocado por Virilio, “(...) as pessoas são obrigadas a transferir seu poder de decisão para respostas automáticas que conseguem funcionar na velocidade imóvel da instantaneidade. A aceleração da realidade é uma significativa mutação da História.”

As figurinhas produzidas no *whatsapp* tem temáticas semelhantes: cansaço de viver, dificuldade de pagar contas, amor pela cerveja e outros tópicos similares considerados engraçados. O que pode ser percebido como escapismo, quando visto se desenrolando presencialmente como na apresentação de 2021 de *Política de privacidade* acaba recebendo outras implicações. Barthes coloca que a produção da imagem sem mediador (ou seja, a imagem “caseira” que precede a imagem pobre de Hito Steyerl) é recorrentemente utilizada por políticos populista para dar ao eleitor a impressão de que está votando em si mesmo (pense em Jânio Quadros descendo do ônibus com caspa no ombro ou no chinelo Rider de Bolsonaro). A imagem sem mediação virou o meme que virou a figurinha.

Naquela noite de setembro de 2021, o tempo digital venceu o tempo presencial. Muito se fala sobre a Covid-19, a respiração coletiva e os tempos de asfixia. Mas além da nossa respiração, a Covid também tem roubado o olfato, o paladar e o tato. Vivenciar coisas apenas por uma tela faz com que nos fixemos na linearidade aristotélica da narrativa, recebendo prazer do encadeamento de acontecimentos que eventualmente culmina em um clímax. A fixação do século 21 pelo olhar faz com que essas narrativas lineares sejam pareadas com elementos estéticos muitas vezes deslumbrantes, dos quais também recebemos prazer. Rapidamente esquecemos que, no desenrolar de um acontecimento presencial, o que cria a emoção frequentemente é envolto de tensões corporais que se expressam pela epiderme, cheiros, sons e a outros sentidos que não apenas a visão: a percepção de um acontecimento se dá de forma tridimensional, multidirecional, e não apenas de forma linear.

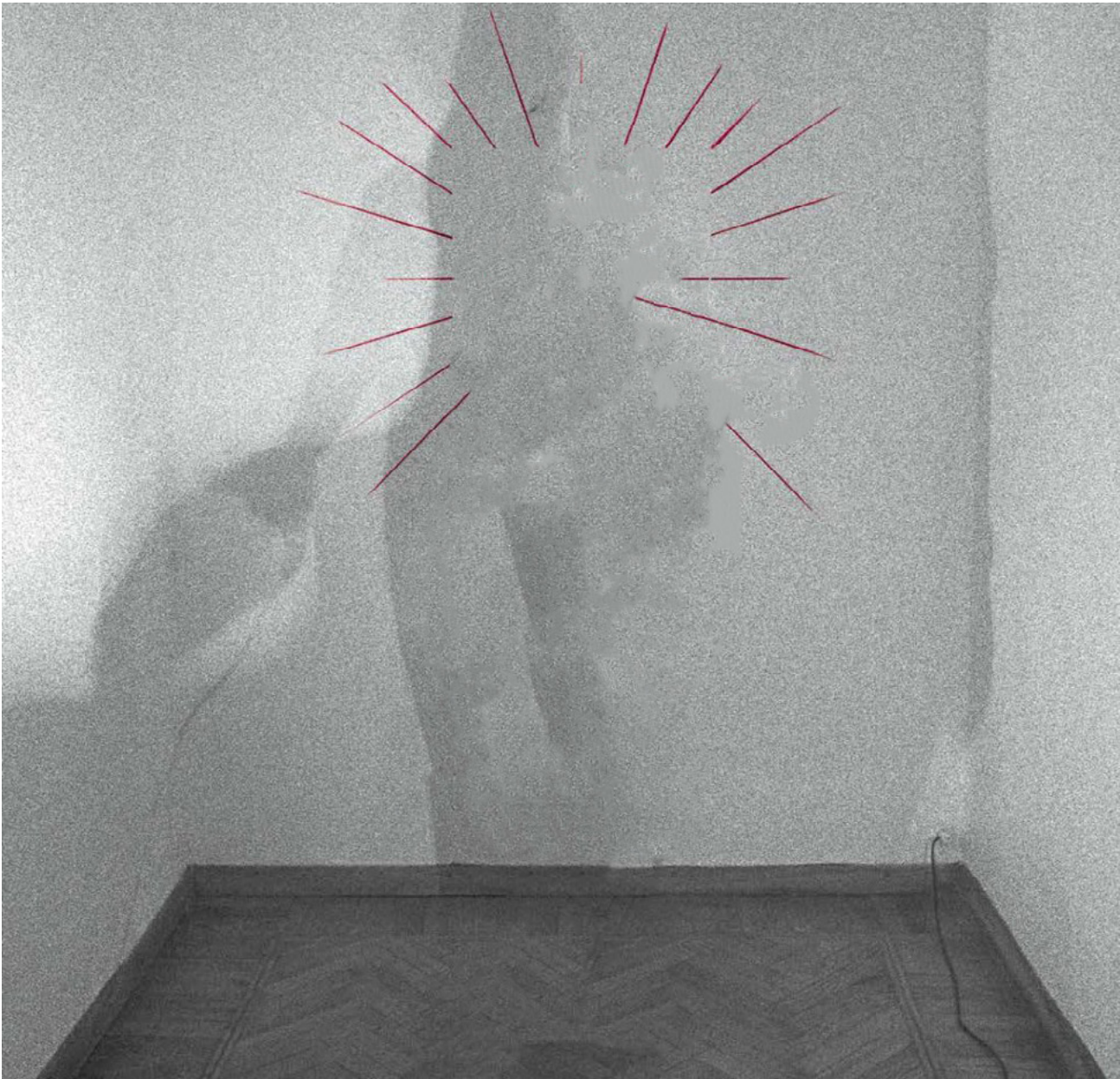
O uso preponderante das imagens fomentado pela era digital trouxe diversas coisas positivas - a extinção do *gate keeping* midiático e imagético tradicional se assemelha ao que Benjamin colocou como a morte do narrador, que nada mais é que a substituição de uma consciência social pré-determinada ditando a jornada do herói por uma voz única, subjetivada, individual e não programada das narrativas modernas. A auto-inserção nas imagens fragmentadas de distribuição virtual acabam criando uma nova subjetivação, como foi o caso dos memes e como, sem dúvida, será o caso das figurinhas também. Mas, retomando a ideia de medo nascido do descompasso colocado no início do texto, o que será que significa a forte atração no uso dessas figurinhas como forma de diálogo em um momento tão nitidamente delineado para a individualização e o aprofundamento? Relembrando Virílio, estaremos presenciando o fim do tempo humano compartilhado? Um caminho seria pensar que a figurinha, imagem sem mediador, faz com que o usuário se torne o próprio herói da narrativa daquela imagem. Mas vale pensar as implicações disso quando se tratam de imagens que não tem *studium* nem *punctum*, imagens sem contextualização maior e sem subjetivação individual.

O envio ininterrupto de figurinhas para criar uma conversa coletiva fez com que todos se removessem em espírito do pátio escuro em que estávamos sentados, para consumir de forma meramente visual o conteúdo que se desenrolava na tela. Não se estabelecia relações entre os anônimos à volta, e em vez disso o ar era repleto de meias-risadas a frases acompanhadas de imagens reluzentes imprimindo o vago desconforto de todos

ali, a quem foi pedido um compartilhamento, uma vivência do subjetivo em coletivo. Quando a performance acabou, as luzes se acenderam e olhamos em volta. Assim como quando participei dela quatro anos atrás, todos se levantaram silenciosamente e começaram a sair, o barulho de conversa se iniciando apenas quando deixaram o espaço imediato da apresentação.

Lembro de me sentir estranha quando as luzes se acenderam no Rio de Janeiro, como que acordando de um devaneio rápido, vendo desconhecidos à minha volta com quem segundos antes eu conversava sobre coisas tão pessoais - coisas como a idade que tinha quando percebi pela primeira vez que iria morrer. Agora não me sentia mais estranha. Pelo contrário, a triste familiaridade do entretenimento humorístico incessante se fazia confortável em minha pele. Despertei não de um devaneio mas de um sono, o mesmo sono que ocorre na dissociação vivenciada em uma reunião de zoom onde toda sua pessoa é reduzida à uma imagem. Vivemos, por uma hora, lado a lado e dentro do tempo virtual, falando sobre nada.

PS: Aproveito para pontuar que quando colocadas como objeto intencional do diálogo, as figurinhas podem criar uma estética própria de narração muito interessante - como demonstrado pelo grupo de whatsapp "É proibido escrever", no qual as pessoas se comunicam exclusivamente por figurinhas e constroem linhas de conversa que unem texto e imagem em um ambiente de anonimato.



Alou?

Alou? Vocês mortos, vivem?

Alou? Eu poderia falar com o Dias?

Sim, é Dias, não Deus. Algumas vogais mudam tudo. Aliás, é alou com “u” mesmo. E sempre com um silêncio depois. É um robô, eu acho. Deve ser. Sempre é.

Dias, queria saber se ainda é possível ser silencioso, você tem alguma ideia?

Dias, em 2021 me sinto mais solitário do que em 2020. Mas essa é outra carta...

Desculpe o mau jeito, ninguém mais me liga, a não ser robôs procurando algum outro nome que não o meu. E eu sempre atendo, fico quieto a me perguntar quem foi que gravou aquela voz que dá alou para todo mundo e se ela sobreviveu a esses anos, ou se é uma voz que agora fala comigo do além-túmulo. No mesmo aparelho celular, vejo que a rede social do artista ganhou dez mil seguidores uma semana após sua morte e me lembro que o Facebook fez de tudo para que eu transformasse a página da minha mãe morta em um memorial para ela. Em janeiro de 2018, antes da pandemia, o Facebook era o cemitério de 50 milhões de pessoas-perfis-lápides. Hoje, penso nas redes sociais, nesses aparelhos que somos obrigados a trocar a cada ano como gigantescos cemitérios móveis, nos quais ficamos esperando alguma mensagem do além na forma de direct. Será que é por isso que eles ficam cada dia mais caros? Lembro também que fiquei chocado com o valor dos metros de terra para enterrar o corpo da minha mãe, então talvez os celulares também encareçam pelo peso crescentes de suas lápides virtuais.

A Lygia Clark que, mais velha, parecia minha avó paterna mais nova, também deu um alou para o vazio quando escreveu uma linda carta para um artista já morto, uma carta que hoje virou bibliografia básica dos cursos de artes. Lygia Clark escreveu para um Mondrian morto porque aprendeu mesmo a gostar dele ou porque não tinha ninguém vivo com quem ela pudesse falar? Talvez ela soubesse que a arte precisa falar mais com os mortos do que com os vivos para conseguir se descolar de seu tempo. Talvez ela também soubesse que é preciso forçar a comunicação com os estranhos, com aqueles que você não tem nada a ver, forçando-se a gostar deles, a ouvi-los. A carta, o telefonema e a mensagem de voz longuíssima ouvida em tempo dobrado não poderiam ser também um modo de fazer as pazes com quem já não está mais?

É claro, se eu te dissesse que se comunicar com fantasmas deveria ser a função primeira da arte, você riria de mim. Mas e ela que morreu? E ele que tirou a vida? E isso que acaba bem quando o mundo recomeça? E aquilo que desaparece quando ia explodir?

Explico: eu, pessoalmente, nunca acreditei muito no poder de transformação da arte. Pega mal, eu sei, talvez você já esteja passando para a próxima ligação. Mas acho que é por isso mesmo que tento falar contigo. Para mim, arte é uma espécie de tubo de ensaio, de liquidificador, só que operada mais por uma criança do que por um cientista. Não há uma fórmula ou receita do que geraria um mundo melhor (caso houvesse, seríamos péssimos na medida) e mesmo o desejo de gerá-lo não parece ser o suficiente. A gente junta umas coisas, aproxima outras com intenções mais ou menos claras e confia que aquele lugar qualquer será nossa terra por um tempo. Para isso, é preciso menos acreditar no mundo de amanhã e mais falar com o que já se desfez ontem. Falar com o invisível sem esperar por resposta. Hilda Hilst tentando achar a Clarice Lispector no além, tendo nada com o que se expressar junto da obrigação de expressar. E os fantasmas não vão se transformar, sabemos disso. Eles já largaram a matéria: o mundo das coisas que se vire. Então, nessa conversa, não há poder de transformação. Há tentativa, talvez em vão.

No momento em que falo, parece que, enfim, saímos daquilo que apenas deveria durar 14 dias. Um momento de retorno como esse deveria ser um momento de celebração dos encontros (e talvez esteja sendo mesmo, me parece). Mas eu sinto esse retorno amargo, como se estivéssemos fingindo termos sido tragados de volta para 2019, revivendo, ao mesmo tempo, todos os que se foram e jogando para debaixo do tapete o trauma desses quase dois anos de frustração e impasse em tantos âmbitos da vida, os sobe e desce, chove-não-molha, do edredom ao edredom. Lembro-me dos textos quase diários dos primeiros dias que prometiam que sairíamos diferentes dessa, que entenderíamos tudo. Eu tento ouvir aqueles que não tiveram tempo de falar e prometer esse mundo melhor.

Mas a arte não deixa barato, como de costume. Indo essa semana para a casa de minha vó, tomada pela cegueira ao longo desses 22 meses fora do mundo, dei-me conta que esse momento marca, para mim, muito mais uma celebração da solitude do que uma celebração do reencontro. Quando cheguei, minha vó sabia que eu e meu marido estávamos lá; chorou de emoção e nos abraçou, mas não viu os mesmos corpos que via em 2019. Falava várias vezes: "só vejo seus vultos". Acho que ela nomeou bem a

situação toda: rever, nesse momento, envolve perceber que não se vê bem, ou que o que se vê é necessariamente outra coisa, moldada em um país no qual houve um dia em que anoiteceu muito cedo e outro em que um museu pegou fogo. Isso cria uma camada de cinzas que não se dissolve e cria algo permanente entre o corpo que olha e o corpo que é olhado. Esse algo, máscara cinza plástico invisível, distancia-me daquilo que eu veria, torna-me mais solitário que antes. Talvez por isso essa questão da solidão tenha me tomado há algum tempo. Não é solidão, é *solitude*, pois há também alguma paz no reconhecimento desse espaço.

Entre esparsas conversas eufóricas e abraços desajeitados em aberturas de exposição, na qual reafirmamos estarmos vivos e nos surpreendemos pelo fato de que a pessoa que nos ouve também está, ando pelos espaços expositivos mais só do que antes. Na última *live* que fiz, estava sentado, só, em um teatro de centenas de lugares ao lado de diversas câmeras, imaginando quem ou o que poderia estar vendo aquela imagem transmitida, mais chapada, atrasada e com menos cor. Eu, dirigindo só na plateia; o performer atuando para alguém que não eu; o público solitário ou em pequenos núcleos em suas casas.

É a morte que nos conta tudo, silenciosa palestrante: a ausência das pessoas, em dado momento, nos coloca em encontro com a solidão. Novamente: não é solidão, pois há um certo acerto de contas, uma calma estranha. Descobre-se ela nos fins, como quando Paul Auster ou Roland Barthes tentaram compreender a morte de seus pais através das fotos que restaram nas casas vazias, pinçados por algo estranho e sem nome entre a vida e a morte. Foi também aquela morte no meio da tarde que me causou um baque profundo, como se um corredor, somente após tropeçar, soubesse que sua queda seria menor se tivesse andado mais devagar. Mas o que aconteceu foi um mergulho na noite escura, em meio a pontos como estrelas, com o corpo jogado em lugar nenhum, esperando voltar para a terra.

Vejo essa superfície preta e dura e lembro que foi você quem disse que o caminho da arte era muito complicado, muito difícil. Parece que posso entrar nessa superfície, mas é só impressão. É uma tela com tinta acima, um universo todo de durezas e limites. Você, com seus teatrinhos de cimento. Você, no Nepal. Você, que disse que lá a obra era sua forma de se comunicar sem a proximidade da língua. Você, que faz pessoas chorarem em uma Bienal lotada de esperança e leveza e resiliência de pedras. Talvez por isso você precise de uma sala só sua, como se não

fizesse parte daquilo tudo, como se já tivesse se despedido daquela esperança e mergulhado num retangular abismo preto.

E esse retangular abismo preto, quem diria, espelha-se em outro, muito recente. Por conta da morte recente de Jaider Esbell, Denilson Baniwa solicitou que todas as suas obras em exposição fossem encobertas por um pano preto, como símbolo do seu luto. Essa dor de hoje espelha algumas imagens da nossa história da arte brasileira. Olho para essas pinturas veladas pelo luto e lembro-me não apenas das suas telas de infinito preto, mas também “Repressão outra vez: eis o saldo” do outro Antonio, o Manuel, ainda vivo. A tela preta do luto, a tela preta da censura, a tela preta do infinito. Obras nas quais a comunicação está interrompida, nas quais fica claro que não falamos a mesma língua, nas quais é preciso aceitar o silêncio e a fuga. E se Manuel ainda acreditava que um gesto podia revelar aquilo que estava escondido, dando dimensão ativa ao encobrimento da censura e fazendo ver os jornais, acho que agora a questão é outra. Trata-se de aceitar esse não ver, a retração, o que se cobre sobre o véu ou pede para ser ou ser mantido coberto. Seiscentas e dez mil pessoas atrás de nós e que não nos deixarão tão facilmente e também outras, por outros motivos, também atrás de nós, todas elas a sussurrar algo incompreensível. Nós andando para frente, elas e eles sussurrando nas nossas costas. Nós construindo territórios e o ar destruindo, lentamente, os belos monumentos.

Patri,

na biblioteca para a sua avó, enquanto um sinal daquilo que ainda há de vir, todos os livros estariam ligados entre si, como na sintonia entre suas falas, escutas e o mar. a biblioteca da minha avó é bem parecida com a da sua, composta por dois livros: um para rezar e outro para comer. o que quero dizer é que, para elas, não precisamos inventar nada além do que já está.

repare em nosso giro: ao falar sobre um tempo por vir, olhamos para nossas avós. penso que tudo o que a minha avó tentou me ensinar foi sobre paciência. difícil é saber se já aprendi algo ou não, pois ela só pode ser percebida por meio daquilo que não se explica. a paciência preenche as lacunas entre o possível e o impossível; um ponto de articulação. assim como tudo aquilo que ainda esperamos, a paciência é um improvável.

um beijo,
Dani

~~parte . capitalismo . prata .
primeira . paraguai . para-
guaaios . fazenda . certo . 30
anos . 3 . trator . 3 vezes . 4 .
caminhão . lugar . filho .
Nilton . Francisco . porteira
passar . família . corrente
Jonathan . Valmir . espin-
garda . fazendeiros . recu-
perar . branco . canavial .
usina . vice . capitão . meu
Deus . Sidney . Ricardo de
Souza . adultos . quinto~~

~~Souza . adultos . quinta .~~
~~cemitério . retomada .~~
~~bugre . 1 milhão . banco .~~
~~valor . mandava . segu-~~
~~rança . Gaspem . Reginal-~~
~~do . Wagner Freitas de~~
~~Souza . SPI . 18 pessoas . 12~~
~~. 14 . disparar . chutar . cruz~~
~~. guerreiro . telefone . 1928~~
~~. cambiar . 1934 . 12 anos .~~
~~reunião . ajuda . nascemos~~
~~. pistoleiros . muitos .~~
~~Dilma . saber . Elana . arma~~
~~colo do deputado . cento~~

~~. sala do deputado . conta .~~
~~erva-mate . motoca . pro-~~
~~dutores . Marechal~~
~~Rondon . pensamento .~~
~~Nísio . lotes . 42 . 48 . 56 .~~
~~presidente . Getúlio~~
~~Vargas . 1947 . despejar .~~
~~337 hectares . 80 . missão .~~
~~carregou . moto . ligar .~~
~~senador . aula . capitalista~~
~~. acultural . 50 . 100 . de-~~
~~marcado . vídeo . presas .~~
~~sentir . antes .~~

Carta a quem me lê

O português não separa tempo de dádiva. Escolher algo para oferecer partilha do mesmo verbete de colocar-se diante de e fazer-se participante, todos verbos ativos. Presente é, talvez, atividade: talvez ativação - tornar matéria. Se encararmos o presente como um tecido esburacado - que cobre e revela aspectos de algo que muda a todo instante conforme a gente se move ao seu redor -, constataremos que ver, ouvir, tocar, cheirar, saborear são constâncias (ainda que em algum momento sofram alguma interrupção) que fazem com que, de vez em quando, observemos o mundo enquanto entidade alienígena: vê-se com os intestinos, ouve-se com a pele, toca-se com os ossos, saboreia-se com as genitais, desenvolve-se um nariz em cada poro. A lupa proporcionada por essas situações organiza um estranho entendimento de que "estar aqui" é antes uma troca, compromissada, com o indefinível que é "aqui" - um engajamento com o tempo, com a ação, com o espaço. As anotações que aqui se seguem são relativas direta e indiretamente aos trabalhos apresentados ao longo da revista, como exercício de materializar pensamentos, referências e apresentações que possam construir uma ponte entre o tempo de acontecimento da leitura dos materiais aqui ofertados com afetos e aventuras futuras que permitam a continuidade do movimento desse tecido-presente, construindo um aqui que se expanda em zigue-zague por diferentes margens.

Anotação 1

Como um regalo até que a terceira edição da **presente** ficasse pronta, em 27 de Dezembro de 2021 compartilhamos a peça sonora feita pela artista Renata de Bonis, produzida especialmente para esta edição como uma espécie de abertura de caminhos para o ano que se avizinhava, chamada Counterbalance / Contrapeso, 2021. O trabalho resulta da apropriação e montagem de trechos de filmes e trilhas em que alguém convida outro alguém para dançar. Na exegese, dentro do contexto fílmico, cada convite pode ou não ter sido aceito. No presente, cada pessoa pode escolher aceitar ou não essas dezenas de convites em aberto. A peça segue disponível no link abaixo: <https://soundcloud.com/renata-de-bonis/counterbalance-contrapeso>

Anotação 2

Desde que o mastro da bandeira do MAR [Museu de Arte do Rio] foi restaurado em 2018, o museu vem comissionando projetos de artistas para içar

bandeiras - é um meio de marcar o posicionamento sociocultural e político da instituição frente a uma série de enfrentamentos e discussões pertinentes à sociedade. A artista Sonia Gomes foi uma das pessoas convidadas para o projeto, tendo sua bandeira hasteada no dia 13 de Maio, dia que marca a assinatura da famigerada lei Áurea no Brasil. A imagem criada atualiza a feitura dos patuás e a herança dos trabalhos manuais femininos, traçando esse presente espesso entre práticas ancestrais afro-centradas e poéticas contemporâneas. A bandeira foi produzida junto a uma costureira parceira do museu.

Anotação 3

Durante a escrita dos textos que deram origem a uma de suas principais obras "Eichmann em Jerusalém - Um ensaio sobre a banalidade do mal", Hannah Arendt, na cobertura do julgamento de Eichmann - acusado por esquematizar a morte de mil milhares de pessoas durante o Holocausto, entre elas judeus, ciganos, homossexuais e opositores políticos -, se pergunta que tipo de pessoa era aquele homem que, para sua surpresa, ao se apresentar, coloca-se como um cidadão à serviço de seu dever. *Um bom cidadão*. Não era um monstro, anota Arendt, mas um homem absoluta e medonhamente normal. Eichmann nada mais era que um burocrata, um respeitador das regras e, porque não, um trabalhador com alto desempenho. A preocupação em executar com eficiência a tarefa que lhe foi designada inibiu em Eichmann qualquer pensamento crítico acerca do que lhe estava sendo pedido, ao ponto de não se sentir responsável pelo ocorrido: apenas cumpria seu trabalho e tratou de fazê-lo bem feito. Evitou qualquer desvio, mesmo que esse desvio fosse capaz de salvar um punhado de vidas - não fora contratado para pensar, que dirá para ter arroubos compassivos. Para ele, importava mostrar-se eficiente. Algumas das questões que podem ser levantadas então, a partir da leitura destes textos de Hannah Arendt, são: o quão distante estamos dessa lógica (em larga e curta escala) em nossa atuação cotidiana? Quem se beneficia com a nossa eficiência? O que, no estado de coisas em que vivemos, significa ser eficiente?

Anotação 4

Ama Josephine Budge é uma escritora de ficção especulativa, artista, curadora e *pleasure activist* (movimento desdobrado do pensamento feminista

negro, que acredita que as lutas sociais precisam ser, antes de tudo, não mais uma forma de trabalho, mas uma ação coletiva que é capaz de gerar prazer em estar junto, prezando principalmente pelas práticas de cuidado). Sua pesquisa navega entre aspectos íntimos da exploração racial, artes, ecologia e feminismo, trabalhando na ativação de movimentos que possam ser catalisadores para questões caras aos direitos humanos, desenvolvimento sustentável e identidade *Queer*. O texto da autora apresentado nesta edição, *The City that Wages Love* [A cidade que declara o amor], foi originalmente publicado na *The Architecture Review*, em Novembro de 2021. Foi traduzido para o português por Paloma Durante, com revisão e acompanhamento de Bárbara Mastrobuono e Ama Josephine Budge. O texto original, em inglês, pode ser acessado pelo link abaixo, assim como sua versão em Twi:

<https://www.architectural-review.com/essays/accra-rises-up-for-the-ones-it-loves>

Anotação 5

Prato típico ganense, a *Kelewele* é uma receita de banana da terra frita com especiarias. Já o *Banku* é um tipo de bolinho, preparado com a fermentação da mistura da farinha de milho com a farinha de mandioca. Costuma ser servido, principalmente, em ensopados de quiabo ou com molho apimentado.

Nyankonton, em tradução literal, é arco-íris. Mas a etimologia, provinda do conjunto de línguas Acãs (comum nas regiões do golfo da Guiné), associa este “arco no céu” como sendo a própria manifestação do divino.

Anotação 6

O filme *Maksuara - O Crepúsculo dos Deuses* foi produzido em 2007 por Neville d’Almeida, com co-direção de Tamur Aimara. Entre o documental e a ficção, o filme narra a relação harmônica entre os povos da floresta e o meio ambiente, em contraponto com o projeto de aculturação, devastação e morte a eles aplicados. Essas tensões vão sendo apresentadas ao longo do filme por meio da jornada de Maksuara ao chegar na cidade grande.

Anotação 7

“ (...) Nessa leitura de realidade atual, a arte entre os indígenas representa em sua máxima capacidade o acesso ao mundo complementar que representa a falta de sentido que há no mundo moderno, no mundo-força

que dominou e em que se evidencia o colapso. A arte indígena contemporânea nesse sentido está para muito além das molduras e estruturas. (...) Os propósitos da arte indígena contemporânea vão muito além do assimilar e usufruir de estruturas econômicas, icônicas e midiáticas. A arte indígena contemporânea é, sim, um caso específico de empoderamento no campo cosmológico de pensar a humanidade e o meio ambiente (...)" Jaider Esbell em texto para a revista *Select*, de 2018, intitulado *Arte indígena contemporânea e o grande mundo*.

Anotação 8

Com produção em diversas linguagens, o coletivo Birico foi criado como forma de suportar e gerar renda emergencial para artistas e pessoas em situação de vulnerabilidade na região da Cracolândia, durante a pandemia de Covid-19. É um coletivo articulado com outros coletivos e projetos da região, como o coletivo Tem Sentimento, o Pagode na Lata e o teatro de contêiner da Cia Mungunzá. A ressonância dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo culminou na mostra coletiva *Birico - Poéticas autônomas* em fluxo, ocorrida no SESC Bom Retiro, que conta com 158 obras de 40 artistas e colaboradores, entre elas intervenções, fotografias, peças gráficas e sonoras.

Anotação 9

A carta-obra de Bruno Novaes é o desdobramento de sua *Escola de faz-de-conta*, projeto artístico pedagógico que busca, por meio de práticas compartilhadas entre artistas, pesquisadores e público, pensar modelos para uma escola do agora.

Anotação 10

O *Ebó*, dentro do contexto das religiões de origem afro-brasileiras, é uma oferenda dedicada à uma divindade, seja como forma de oferenda para abertura de caminhos e pedidos de realizações, seja como agradecimento. Tradicionalmente, o Ebó tem como base o milho de canjica cozido sem tempero, considerado uma comida sagrada. O *Orí*, por sua vez, vem do idioma Iorubá e significa cabeça, mas não a cabeça cartesiana, própria do pensamento Ocidental, e sim a da intuição espiritual, que tem como representação a cabeça física. O Orí é a manifestação do Orixá que nos acompanha desde o dia do nosso nascimento até a nossa morte, o nosso primeiro contato com a ideia de uma existência singular no mundo. Também

está associado ao nosso destino, ao mesmo tempo que nos conecta com a nossa ancestralidade. E para finalizar, o *Sankofa*, palavra advinda dos povos de língua Acã, é parte de um conjunto de ideogramas chamados de *Adinkra*, representado por um pássaro que volta sua cabeça para a própria cauda. A tradução próxima para este símbolo é “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.

Anotação 11

O poema de Ana Martins Marques publicado nesta edição foi originalmente produzido para o projeto *Precisões: Descrever é ver junto*, do Instituto Tomie Ohtake, no qual pessoas com diferentes atuações no campo das artes foram convidadas para pensar procedimentos de transcrição de obras selecionadas.

Anotação 12

O trabalho *Presente*, de Livia Aquino, é composto por uma série de excertos de diferentes autoras em que a palavra presente se dá a ler enquanto presença, enquanto dádiva e enquanto temporalidade. A composição de uma nova escritura a partir de palavras já ditas é uma maneira de criar diálogos entre estas falas, que vão se amalgamando no corpo de quem as está lendo por meio da própria ação da leitura. Os excertos foram retirados dos seguintes livros:

Susan Sontag: *Contra interpretação*; Angela Davis: *Mulheres, Raça e Classe*; Maria Rita Kehl: *Deslocamentos do Feminino*; Djamila Ribeiro: *Manual Antirracista*; Maya Angelou: *Carta à minha filha*; Jamaica Kincaid: *A autobiografia da minha mãe*; Clarice Lispector: *Água Viva*; Clarissa Pinkola Estés: *Mulheres que correm com os lobos*; Silvia Federicci: *O calibã e a bruxa*; Clarice Lispector: *A hora da estrela*; Bell Hooks: *Olhares Negros*; Susan Sontag: *Diários*; Clarice Lispector: *O lustre*; Simone de Beauvoir: *O segundo sexo / Experiência vivida*; Marcia Tiburi: *Ridículo político*; Jota Mombaça: *Não vão nos matar agora*; Bell Hooks: *O feminismo é para todos*; Silvia Federicci: *Mulheres e a caça às bruxas*; Rosa Monteiro: *Nós, mulheres*; Amara Moira: *Vida trans*; Simone de Beauvoir: *O segundo sexo / Fatos e mitos*; Bianca de Santana: *Quando me descobri negra*; Silvia Federicci: *O ponto zero da revolução*; Eliane Brum: *Brasil, construtor de ruínas*; Rebecca Solnit: *De quem é esta história*; Françoise Vergés: *Um feminismo decolonial*; Conceição Evaristo: *Olhos d'água*.

Anotação 13

O poema de Edgar Calel foi originalmente escrito no idioma Kaqchikel, língua ameríndia proveniente dos Kaquchiquel, um dos povos originários da Guatemala.

Anotação 14

Na série *Museu Imaginário* (2018 - em processo), Leandro Muniz desenha esculturas, organizando cada um dos trabalhos por artistas, diferentes ângulos da mesma obra, grupos temáticos ou formais e vistas de ateliês e exposições. O título é uma apropriação do livro de André Malraux (1947), que fotografava imagens de diferentes momentos da história da arte, constituindo uma narrativa múltipla e polissêmica, assim como seu texto. Muniz atua como artista e curador e, em seu Museu, ao mesmo tempo, homenageia e tece um pensamento crítico sobre obras que admira ao replicar ou distorcer relações de escala, materialidade e cor, estabelecendo novas associações entre elas e o conjunto de desenhos.

Anotação 15

Stefania Pelusi vive entre Itália, Estados Unidos e Brasil e, enquanto colecionadora, busca na arte formas de conhecimento do presente. A sua prática acaba rememorando o sentido original das primeiras coleções - o gabinete extraordinário nos quais se podiam encontrar fragmentos de mundo, pequenos sistemas e combinações que pudessem revelar um saber que por vezes escapa ao verbo - a materialidade para alcançar a transcendência. A convite da revista, Stefania, não à toa, nos apresenta um excerto de John Donne, um dos maiores poetas metafísicos de sua época, a quem a relação entre matéria e espírito nunca se deu enquanto oposição e sim enquanto celebração.

Anotação 16

A imagem onírica é uma causa sem causa, e o que explicita a sua não causalidade é justamente seu caráter metafísico, sua novidade, sua capacidade de atualização e hierofania. É o espaço afetivo no interior das coisas, que se manifesta não enquanto memória de um fato, mas uma memória-imaginação, um campo aberto para significações.

Anotação 17

O trabalho *Martírio* é composto da anotação das palavras pronunciadas em português pelos indígenas Guarani Kaiowá no documentário *Martírio*, de Vincent Carelli, todas palavras potencialmente violentas. Transformadas em imagem-texto, as palavras foram dispostas na mesma ordem de aparição do filme, construindo não só uma espécie de ritmo, mas a narrativa clara e direta de seu contexto conflituoso.

Sumé Aguiar

Abya Yala, 2020.
Fotoperformance
Registro: Anis Yaguar
Sertão de Mambucaba, RJ

Sonia Gomes

Andando em círculo, 2021
Projeto realizado para o
Museu de Arte do Rio (MAR)
Fotografia do projeto: Bruno
Leão
Fotografias da ação: Benoit
Fournier

Anna Maria Maiolino

Sem título, 2007
Cimento moldado com
pigmento sobre crisol de
fundição
Medidas aprox.: 36 x 6cm /
75 x 47cm

Gustavo Caboco

Cristo: não apagarão nossa
memória", parte da série
de intervenções registradas
em foto e vídeo durante
o "ateliê em deslocamento",
apresentado na instalação
"Kanau'Kyba", comissionada
pela a 34ª Bienal de São
Paulo, 2021

**Referência das imagens
da correspondência entre
Gustavo Caboco e Idjahure
Kadiwéu**

Frame do filme "Maksuara
- Crepúsculo dos deuses", de
Neville d'Almeida, 2007
Foto: arquivo pessoal Mac
Suara Kadiwéu

Birico Arte [Dentinho]

Fluxo CapacitaDor Dia, 2017
Fotografia digital

Bruno Novaes

detalhe de Diário de Classe,
desde 2015
esferográfica, carbono
e corretivo sobre papel;
encadernação brochura capa
dura
34x22cm (fechado) cada
volume – atualmente 16.

Ebó de Palavras

Tornar-se preta, 2021
Fotografia digital

Ato 2 - Ebó de palavras
Registro de ação
Fotografia digital

Gaya Rachel

ALGUÉM VEM COMIGO?, 2020
Bordado em tecido e linha
de algodão sobre chassi.
45x65cm

VOCÊ VEM COMIGO?, 2020
Bordado em tecido e linha
de algodão sobre chassi.
45x65cm

Elen Braga

A seduzida, 2021
Colagem digital

Gokula Stoffel

Caminho se conhece andando,
2021
Fotografia digital

Coletivo Dodecafônico

Elástico Invisível, 2016
Registro: Ierê Papá

Elástico Invisível, 2016
Registro: Ierê Papá

Edgar Calel

Bastidor, 2020
Carvão sobre papel
21cm X 29.5cm

Kupilaj, 2020
Carvão sobre papel
29.5cm X 21 cm

Cortesia do artista e
do Projetos Ultravioleta,
Cidade da Guatemala

Leandro Muniz

da série Museu imaginário,
2018 - em processo
Desenho

Raphaela Melsohn

Lygia, obrigada pelo teu
ovo, 2019
Gravura em metal
Maria, tentei te escrever
desenhando uma escultura,
2021
Gravura em metal

Brisa Noronha

Promessa, 2021
Porcelana
70 x 15 x 15 cm

Julia Cavazzini

Sem título - foto tirada
pelo avô da autora, em
torno dos anos 70/80
Fotografia
Acervo pessoal

Aislan Pankararu

O que é?, 2021
Pintura com tinta acrílica
finalizada com caneta posca.
30x30 cm

**Registro de montagem da
34ª Bienal de São Paulo
feito por Jacopo Crivelli
Visconti**

Renan Marcondes

Fotografia apropriada
da internet e editada
digitalmente pelo autor,
2021.

Luísa Brandelli

Martírio, 2021
Imagem digital

Vitor César

Desenho da capa, folha
de rosto e encerramento
da publicação.

Proposição de **Anna Maria Maiolino e Paulo Miyada**
 Edição **Paloma Durante**
 Projeto gráfico **Vitor Cesar**
 Diagramação **Samuel Tomé**
 Tradução para o inglês **Barbara Wagner Mastrobuono**

Participações edição de fevereiro de 2022

Aislan Pankararu, Ama Josephine Budge, Ana Martins Marques, Anna Maria Maiolino, Bárbara Mastrobuono, Birico Arte, Bruno Novaes, Brisa Noronha, Coletivo Dodecafônico, Daniela Avelar, Ebó de Palavras, Edgar Calel, Elen Braga, Galciani Neves, Gaya Rachel, Gokula Stoffel, Gustavo Caboco, Idjahure Kadiwéu, Jacopo Crivelli Visconti, Julia Cavazzini, Leandro Muniz, Livia Aquino, Livia Gonzaga, Luísa Brandelli, Patrícia Galelli, Paulo Miyada, Pedro França, Raphaela Melsohn, Renan Marcondes, Renata de Bonis, Sonia Gomes, Stefania Pelusi, Sumé Aguiar, Vitor César

presente é diagramada
 em papel tamanho Carta
 [279,4 x 216mm]; para
 impressões em papel
 tamanho A4 [297 x 210mm)
 recomendamos configurar
 a impressora para ajustar
 o conteúdo às dimensões
 da página.

contatorevistapresente@gmail.com
 presentepresente.com

[illegible]